

organizadora
Simoni Urnau Bonfiglio

PSICOLOGIA DA GESTALT

interação entre campos
interconectados

organizadora
Simoni Urnau Bonfiglio

PSICOLOGIA DA GESTALT

interação entre campos
interconectados



2020

São Paulo

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

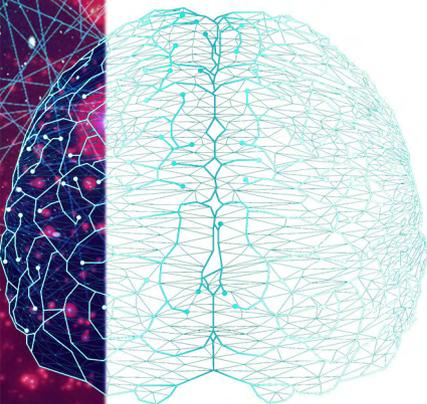
Copyright do texto © 2020 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2020 Pimenta Cultural.

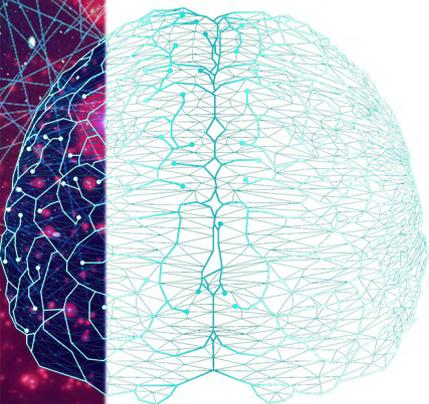
Esta obra é licenciada por uma *Licença Creative Commons: by-nc-nd*. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Adilson Cristiano Habowski, Universidade La Salle, Brasil.
 Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
 Alexandre Antonio Timbane, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.
 Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil.
 Aline Corso, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.
 Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
 André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina / Faculdade Avantis, Brasil.
 Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
 Andrezza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
 Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil.
 Anísio Batista Pereira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
 Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
 Bárbara Amaral da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
 Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil.
 Bernadette Beber, Faculdade Avantis, Brasil.
 Bianca Gabriely Ferreira Silva, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
 Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Universidade do Vale do Itajaí, Brasil.
 Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
 Carolina Fontana da Silva, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
 Cleonice de Fátima Martins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.
 Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil.
 Dayse Sampaio Lopes Borges, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil.
 Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil.
 Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil.
 Doris Roncareli, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
 Ederson Silveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
 Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
 Elaine Santana de Souza, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil.



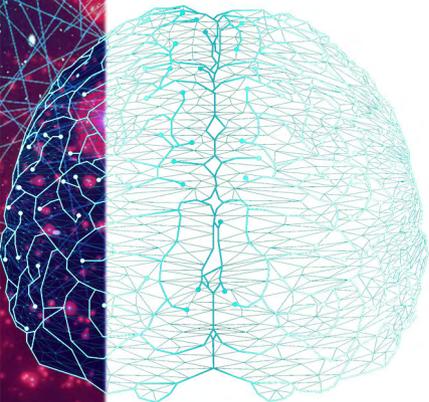
Elisiene Borges Leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil.
Elizabeth de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil.
Emanoel Cesar Pires Assis, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.
Fabiano Antonio Melo, Universidade de Brasília, Brasil.
Felipe Henrique Monteiro Oliveira, Universidade de São Paulo, Brasil.
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil.
Gabiella Eldereti Machado, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil.
Handherson Leylton Costa Damasceno, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Heliton Diego Lau, Universidade Federal do Paraná, Brasil.
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil.
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil.
Jeronimo Becker Flores, Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
João Henriques de Sousa Junior, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil.
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil.
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil.
Junior César Ferreira de Castro, Universidade de Brasília, Brasil.
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Katia Bruginiski Mulik, Universidade de São Paulo / Secretaria de Estado da Educação-PR, Brasil.
Laionel Vieira da Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
Lidia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal.
Litiéli Wollmann Schutz, Universidade Federal Santa Maria, Brasil.
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil.
Lucas Martinez, Universidade Federal Santa Maria, Brasil.
Lucas Rodrigues Lopes, Faculdade de Tecnologia de Mogi Mirim, Brasil.
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás / Instituto Federal de Goiás, Brasil.
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
Marcia Raika Silva Lima, Universidade Federal do Piauí, Brasil.
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil.
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil.
Marcos dos Reis Batista, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil.
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal.
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil.
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Maurício Silva, Universidade Nove de Julho, Brasil.



Michele Marcelo Silva Bortolai, Universidade de São Paulo, Brasil.
Miderson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil.
Miriam Leite Farias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Patricia Biegging, Universidade de São Paulo, Brasil.
Patricia Flavia Mota, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
Patricia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal.
Ramofly Bicalho dos Santos, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil.
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Ricardo Luiz de Bittencourt, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil.
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal.
Robson Teles Gomes, Universidade Católica de Pernambuco, Brasil.
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil.
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil.
Tadeu João Ribeiro Baptista, Universidade Federal de Goiás, Brasil.
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Tayson Ribeiro Teles, Instituto Federal do Acre, Brasil.
Thais Karina Souza do Nascimento, Universidade Federal do Pará, Brasil.
Thiago Barbosa Soares, Universidade Federal do Tocantins, Brasil.
Thiago Soares de Oliveira, Instituto Federal Fluminense, Brasil.
Valdemar Valente Júnior, Universidade Castelo Branco, Brasil.
Valeska Maria Fortes de Oliveira, Universidade Federal Santa Maria, Brasil.
Vanessa de Andrade Lira dos Santos, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.
Vania Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Wellton da Silva de Fátima, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Wilder Kleber Fernandes de Santana, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas Marcelo Eyng
Diretor de criação Raul Inácio Busarello
Assistente de arte Ligia Andrade Machado
Imagens da capa GarryKillian/Freepik, Freepik, Pixabay
Editora executiva Patricia Bieging
Revisão Os autores e as autoras
Organizadora Simoni Urnau Bonfiglio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia da gestalt: interação entre campos interconectados.
Simoni Urnau Bonfiglio - organizadora. São Paulo: Pimenta
Cultural, 2020. 198p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-86371-13-0

1. Psicologia. 2. Gestalt. 3. Interação. 4. Interconexão.
5. Gestalt-terapia. I. Bonfiglio, Simoni Urnau. II. Título.

CDU: 159.9
CDD: 150

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.130

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

 **pimenta
cultural**
2 0 2 0



SUMÁRIO

Prefácio 8

Simoni Urnau Bonfiglio

Capítulo 1

**Katherine: a personagem
que ressignifica uma história** 13

Katherine: the character that means a story

Amanda Larissa Neves de Moura

Simoni Urnau Bonfiglio

Capítulo 2

**Bem me quer, mal me quer:
os desafios enfrentados por crianças
no processo de adoção** 35

*Well want me, bad want me: the challenges
children face in the adoption processo*

Ana Paula dos Santos

Simoni Urnau Bonfiglio

Capítulo 3

Psicólogo (a) policial civil: que fazer é esse? 59

Civil police psychologist: what to do is that?

Cinthia Voss Nascimento

Simoni Urnau Bonfiglio

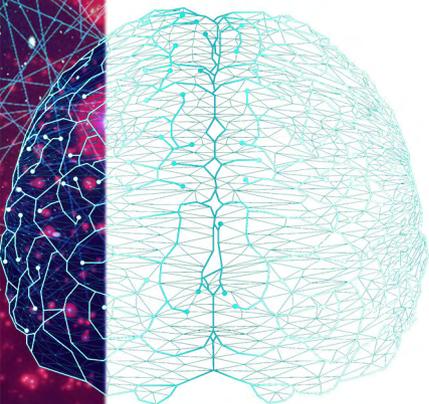
Capítulo 4

**A relação terapêutica sob a ótica
da gestalt-terapia** 81

Therapeutic relationship under the gestalt-therapy optics

Leidiane Weber

Simoni Urnau Bonfiglio



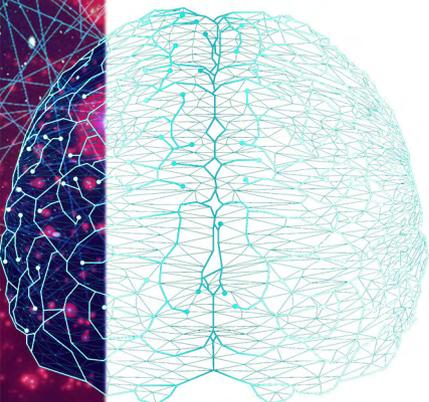
Capítulo 5

**O contato na relação terapêutica
sob a ótica da gestalt-terapia..... 106***Contact in therapeutic relationships from gestalt therapy**Maria Alice Zimmermann**Simoni Urnau Bonfiglio*

Capítulo 6

**Aurora ou Rosa - a Bela Adormecida:
revisitando o conto de fadas
sobre o olhar da gestalt-terapia..... 138***Aurora or rosa – sleeping beauty:
revisiting the fairy tale on the gestalt therapy look**Maria Isadora de Souza Quintino**Simoni Urnau Bonfiglio*

Capítulo 7

**Espiritualidade muito além de uma crença:
olhando o mundo interno
na perspectiva da gestalt 165***Spirituality beyond belief: looking at the inner
world from the gestalt perspective**Tiago Boing**Simoni Urnau Bonfiglio***Sobre os autores e as autoras 194****Índice remissivo..... 196**

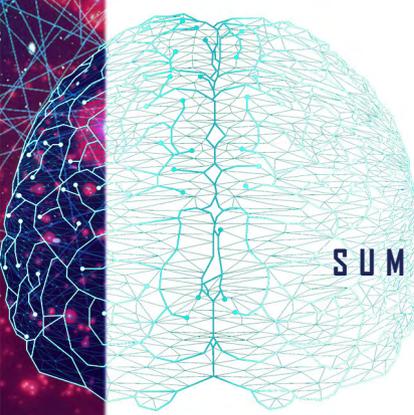
PREFÁCIO

SOBRE A PSICOLOGIA DA GESTALT E A GESTALT-TERAPIA - INTERAÇÕES ENTRE CAMPOS

A presente obra traz em seu bojo as várias percepções, e os diversos saberes da psicologia da Gestalt e da Gestalt-terapia, levando em conta os mais variados contextos e possibilidades de sua prática, tendo em vista uma visão de homem e mundo, na qual a Gestalt encontra-se presente, desmitificando sua atuação que a muito rompe os muros da clínica e que possibilita ao profissional que a estuda, uma atuação ampla e rica de ressignificações e aplicações.

A isso, leva-se em conta um sujeito no mundo, no qual seu contexto interfere e é interferido, em um movimento dialético de significação e ressignificação constante, entre o seu SER em Si e seu SER para Si. Neste sentido, o contato no aqui agora se faz presente em todos os contextos e relações, afinal este pressuposto é matéria prima para as interconexões, definindo a qualidade de todo processo, repleto de possibilidades e infinitas potencialidades.

A Psicologia da Gestalt surgiu no início da década de 50 a partir da reflexão de inúmeros estudiosos, tendo por seu representante maior Frederick Perls, um psicanalista nascido em Berlim em 1893, que aquecido por incômodos quanto à Psicanálise, busca uma reconfiguração teórica para a ciência da Psicologia e funda então a Gestalt-terapia.



SUMÁRIO

Inicia-se neste interím um estudo aprofundado quanto ao SER, de modo a olhar o humano sob a perspectiva da forma (significado da palavra gestalt), onde as partes são muito mais que elas, mas um TODO a ser significado.

Partindo deste pressuposto que esta obra se consolida, levando em conta que cada parte (capítulos), forma o todo (obra) sempre levando em conta que por estar em movimento de significação e ressignificação este todo nunca cesse (obra aberta e interminável).

Vale ressaltar que a referida obra é fruto de trabalhos desenvolvidos na conclusão do curso de Psicologia de um Centro Universitário de Santa Catarina/Brasil, e por ser desta forma os mesmos serão apresentados em formato de artigos, tal qual a apresentação à banca examinadora que após ajustes, encontra-se em sua forma integral. O trabalho em sua íntegra, teve orientação da Psicóloga Doutoranda Simoni Urnau Bonfiglio, docente responsável por esta etapa de formação que encontra-se como coautora e organizadora desta obra.

No capítulo um apresenta-se o artigo intitulado *Katherine: a personagem que ressignifica uma história*. Neste a autora analisa a criação de um livro de sua autoria, produzido a passados três anos, concomitantemente com seu processo de psicoterapia, e neste movimento, significa e ressignificar sua essência. Por meio deste estudo de caso, compreende que este recurso criativo (obra), mostra-se um grande instrumento para a *awareness* e constata que pode e deve ser utilizado na prática clínica em gestalt-terapia. Para isso, descreve seu processo concomitante com a história da personagem protagonista criada, alinhando teoria à prática, isto é, fundamentando cientificamente o desvelamento da identidade personagem/autora.

No segundo capítulo, temos o tema da adoção como ponte de reflexão, no qual as autoras descrevem o percurso histórico deste



SUMÁRIO

processo, o qual o foco central está em voltar o olhar à criança e os cuidados que devem ser despendidos para a mesma, apesar de ser claro que o transcurso é desgastante a todos os envolvidos. *Bem me quer, mal me quer: os desafios enfrentados por crianças no processo de adoção*, tem por objetivo compreender justamente estes desafios que estão imersos em diversas variáveis dos trâmites processuais e legais, onde a psicologia e o direito trilham este caminho de incertezas e subjetividades, aliando as duas ciências que podem e devem caminhar juntas.

Todavia, nesta mesma perspectiva, da psicologia jurídica, temos o artigo *Psicólogo (a) policial civil: que fazer é esse?* Neste terceiro capítulo apresenta-se os conceitos que permeiam a atuação do psicólogo neste campo de trabalho, e tem-se por referência uma delegacia do estado de Santa Catarina, estado este, que mostra-se pioneiro quanto a esta nomenclatura. O psicólogo aqui mostra-se atuante obedecendo a dois regimes, tanto do conselho ético da psicologia quanto às legislações do direito, relegando a este profissional a tarefa de transitar entre essas duas vertentes de modo a coadjuvar neste ambiente que depende deste profissional. Vale ressaltar que estas delegacias especializadas atendem crianças, adolescentes, mulheres e idosos em situação de risco e ou vulnerabilidade dos mais diversos.

Outrossim, no quarto capítulo que tem por título *A relação terapêutica sob a ótica da gestalt-terapia*, o intuito está em ampliar o olhar para este tema de modo a perscrutar a forma pela qual o paciente/ cliente e o psicoterapeuta trilham o caminho do processo de psicoterapia, de modo à propositar uma trajetória regada de autonomia que proporcionará o desenvolvimento de potencialidades e possibilidades tão necessárias para o percurso a ser trilhado. Neste estudo bibliográfico, constata-se que existe uma premência de publicações no que tange ao tema, já que a insipiência de materiais,



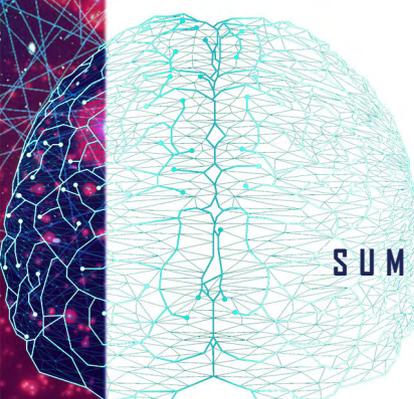
SUMÁRIO

levou a busca de obras já consolidadas como meios de justificar e compreender os conceitos que mostraram-se embutidos neste estudo.

Nesta perspectiva, com o título *O contato na relação terapêutica sob a ótica da gestalt – terapia* o olhar se volta a tal conceito que mostra-se de extrema relevância para a compreensão de todo o processo. O capítulo cinco, discorre sobre o contato e os elementos que o compõem, lembrando que na psicologia da gestalt os conceitos se inter cruzam em um movimento fluido no qual todos os elementos fazem parte de um mesmo processo. Para isso o problema central estava centrado em responder a seguinte pergunta problema: Qual é a função do contato na relação terapêutica? E ao findar tal pesquisa pode-se constatar que este não ocorre de forma isolada, depende outrossim da análise do campo, assim como de compreender o ajustamento criativo, tal qual apreender sobre o diálogo, conceitos que se mostram condicionantes para a integração de tal realidade.

No que tange o “mundo da fantasia” contamos com a obra intitulada *Aurora ou Rosa - a bela adormecida: revisitando o conto de fadas sobre o olhar da gestalt-terapia*. Nesta as autoras analisam o filme produzido pela Disney (1959) que mostra-se regado por infinitas cenas que retratam conteúdos psíquicos no que tange ao estabelecimento da identidade dos sujeitos, neste caso, Aurora/Rosa - autora. A tomada de consciência no que se refere a constituição da identidade foi o ponto crucial para a compreensão deste procedimento, e por meio disso, a ressignificação da própria personalidade ocorre, assimilando e integrando conteúdos antes não acessados. Este capítulo foi subdividido, levando em conta o enredo do filme, por isso os leitores perceberão que por vezes se tem a impressão de estar lendo um conto de fadas.

No último, e não menos importante capítulo, nos deparamos com questões que mostram-se relevantes de análise na atualidade e que na qual muitos tem receio de olhar, por parecer por vezes,



SUMÁRIO

que não estão alinhados a ciência. Neste, o intuito está voltado a analisar a inquietante questão relacionada a espiritualidade, religiosidade e religião. Esta pesquisa de cunho exploratório buscou a compreensão no que tange tais temas, e de que forma os mesmos se interrelacionam com a Psicologia da Gestalt, de modo a olhar para os sujeitos de forma prospectiva, indo em direção da constituição deste mesmo sujeito no mundo, o qual demanda, por vezes, desvelar conceitos e preconceitos para poder estar preparado e alicerçado para o enfrentamento das demandas diárias no cotidiano. Tal artigo intitula-se *Espiritualidade muito além de uma crença: olhando o mundo interno na perspectiva da Gestalt*.

Entende-se deste modo, que tal obra como um todo, mostra-se de grande valia, por sua diversidade, assim como por sua cientificidade, já que os capítulos em sua totalidade são fruto de extensa pesquisa bibliográfica, atendendo aos métodos que esta exige.

Vale salientar que a organização dos capítulos não obedece a uma ordem temática, outrossim está apenas submetendo-se a ordem alfabética, de modo a contemplar a todos os trabalhos e sua relevância.

Neste sentido faz-se o convite para a leitura destes, ressaltando que os mesmos mostra-se fluidos e por vezes lúdicos, apesar de serem regados de conceitos teóricos relacionados à Psicologia da Gestalt e seus instrumentos diversos.

Aqui fica o convite!

Boa leitura!

Simoni Urnau Bonfiglio



SUMÁRIO



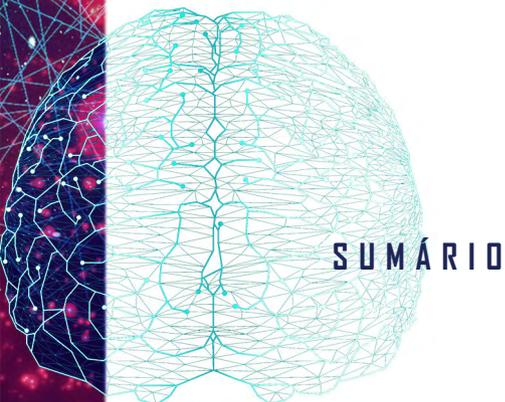
1

Amanda Larissa Neves de Moura

Simoni Urnau Bonfiglio

KATHERINE: A PERSONAGEM QUE RESSIGNIFICA UMA HISTÓRIA

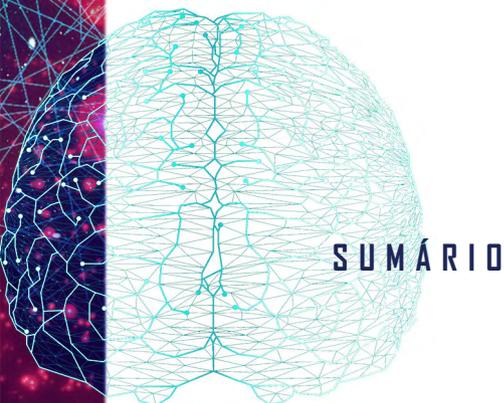
KATHERINE: THE CHARACTER THAT MEANS A STORY



SUMÁRIO

RESUMO: Katherine Hastings é uma personagem criada pela acadêmica, há três anos, antes que iniciasse seu processo de psicoterapia, sendo somente uma personagem idealizada naquele momento. Neste processo a acadêmica pôde buscar uma ressignificação de sua obra, ampliando o contato com os recursos criativos do processo psicoterapêutico sua essência. Este artigo buscou por meio de uma análise, realizada acerca da personagem e sobre o processo psicoterapêutico da acadêmica, identificar de que forma a criação de um personagem contribui para a *awareness* de um indivíduo durante seu processo psicoterapêutico. Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, tendo como método a revisão bibliográfica e o estudo de caso. Como instrumento para a coleta de dados foram utilizados os relatos expostos pela acadêmica acerca da personagem em seu próprio processo de psicoterapia. Foi realizada uma pesquisa em bases de dados eletrônicas buscando contemplar o que já havia sido publicado sobre o tema, entretanto devido à escassez de material, foram utilizadas obras de autores prestigiados que abordam tal temática. Diante disso verificou-se que ao criar a personagem a acadêmica projetou nela atitudes que a mesma não poderia vivenciar, porém essas significações só puderam ser observadas após o ingresso no processo psicoterapêutico. Os capítulos do artigo foram nomeados de modo a lembrar os capítulos de um livro, sendo que inicia com o Prólogo, sendo a introdução; o seguinte, Katherine Hastings: da criação a ressignificação da personagem; após, Por trás da escrita e para finalizar, e como consideração final: Epílogo.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia. *Awareness*. Criação de personagem. Processo psicoterapêutico. Tomada de consciência.



SUMÁRIO

ABSTRACT: Katherine Hastings is a character created by the academic three years ago, before she began her process of psychotherapy, being only an idealized character at that time. In this process the academic was able to seek a resignification of her work, expanding the contact with the creative resources of the psychotherapeutic process its essence. This article sought through an analysis, performed about the character and the psychotherapeutic process of the academic, to identify how the creation of a character contributes to the awareness of an individual during their psychotherapeutic process. This research is classified as qualitative, having as method the bibliographic review and the case study. As an instrument for data collection were used the reports exposed by the academic about the character in their own process of psychotherapy. A research was conducted in electronic databases seeking to contemplate what had already been published on the subject, however due to the scarcity of material, were used works by prestigious authors that address such theme. Given this, it was found that in creating the character the academic projected in her attitudes that she could not experience, but these meanings could only be observed after entering the psychotherapeutic process. The chapters of the article were named to resemble the chapters of a book, beginning with the Prologue, being the introduction; Katherine Hastings: from creation to resignification of character; after, Behind the writing and to finish, and as a final consideration: Epilogue.

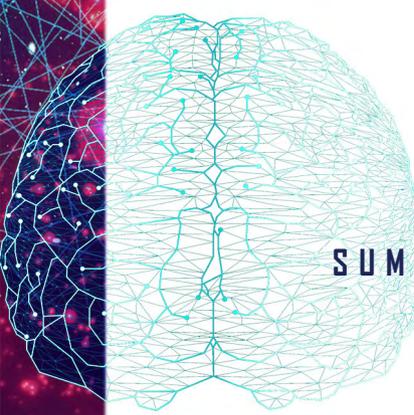
KEYWORDS: Gestalttherapy. Awareness. CharacterCreation. Psychotherapeutic process. Awareness.

PRÓLOGO

A criatividade é algo presente na vida dos seres humanos, podendo ser utilizada das mais variadas formas e com os mais diversos objetivos. Algumas pessoas possuem mais facilidade para a criação do que outras, mas a possibilidade de produção está presente em todos. Ao se criar um personagem, o mesmo é recheado de significados para quem o criou, pois coloca nele situações que são repletas de significações para si. Entretanto, esses significados podem não estar completamente visíveis ao criador desde o início da criação, sendo necessário que ele após uma segunda vista, perceba esses significados e os ressignifique, alçando assim sua consciência e posteriormente a isso, a sua *awareness*.

A *awareness* é um dos princípios mais importantes no processo psicoterapêutico em Gestalt-terapia, sendo um elemento constituinte da busca daquele que está em psicoterapia. O indivíduo busca pela *awareness* das mais variadas formas, ampliando cada vez mais sua conscientização, visto que isso o torna um ser integrado, pois o mesmo passa a ter um maior entendimento de que está em contato com as situações atuais, compreende a forma pela qual se ajustou ao logo do tempo e o que pode fazer para modificar isso caso seja este o objetivo.

Entretanto, não existe uma fórmula que possa levar o indivíduo a sua *awareness*, cada um terá seu próprio processo e sua própria tomada de consciência, sem que possa ser programado. É um encadeamento bastante complexo, não existindo um tempo que se possa determinar e nem mesmo técnicas específicas que se possa utilizar para levar o indivíduo a este encontro. Dessa forma a psicoterapia é de suma importância, pois leva o indivíduo a entrar em contato consigo mesmo, com sua essência, podendo leva-lo a *awareness*.



SUMÁRIO

Katherine Hastings, a personagem criada pela acadêmica há 3 anos, possui como características físicas os cabelos e olhos castanhos escuros, sendo magra e de estatura baixa. É descrita pelos outros personagens como tendo uma aparência inofensiva, mas com um olhar que exterioriza sua malícia, demonstrando que ela não é tão inofensiva quanto aparenta. Tem a habilidade de ficar invisível e criar campos de força, sendo muito poderosa.

Sua paixão é cantar, e canta muito bem. É rebelde, não importando-se com as regras do local onde está e possui dificuldade em seguir lideranças e ordens, sendo considerada com uma personalidade forte. Sarcástica, possui um senso de humor ácido, porém está sempre disposta a auxiliar as pessoas a sua volta. Inteligente, possui potencial e sabe disso, sendo confiante de suas ações. Tem opinião própria, sabe o que quer e não se deixa ser influenciada pela opinião dos outros, indo ao encontro do que acredita ser por aquilo que acha correto. Não deixa que ninguém descarte sua opinião sem ter ouvido, e está sempre pronta e disposta a proteger seus amigos.

Frente aos aspectos expostos acima, este artigo busca por meio de uma análise, realizada acerca da personagem e sobre a *awareness* da acadêmica, identificar de que forma a criação de um personagem contribui para a *awareness* de um indivíduo durante seu processo psicoterapêutico na gestalt-terapia. Esta pesquisa classifica-se como qualitativa e exploratória, tendo como método a revisão bibliográfica e o estudo de caso. Como instrumento para a coleta de dados foram utilizados os relatos expostos pela acadêmica acerca da personagem que a mesma criou e sobre o processo de *awareness*. Também foram dispostos artigos e obras buscando trazer aquilo que está contemplado na literatura acerca do tema.

Os artigos foram coletados a partir das plataformas eletrônicas, SciELO, CAPES Teses, IGT na rede e BDTD, tendo como critérios de



SUMÁRIO

inclusão, as palavras-chave “Gestalt-terapia”, “*awareness*”, “criação de personagens”, “processo psicoterapêutico” e “tomada de consciência”, sendo pesquisado de forma individualizada ou em pares. Tendo como critérios de exclusão artigos com ano inferior a 2009, bibliografias fora da língua portuguesa, que não continham as palavras-chave pré-estabelecidas e outros em que o título não tem ligação com o tema pesquisado. Como instrumento para a coleta de dados valeu-se dos relatos advindos da acadêmica sobre seu processo e sobre a personagem na obra em questão.

O presente artigo foi dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo, denominado Prólogo, em que foi desenvolvida a introdução do artigo; o segundo capítulo, chamado Katherine Hastings: da criação à resignificação da personagem, no qual buscou-se elaborar uma análise e discussão acerca da *awareness* da acadêmica e seu processo psicoterapêutico, juntamente com o aporte teórico levantado acerca do assunto; o terceiro, denominado por trás da escrita, apresenta-se a metodologia utilizada para a construção do artigo e por último, o capítulo denominado Epílogo, onde foram descritas as considerações finais.

Katherine Hastings: da criação à resignificação da personagem

Ao longo do tempo, a psicologia se utilizou de diversas técnicas para a análise da criações de seus clientes. Na gestalt-terapia é comum valer-se de viagem de fantasia, interpretação de sonhos e de produções realizadas pelos clientes, tendo sempre como objetivo, que o cliente entre em contato com sua própria essência. Rodrigues (2009 *apud* FRONZA; MALLMANN, 2017) salienta que o experimento em psicoterapia é como um convite para a resignificação de algo. Assim, o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar e não apenas verbalizar,



SUMÁRIO

e dessa forma, é estimulado a experimentar outros recursos, como lembranças, sentimentos, emoções, expressões corporais, respiração, percepção atual frente às situações, trazendo ao campo presencial uma maior quantidade de dados sobre a experiência vivida.

Partindo desse pressuposto, é perceptível a relevância da utilização de técnicas para a gestalt-terapia, pois é por meio destas, que por vezes, é possível propor ao indivíduo o contato consigo mesmo. Para Zinker (2007) a utilização de recursos criativos no processo de psicoterapia visa o envolver produtivamente, já que na experiência relatada, o cliente vislumbra novas possibilidades de funcionamento, aprendendo a lidar de forma diferenciada com sentimentos conflitantes, em vez de lutar contra seus próprios sentimentos ou polarizar o comportamento. Assim, é possível identificar por qual razão são empregados tais mecanismos em indivíduos em psicoterapia, sendo que durante o processo de criatividade, o cliente tem a possibilidade de vislumbrar novas formas de lidar com a situação atual.

Estas criações podem estar repletas de significados para quem o cria e uma análise posterior sobre o assunto pode levar o indivíduo a entrar em contato com esses conteúdos, possibilitando que o mesmo ressignifique-os, proporcionando um momento de total consciência sobre si próprio. Esta circunstância é conhecida como *awareness*. Ribeiro (2016) trata o conceito de *awareness* como um momento de totalidade do indivíduo, no qual se torna consciente de sua consciência, não como um simples ato cognitivo, mas como integrador e transformador.

Mediante este contexto, será analisado a criação da personagem pela acadêmica e de que forma a mesma contribuiu para que a autora tivesse seu momento de *awareness*. Katherine Hastings, vive em uma realidade onde existem pessoas que possuem mutações genéticas, o que possibilita que as mesmas tenham dons, como telepatia, telecinése, manipulação de metal, super força, invisibilidade, teletransporte entre

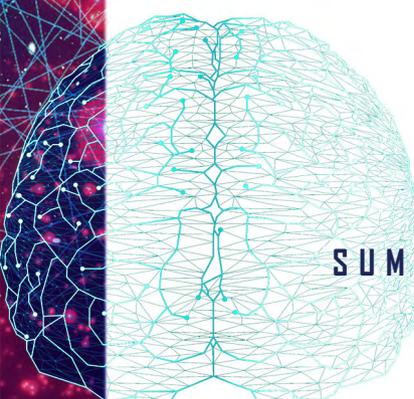


SUMÁRIO

outros. As pessoas que não possuem dons, costumam ter medo das que possuem, o que levou as dotadas a criarem um local à salvo, onde pudessem utilizar seus atributos sem medo e fosse possível aprender a controlá-los. Este local foi chamado de Legião.

Aqueles que estão na Legião devem seguir uma rotina diária rígida de treinos e aulas e precisam responder às ordens de seus superiores sem questionar. Caso ocorram violações às regras, castigos são dirigidos aqueles que cometeram a insubordinação. A entrada e saída é livre, portanto quem não estiver sujeito a se submeter às regras podem ir embora. Katherine apresenta certa dificuldade em obedecer a rotina e às ordens, porém permanece na Legião pois deseja maior domínio do seu dom e tem receio de ser levada para alguma das instalações do governo, como o restante da sua família. Katherine foi criada inicialmente para se parecer fisicamente e ter gostos parecidos com a acadêmica, porém a mesma foi se construindo de acordo com o enredo da história, e assim, foi se tornando uma pessoa independente, rebelde, confiante e que contava com a certeza do que desejava e lutava para conquistar tudo isso.

Ao criar algo, neste caso a personagem Katherine, o indivíduo criador vivencia as experiências que a personagem está vivendo dentro de sua história. Como Zinker (2007) afirma é por meio da experiência sensorial, emocional ou corporal que o cliente começa a perceber e identificar novas possibilidades em si. Desta forma foi possível perceber que enquanto criava Katherine, e descrevia suas ações em seu dia-a-dia, esses comportamentos eram vivenciados pela acadêmica, possibilitando que a mesma pudesse perceber novas formas de agir. Entretanto, toda essa percepção não ocorreu de forma consciente no momento da criação, sendo necessário que a acadêmica iniciasse o processo de psicoterapia, para sua tomada de consciência acerca de quem ela realmente era.



SUMÁRIO

A mesma procurou a psicoterapia, pois sentia-se muito incomodada com algumas falas de uma colega acerca de si própria, sendo que inicialmente sua primeira reação foi de entrar em conflito com a mesma diante da situação. A busca pela psicoterapia geralmente está vinculada ao desconforto e a necessidade de buscar um equilíbrio. O incômodo da acadêmica com os comentários sobre ela só tiveram esse efeito, pois a mesma já estava sentindo-se perdida e confusa, sem se reconhecer, e buscava formas de se encontrar, pois como afirma Ribeiro (2016, p. 76) “é importante que a pessoa se dê conta de onde ela está, existencial e cognitivamente, o que não é fácil, pois só se muda de lugar quando se sabe onde se está ou quando de fato se incomoda por não saber onde está”.

Neste contexto, a psicoterapia na abordagem da Gestalt teve seu início, e neste processo foi possível refletir em função do que a fala de outra pessoa a incomodou, se foi realmente pela expressão ou porque naquele momento ela estava sendo reconhecida por alguém. Neste ponto, a psicoterapeuta por meio da redução fenomenológica, levou a acadêmica a um contato mais profundo consigo mesma para compreender o real motivo de tais comentários terem gerado o comportamento de desconforto e insatisfação.

A redução fenomenológica, de acordo com Ribeiro (2016), é o que possibilita a entrada em contato com os conteúdos existenciais, no qual se faz uma aproximação das sensações e significados, assim como dos comportamentos, de modo a possibilitar que o caminho seja trilhado, indo ao encontro do *Self* – essência. Portanto, o profissional instiga o cliente a ir mais a fundo naquilo que ele está trazendo no momento, a chegar ao ponto inicial que originou aquele sentimento ou comportamento que o cliente não sabe de onde veio. Ao longo dos atendimentos foi possível perceber que a acadêmica tinha certa dificuldade frente à situações nas quais ela recebia visibilidade e neste ponto compreende-se a capacidade da personagem em se tornar invisível.



SUMÁRIO

Entretanto, esse desejo de invisibilidade era mais um reflexo externo do que acontecia no interior da acadêmica, pois ela própria era um ser invisível dentro de sua vida, em sua família, sendo que sempre abria mão de suas necessidades para realizar a dos outros, seguindo as ordens que vinham do exterior e deixando seus desejos e vontades para segundo plano. Com o tempo isso foi sendo aceito como natural e o ser vista e ter desejos se tornou algo ruim, até mesmo gerador de medo, pois sempre que sentia querer algo, acabava tendo receio de como os outros reagiriam a isso, preferindo então deixar essa vontade de lado, mantendo em segundo plano.

Katherine possui o poder de invisibilidade e isso ocorre quando ela mesma delibera. Sente profundo incômodo quando lhe obrigam a realizar qualquer atividade de forma arbitrária. Neste sentido surge a necessidade de se libertar, de poder agir e ser ela mesma, de decidir o que quer para sua própria vida, de buscar sua independência acima de tudo. A partir dessa afirmação, é perceptível que até aquele momento a acadêmica não tinha consciência real do que desejava, e aceitava de pronto o que vinha do externo acreditando que seria sempre o melhor a fazer.

Deste modo, tais sentimentos levaram-na a ser uma aluna que não questionava e nem ao menos respondia as questões dos professores, já que para ela sua resposta estava sempre errada e outro aluno mais inteligente daria a resposta correta. Por conta disso, sempre teve grande receio quando precisava apresentar algum seminário ou até mesmo na hora de realizar os trabalhos acadêmicos, pois sempre acreditava que qualquer coisa que estivesse fazendo estava aquém, não importando o quanto tivesse se preparado.

Nesse âmbito, a mesma não acreditava em seu próprio potencial, não confiava em sua habilidade em produzir trabalhos acadêmicos, muito menos que seria capaz de apresentá-los e isso denota que existem bloqueios de contato, pois a mesma tinha receio do julgamento



SUMÁRIO

que os outros poderiam fazer sobre suas produções. Cabe salientar as colocações de Ribeiro (2016, p. 82) acerca do bloqueio de contato o qual afirma que:

Bloqueios e resistências são forças de pessoas que, momentaneamente, perderam a confiança em seu poder pessoal e só com muito cuidado, isto é, ao se sentirem cuidadas e aceitas pelo que são e como estão, poderão recuperar seu poder pessoal de estar na vida de maneira saudável e sem medo. Atrás de todo bloqueio, há um medo, mas não é o bloqueio que deve ser objeto de cuidado, e sim os componentes envolvidos nesse medo, que impedem a pessoa de se expressar, de sorrir e de viver como verdadeiramente é.

Considerando o exposto acima, é possível identificar duas formas de bloqueio que eram usadas pela acadêmica, sendo elas introjeção e retroflexão. Ribeiro (2007) define o tipo de bloqueio da introjeção como um processo em que o indivíduo aceita opiniões, obedece a ordens e assujeita-se às normas e valores que não são seus, e desta forma acabam por absorver situações sem querer e sem conseguir defender suas opiniões por medo da agressividade do outro ou de sua própria. Este indivíduo deseja a mudança, porém mostra-se desassossegado, preferindo seguir em sua rotina com situações que lhe são confortáveis, preferindo que o outro tome decisões em seu lugar, pois o outro sabe o que é melhor para si próprio.

O mesmo autor pontua que a retroflexão consiste no processo no qual o indivíduo deseja ser da forma como os outros determinam que ele seja, isto é, ser como os outros são, e direciona toda sua energia para alcançar isso. Os indivíduos com esse tipo de bloqueio tendem a se arrepender com facilidade e se consideram inadequados em tudo o que fazem, por conta disso refazem as coisas muitas vezes. Tende a não realizar o que desejam por receio de se ferir ou de ser ferido.

Frente a estas colocações é possível compreender que os bloqueios que a acadêmica possuía eram ligados a forma como a



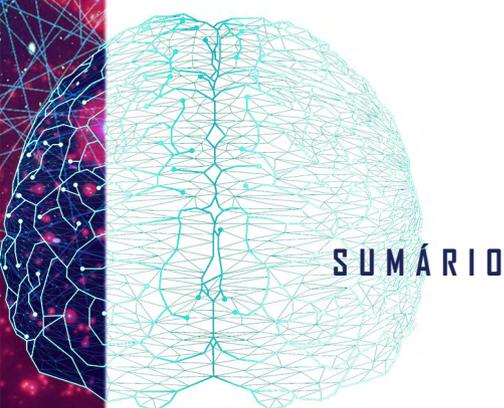
SUMÁRIO

mesma se via, sendo incapaz de realizar qualquer coisa de forma independente, sempre precisando da aprovação do outro para suas ações e deixando de realizar desejos próprios por medo da reação do outro. Dessa forma podemos perscrutar o quão se encontrava distanciada da sua essência e como vivia somente na existência longe de seu mundo interno, essência. Permanecia distante de sua totalidade, e por conseguinte vivendo atrelada a todos os bloqueios de contato que a impediam de ser criativa e de desenvolver suas potencialidades que a levassem a um ajustamento criativo.

A esse respeito cabe salientar que Ribeiro (2016) quando afirma que a realidade é constituída pela essência e existência. A existência é a coisa-em-si, e a essência é o em-si-da-coisa. Não se pode pensar em uma sem a outra, sendo que uma não formula a outra, mas acontecem em conjunto. Essência e existência estão interconectadas no aqui-agora, uma não podendo ser pensada sem a outra. Entretanto, como é possível perceber a acadêmica vivia situações nas quais estava acostumada, alicerçada em sua zona de conforto, porém afastada de sua essência, preenchendo suas lacunas com a existência do outro. Sendo assim, mantendo-se em desequilíbrio e fragmentada.

Ao considerarmos essa fragmentação no indivíduo é possível constatar que a acadêmica não estava em contato consigo mesma, o que nos leva a mais um ponto de relação com Katherine. Sua capacidade de criar campos de força, que repelem outras pessoas ou objetos de entrarem em contato direto com ela. Neste sentido, Ribeiro (2016) ressalta que o contato ocorre quando o sujeito se torna capaz de olhar para si mesmo e potencialmente faz suas escolhas no presente, isto é, no aqui e agora.

O indivíduo que não se reconhece dentro de si próprio, não está em contato consigo, o que o impede de estabelecer contato com o outro de forma plena. Para Ribeiro (2016), é o contato que leva a essência verdadeira do indivíduo, enquanto vai demonstrando como



SUMÁRIO

cada um faz suas escolhas e mediante elas mostram seu ser. É a partir do contato consigo que surgem as possibilidades para os demais contatos. Ao bloquear a si mesmo, se perde a noção do outro.

Cabe salientar todavia, que a forma como um indivíduo faz contato consigo e com o outro indica o grau de individuação, maturidade e entrega com o qual o indivíduo vive naquele momento, pois contato nada mais é, que a expressão das experiências vividas pelo indivíduo e que estão visíveis na realidade interna de si. Tudo é contato, sem este tudo perde o sentido, passa por um período de agonia e morre (RIBEIRO, 2007). Dessa forma, é possível observar que o contato é essencial para que um indivíduo viva bem, porém a falta do mesmo pode impedir que se tenha uma vida plena e de qualidade.

O autor supra citado afirma todavia, que o contato se apresenta de diversas formas dentro de um processo pleno, com início, meio e fim, variando entre a polaridade da saúde, com os ciclos de cura, e os bloqueios. Assim, podemos observar que ao longo de seu ciclo de contato o indivíduo irá se deparar com bloqueios e com fatores de cura que podem auxiliar o mesmo a definir a sua fronteira de contato entre si e o mundo e entre sua essência e existência. “Entendemos que fatores de cura ou fatores psicoterapêuticos, quando ocorrem em psicoterapia, tem alto potencial de provocar mudanças, de alterar comportamentos, de afetar a própria natureza da personalidade” (RIBEIRO, 2007, p. 56).

Entretanto, é importante salientar que os bloqueios não são sempre negativos em um processo, já que Ribeiro (2016) nos apresenta o bloqueio sob a perspectiva de buscar impedir que algo aconteça. Ressalta que o bloqueio nem sempre é ruim, em alguns casos o indivíduo pode se dar conta de que tal situação que lhe é insuportável, portanto utiliza de meios que a bloqueiam, sendo então uma autorregulação orgânica que tem por função munir o indivíduo de modo a prepara-lo para suportar tal evento.



SUMÁRIO

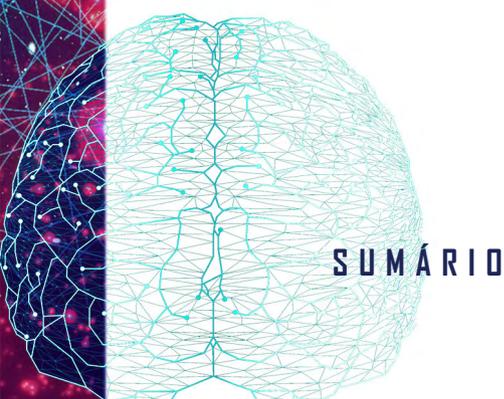
Pondera o mesmo autor, que: “o instrumento de manutenção da vida é a autorregulação do organismo no mundo e a partir dele” (RIBEIRO, 2016, p. 56). Assim, é possível perceber que o indivíduo vai se autorregular frente às diversas situações que encontra em sua vida, entretanto, quando essas forem demais para que o indivíduo consiga suportar de forma saudável, ele se desregulará.

Falamos em autorregulação orgânica ou porque isso é próprio do organismo, ou então porque algo no organismo não está regulado, está descompassado da totalidade, a pedir ajuda, ou ainda como algo preventivo. Um organismo se desregula quando se exigem dele força e habilidades para as quais não está preparado. Trata-se de uma violência a seus limites (RIBEIRO, 2016, p. 57).

Durante esta fase, a acadêmica encontrava-se desregulada, e por conseguinte, apresentava certa resistência quando precisava entrar em contato com o outro, sendo sempre um momento de tensão. Muitos eram os momentos em que ‘construía’ ao seu redor uma barreira para impedir que os outros se aproximassem, munindo-se de recursos como grosseria, sarcasmo, irritabilidade e agressividade.

Tais atitudes, tornava cada vez mais difícil sua convivência em sociedade e também consigo mesma. O contato é vital para o crescimento do indivíduo, sendo um meio para a mudança de si e da experiência que possui com o mundo (POLSTER; POLSTER, 2001).

Percebe-se que esta era a forma como a mesma havia aprendido a lidar com as situações com as quais não se sentia confortável, isto é, esta era o meio pelo qual a acadêmica havia se ajustado frente às situações que lhe eram adversas. Ribeiro (2016) indica que o ajustamento criativo é o processo no qual o indivíduo, encontra em seu ambiente, em si ou em ambos, soluções disponíveis de se autorregular, entretanto nem sempre essas situações estão claras ao indivíduo. Quando o mesmo encontra alguma situação pela qual não



SUMÁRIO

consegue prosseguir, seu organismo encontra formas de se ajustar a essas situações. As soluções encontradas pelo organismo para este enfrentamento-podem-ser antigas ou novas, mas o objetivo é o mesmo o de buscar um meio de viver funcional.

Durante o processo psicoterapêutico, foi possível tomar consciência acerca de como a mesma agia frente às pessoas a sua volta e sobre como se sentia diante da forma como estava levando sua própria vida. Foi a partir deste momento que ao ler novamente a história que havia escrito que se tornou perceptível as similaridades que possuía com sua personagem.

Em um trabalho conjunto com sua psicóloga foi possível ressignificar sua personagem, compreendendo que a mesma representava o local em que fixava suas projeções, o que permitiu que a acadêmica vislumbresse novas formas de reagir as situações que vivenciava. Diante desta realidade é importante definir projeção em gestalt a qual afirma que:

Quem usa projeção é um indivíduo que não pode aceitar seus sentimentos e ações porque não “deveria” sentir ou agir deste modo. É claro que o “deveria” é a introjeção básica que rotula seu sentimento ou ação como desagradável. Para resolver esse dilema ele não reconhece seu próprio ato perturbador, mas em vez disso o liga a outra pessoa, certamente não a si mesmo (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 92).

Desta forma é perceptível que ao criar a personagem a acadêmica projetou nela as ações e sentimentos que acreditava que não poderia realizar ou sentir, por conta da forma como foi criada, sendo que a personagem era insubordinada com seus superiores e a acadêmica sempre estava sob as regras impostas por seus pais aos decorrer de sua vida.

Ao olhar novamente para Katherine, em seu processo psicoterapêutico foi condição *sine qua non* para a tomada de



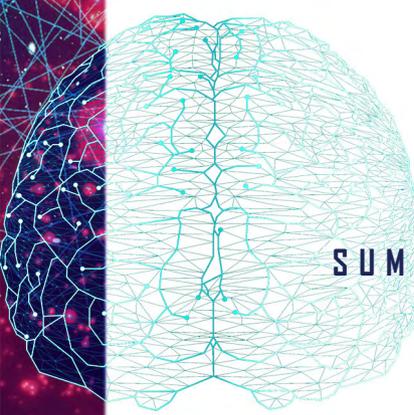
SUMÁRIO

consciência, onde a experiência vivida ao criar um personagem, poderia propositar um contato completo da realidade. Sendo assim Zinker (2007) corrobora afirmando que essas vivências experienciadas no processo, permitem que o autor se conheça como um indivíduo inteiro, tornando-se consciente de seu movimento interno que origina a totalidade experiencial. Somente a partir deste momento houve a completude da acadêmica, ocorrendo sua *awareness*.

Portanto, a *awareness* vai além da simples consciência de ter realizado um ato, é a unificação de todas as partes do indivíduo. Até aquele momento ele tem sua fala, suas emoções, sentimentos e pensamentos desconectos de sua própria percepção. Cabe considerar neste sentido que Ribeiro (2016, p. 74) apresenta a *awareness* como:

[...] uma consciência de apreensão de totalidades, como se todo o meu ser se resumisse em um único ato de cognição emocional. Não é algo puramente cognitivo, é a expressão vivenciada e consciente de que somos seres em relação, em um profundo dar-se conta por meio de uma sensação de integração de todas as minhas partes em um único ato de percepção interna.

A partir desse momento foi possível o reconhecimento de si por completo, como uma pessoa integral, sendo capaz de compreender melhor suas próprias emoções, sem necessitar atribuir ao outro seus conteúdos. Quando ocorre o momento de *awareness* todo o ser do indivíduo, suas emoções, sentimento, percepções e pensamento trabalham em conjunto, na busca da ressignificação daquilo que está lhe acontecendo naquele momento, que é observado pela consciência, e o indivíduo como um ser completo se prepara para intervir na situação (RIBEIRO, 2016). Neste momento a mesma começou a perceber como os comportamentos que tinha anteriormente a impediam de viver suas potencialidades e possibilidades.



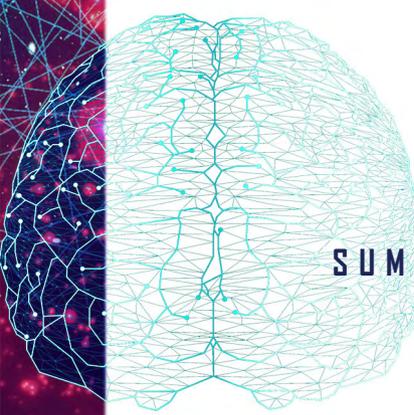
SUMÁRIO

Assim como Katherine, a acadêmica se tornou uma pessoa real, alguém que é mais comunicativa com os outros e principalmente consigo, indo cada vez mais em direção de sua essência, buscando em si novas formas de agir e reagir no mundo. Com a tomada de consciência e por conseguinte a *awareness*, foi possível vislumbrar mudanças e ter novas atitudes, diferentes daquelas com as quais já havia se acostumado ao longo de sua vida e que não lhes faziam bem algum. Como Ribeiro (2016) afirma *awareness* é um caminho de mudança que resulta em um processo de integração harmoniosa entre a pessoa e o mundo, onde o indivíduo tem a sensação de ter chegado ao final de uma longa e difícil viagem e, acima de tudo, uma sensação de estar completo. A sensação de ser um terreno que foi semeado e que somente agora pode finalmente germinar.

Para Ribeiro (2016, p. 77) “o momento da *awareness* é um acontecimento, não pode ser encomendado, todavia, sem procurá-lo, dificilmente o atingiremos – ainda que, quando ele acontecer, terá sido sempre por acaso”. Com isso podemos perceber que caso a acadêmica não tivesse iniciado seu processo de psicoterapia, não seria capaz de compreender a função de sua personagem, assim como o processo poderia ter sido mais penoso, pois não poderia contar com sua personagem para trilhar o caminho da *awareness* acompanhada de seu EU projetado (personagem).

POR TRÁS DA ESCRITA

De modo a alcançar o objetivo deste artigo foi necessário se olhar por trás da escrita alicerçando-se em um método que fosse capaz de viabilizar tal trabalho. Sendo assim, buscou-se na pesquisa qualitativa este aporte, que segundo o Centro Universitário de Brusque (2019) procura aprofundar sua compreensão sobre determinados fenômenos



SUMÁRIO

sociais, levando em conta aspectos subjetivos da ação social. Sob o ponto de vista dos objetivos a pesquisa é exploratória. Tal pesquisa tem como objetivo explorar um determinado tema, buscando assim, torná-lo mais conhecido (GIL, 2010).

Quanto ao método configura-se como uma revisão bibliográfica e um estudo de caso. Gil (2010) ressalta que a revisão bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados acerca do assunto, e com esses materiais reúne-se informações buscando esclarecer o fenômeno pesquisado. Já o estudo de caso é utilizado de modo a aprofundar seus conhecimentos acerca de um caso específico. É caracterizado pelo estudo concentrado de um caso somente, não utilizando seus resultados para estudos generalistas (GOBBO, 2017).

A coleta busca reunir dados, do local pesquisado, para serem analisados posteriormente (GIL, 2010). Como instrumento para a coleta de dados foram utilizados os relatos expostos pela acadêmica acerca da personagem e sobre o seu processo de psicoterapia utilizando-se de diversas obras à cerca do tema.

Para a análise foram selecionados artigos e/ou obras que tratassem dos temas Gestalt Terapia, *awareness*, criação de personagens, processo psicoterapêutico e tomada de consciência. Como critérios de inclusão foram selecionados artigos dentre os anos de 2009 - 2019, da língua portuguesa, que não fossem voltados a outros saberes e que os títulos tivessem relação com o tema pesquisado. Os artigos que não contemplavam os critérios de inclusão foram desconsiderados. A pesquisa foi realizada em quatro bases de dados, sendo elas: SciElo, CAPES teses, IGT na rede e BDTD.

Na plataforma SciElo, ao aplicar os critérios de inclusão que eram as palavras-chaves: “Gestalt-terapia”, “*awareness*”, “criação de personagens”, “processo psicoterapêutico” e “tomada de consciência”, tendo sido pesquisadas de forma individual ou em pares, obteve-se



SUMÁRIO

um total de cinco mil quatrocentos e quarenta e dois (5.442) artigos. Aplicando os critérios de exclusão que eram: artigos com ano inferior a 2009, fora da língua portuguesa, voltados a outros saberes e em que o título fosse sem relação com o tema da pesquisa, restaram um total de quarenta e dois (42) artigos. Realizando a leitura dos resumos, restaram quatro (04) artigos, que após a leitura literal os mesmos foram desconsiderados.

Na plataforma IGT na rede, ao aplicar os critérios da mesma forma anterior, tendo sido pesquisadas de forma individual ou em pares, obteve-se um (01) artigo. Aplicando os critérios de exclusão citados anteriormente, o artigo foi desconsiderado.

Na plataforma CAPES teses, ao aplicar os critérios já citados, tendo sido pesquisadas de forma individual ou em pares, obteve-se um total de trinta e quatro mil cento e cinquenta e oito (34.158) artigos. Aplicando os critérios de exclusão citados anteriormente, restou um (01) artigo, que após a leitura do resumo foi desconsiderado.

Na plataforma BDTD, ao aplicar os critérios da mesma forma anterior, tendo sido pesquisadas de forma individual ou em pares, obteve-se um total de seis mil e vinte e três (6.023) artigos. Aplicando os critérios de exclusão citados anteriormente, restaram dois (02) artigos, que após a leitura do resumo foram desconsiderados.

Em decorrência da insipiência de artigos científicos nas bases de dados eletrônicas, para a realização do artigo foram utilizadas obras de autores de relevância para o tratamento dos dados. Foi empregue um artigo que não consta exposto no quadro, isto é, não foi escrutinado nas plataformas pesquisadas. O mesmo fazia parte do acervo pessoal da pesquisadora e como este apresentava grande valor e por conta da insipiência de outras obras, o mesmo foi utilizado.



SUMÁRIO

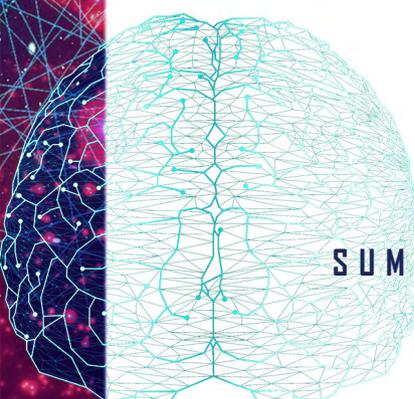
EPÍLOGO

Frente aos aspectos apresentados anteriormente, foi possível identificar que a *awareness* é um processo no qual o indivíduo se vê como um Ser completo e não mais fragmentado. É um momento repleto de significação e significado onde os conteúdos internos passam a ter sentido para si próprio, pois agora é possível se reconhecer como um SER inteiro. Para que ocorra a *awareness* o indivíduo deve estar disposto a entrar em contato consigo mesmo, com sua essência, caso contrário isto não poderá ocorrer. Ao ampliar o contato consigo, o indivíduo passa a melhorar sua forma de contato com o outro. Tanto o contato quanto a *awareness* são fontes geradoras de mudanças, assim o indivíduo que passa por esses processos não continuará sendo o mesmo que era quando iniciou sua caminhada de psicoterapia.

Foi perceptível que a utilização de recursos criativos pode ser de grande valia no processo psicoterapêutico, sendo que tais recursos não dependem de abordagens, são instrumentos propositores e por isso interdependentes. Diante do exposto, foi possível observar que ao criar Katherine, a acadêmica atribuiu nesta, suas projeções quanto ao tipo de pessoa que desejava ser, porém somente alcançou sua consciência primordial após iniciar o processo psicoterapêutico, quando pôde olhar para essa personagem sob uma nova perspectiva e assim dar um novo significado para ela.

Por meio da *awareness* foi possível modificar a forma como agia diante do mundo, demonstrando que no momento em que se torna completa ou em completude, é capaz de estabelecer contato pleno consigo e conseqüentemente com o outro, potencializando sua qualidade de vida de forma significativa.

Neste sentido, foi possível responder a pergunta problema, pois a criação de um personagem contribuiu para que um indivíduo



SUMÁRIO

que está em seu processo psicoterapêutico obtenha seu momento de *awareness*. Entretanto só a criação do personagem não seria suficiente para o processo de individuação, foi necessário o aporte da psicoterapia para propositar um olhar aprimorado para análise deste personagem, levando à tomada de consciência e percepção de Si.

Observa-se que tal processo foi de fundamental importância para que ocorresse a individuação da acadêmica, sendo que foi possível que a mesma pudesse aperfeiçoar suas relações com colegas e professores e principalmente a sua relação consigo, tornando-a uma aluna e profissional melhor. O desenvolvimento do artigo foi delicado para a acadêmica, já que a mesma encontrou dificuldade ao lembrar de como se sentia e como agia naquela época, sendo que eram momentos difíceis para a mesma onde não se reconhecia e não sabia quem era.

Durante o decorrer da elaboração do artigo, foram encontrados outros pontos que dificultaram sua realização. Embora atualmente exista um grande número de produções relacionadas a utilização de recursos criativos no contexto da psicologia de forma geral, este número é praticamente inexistente sob a ótica da gestalt-terapia, o que tornou a produção deste artigo difícil, sendo necessário a busca bibliográfica quase que exclusiva em obras demonstrando desta forma, a necessidade de publicações científicas de autores que versam sobre este tema e abordagem.

Assim é recomendado o incentivo de produções voltadas a criatividade em gestalt-terapia, pois como observado no processo de construção deste artigo, os recursos criativos possibilitam que o indivíduo experimente aquilo que a criação está vivendo. Esta experiência do indivíduo frente a sua criação é um convite para que ele ressignifique seu modo de agir, possibilitando que encontre novos meios de entrar em contato com sua essência e com o outro. Frente



SUMÁRIO

a estes fatores é possível desenvolver muitas possibilidades para a utilização de recursos criativos em meio a gestalt-terapia.

REFERÊNCIAS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE - UNIFEBC. *Manual de orientações metodológicas*. Brusque, SC, 2019.

FRONZA, J. L.; MALLMANN, L. J. O ciclo de contato e a busca da awareness na psicoterapia de orientação gestáltica. In: EVENTO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 12, 2017, Curitiba, *Anais...* v. 3, n. 2, p. 849-866, out. 2017.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

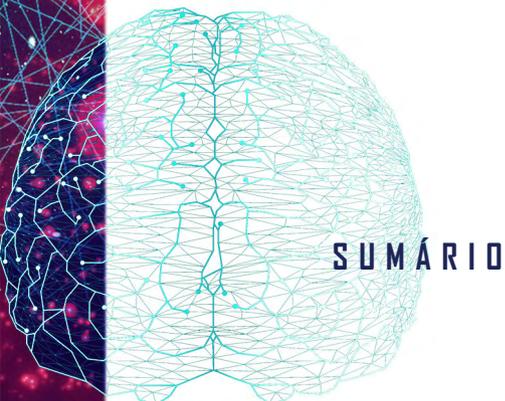
GOBBO, A. *Ciência e metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Faculdade Avantis, Balneário Camboriú, SC, 2017.

POLSTER, E.; POLSTER, M. *Gestalt - terapia integrada*. São Paulo: Summus, 2001. 321 p.

RIBEIRO, J. P. *Vade-mécum de Gestalt - Terapia: conceitos básicos*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

RIBEIRO, J. P. *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007. 120 p.

ZINKER, J. *Processo criativo em Gestalt - terapia*. São Paulo: Summus, 2007. 305 p.

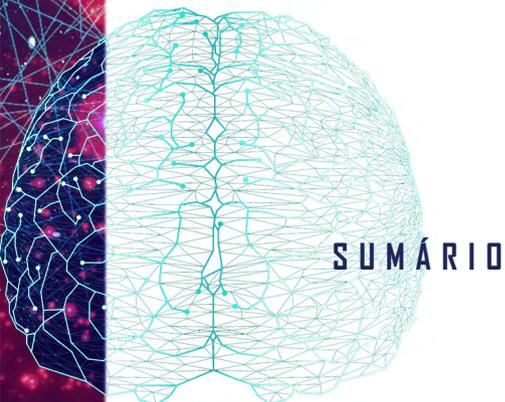


2

Ana Paula dos Santos
Simoni Urnau Bonfiglio

BEM ME QUER, MAL ME QUER: OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS NO PROCESSO DE ADOÇÃO

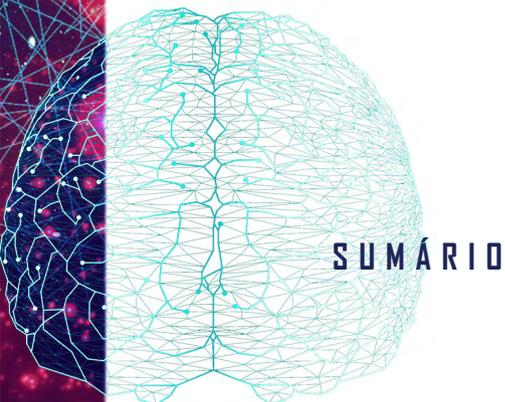
WELL WANT ME, BAD WANT ME: THE CHALLENGES
CHILDREN FACE IN THE ADOPTION PROCESS



SUMÁRIO

RESUMO: Ao longo dos anos, a adoção vem sofrendo mudanças no decurso de sua história que se originou no século XX, momento no qual não havia interesse em proporcionar um melhor cuidado com a criança. Ao longo do tempo, destacam-se como importantes mudanças a legislação sobre a adoção, inserção da equipe profissional, procedimentos jurídicos, sociais e culturais. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender os desafios enfrentados pelas crianças em um processo de adoção, trazendo uma reflexão à partir do que apontam os estudos científicos, contribuindo para uma maior compreensão a respeito do tema, que é envolto de uma gama de trâmites processuais e legais os quais essas crianças precisam transpor para que se efetive a adoção. Por ser um tema envolto de muita subjetividade, a presença de profissionais especializados, é de suma importância tanto na pré, como na pós adoção. Desta forma, o presente artigo utilizou-se de procedimentos metodológicos por meio da pesquisa qualitativa e exploratória, buscando-se compreender esses desafios e a compreensão do tema. Nesse sentido, foram utilizados critérios de inclusão e exclusão que nortearam a busca e seleção dos materiais de apoio para a construção deste, propondo novas pesquisas e sugerindo aos demais acadêmicos e ou profissionais, um aprofundamento teórico nesta área específica.

PALAVRAS-CHAVE: Adoção. Crianças adotadas. Famílias adotantes. Psicologia Jurídica.



SUMÁRIO

ABSTRACT: Over the years, adoption has undergone changes in the course of its history that originated in the twentieth century, at which time there was no interest in providing better care for the child. Over time, we highlight as important changes the legislation on adoption, insertion of the professional team, legal, social and cultural procedures. Thus, this paper aims to understand the challenges faced by children in an adoption process, bringing a reflection from what the scientific studies point out, contributing to a greater understanding about the theme, which is surrounded by a range of procedural and legal procedures that these children need to transpose for adoption to take place. As it is a subject with a lot of subjectivity, the presence of specialized professionals is of paramount importance both pre and post adoption. Thus, the present article used methodological procedures through qualitative and exploratory research, seeking to understand these challenges and understanding the theme. In this sense, inclusion and exclusion criteria were used to guide the search and selection of support materials for its construction, proposing new research and suggesting to other academics or professionals, a theoretical deepening in this specific area.

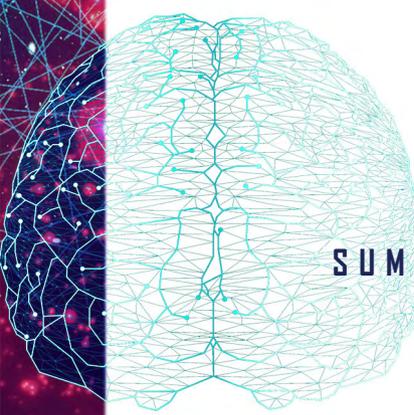
KEYWORDS: Adoption. Adopted children. Adopting families. Juridical Psychology.

INTRODUÇÃO

A palavra adoção provém do latim *'adoptio'*, no sentido de “escolher, considerar, olhar para”. Desse modo, a adoção é o ato jurídico solene pelo qual, observados os requisitos legais, alguém estabelece, independentemente de qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim, um vínculo fictício de filiação, trazendo para sua família, na condição de filho, um novo membro que geralmente lhe é estranho (DINIZ, 2011). A escolha do tema surgiu do interesse em contribuir para a discussão sobre os desafios enfrentados pelas crianças que estão em um processo de adoção, trazendo à tona a discussão a partir de estudos bibliográficos por meio da pesquisa exploratória qualitativa, pela qual será perscrutado um maior entendimento na investigação deste objeto.

Há muitas situações que causam impactos na vida da criança no decorrer de um processo de adoção, a falta de uma família, por exemplo, pode vir a acarretar diversos problemas no desenvolvimento emocional da mesma. As dificuldades, também envolvem os pretendentes, no que se refere as motivações para a adoção, as expectativas em torno da criança, burocracias que permeiam o processo, entre outras. Portanto, tanto as questões dos pretendentes, como das crianças podem gerar frustrações vindo a agravar a situação psicológica de ambos (BRAGANÇA; PEREIRA JÚNIOR, 2015). Dessa forma, um processo de adoção é envolto por uma gama de conceitos, preconceitos, estereótipos, receios, percepções, entre outros, os quais podem vir a acentuar os impactos negativos sobre as crianças.

Questões relativas à vinculação afetiva também interferem no desenvolvimento emocional das crianças. A exemplo, o abrigo acaba sendo a moradia destas, pois passam a maior parte de seu tempo nesse ambiente, tornando-se o local onde referências e vínculos afetivos são



SUMÁRIO

construídos. Esses casos acontecem quando já houve uma ruptura com a família de origem, porém a marca de apego por determinada pessoa pode existir, gerando insegurança diante do desconhecido.

Sendo assim, a adoção demanda um grande preparo dos pretendentes pelos profissionais, assim como das crianças, pois, caso este preparo não ocorra ou seja mal -conduzido, pode vir a prejudicar o processo de construção da filiação e gerar profundos sentimentos de fracasso em todos os envolvidos (ORIONTE; SOUSA, 2005).

A partir deste contexto, o presente trabalho visa refletir sobre o que apontam os estudos científicos à respeito desse fenômeno, por meio de referenciais teóricos, com o intuito de ofertar contribuições, e uma maior compreensão e ampliação do tema adoção, propondo novas pesquisas sobre o assunto.

Sendo assim, esta é uma temática que instiga e desperta interesse acadêmico e, todavia profissional, devido ao contato frequente com os processos de adoção enquanto estagiária do Poder Judiciário de Santa Catarina. Logo, a escolha do tema, surge como uma soma entre a experiência profissional e anseios acadêmicos, indo ao encontro da contribuição científica sobre esta temática.

Para tal, utilizou-se como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa exploratória, buscando-se compreender os desafios enfrentados por crianças no processo de adoção. Evidencia-se que o presente artigo terá como diretriz a psicologia jurídica e a história da adoção, relação da família e criança no processo de adoção, contendo em seu corpo os procedimentos metodológicos, análise dos resultados e as considerações finais, finalizando com as referências que foram utilizadas para propositar o aporte teórico.



SUMÁRIO

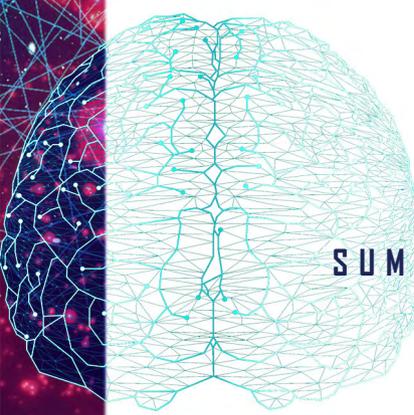
A psicologia jurídica e a natureza da adoção

De acordo com Lago et al., (2009), a psicologia jurídica não tem exatamente um marco histórico, portanto, foi abordado alguns referenciais históricos afim de compreender como a psicologia e o direito tiveram essa aproximação atualmente. A história da atuação do psicólogo jurídico tem seu início no reconhecimento da profissão, na década de 1960. E essa inclusão deu-se de forma gradativa e lenta, muitas vezes de maneira informal, por meio de trabalhos voluntários.

Os primeiros trabalhos tiveram início na área criminal, evidenciando os estudos acerca de adultos criminosos e adolescentes infratores da lei (ROVINSKI, 2002), e foi a partir da promulgação da Lei de Execução Penal (Lei Federal n.º 7.210/84), no Brasil, em 1984, que o psicólogo passou a ser reconhecido legalmente pela instituição penitenciária (FERNANDES, 1998).

Dentro desta mesma esfera do direito na vara civil, destaca-se o Direito da Infância e Juventude, área na qual o psicólogo estreou sua atuação no Juizado de Menores e, apesar das particularidades de cada estado brasileiro, o trabalho dos setores de psicologia são essencialmente o de perícia psicológica nos processos cíveis, criminais e, eventualmente, nos processos de adoção.

Com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, o Juizado de Menores passou a ser denominado Juizado da Infância e Juventude, na qual a função exercida pelo psicólogo foi ampliada, e passou a ter uma maior participação em atividades na área pericial, acompanhamentos, e aplicação das medidas de proteção (TABAJASKI; GAIGER; RODRIGUES, 1998). Essa mudança no campo do profissional de psicologia gerou um aumento do número de profissionais no contexto das instituições judiciárias, por meio de concursos públicos para estes cargos.



SUMÁRIO

Na adoção, por exemplo, o profissional de psicologia tem como função dar o suporte necessário às famílias pretendentes a adoção e às crianças que estão aptas a serem adotadas, tanto no período pré-adoção, quanto no pós adoção, auxiliando os postulantes a se tornarem pais capazes de satisfazer as necessidades do filho adotivo (LAGO; MEDEIROS et al., *apud* WEBER, 2004).

Atualmente a prática da adoção é normatizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tendo na lei o cumprimento de procedimentos baseados na Lei n.º 12010/09 (BRASIL, 2009) que alterou substancialmente esse processo. Dentre essas mudanças podemos destacar o art. 25, do parágrafo único, que dispõe que: “entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade” (DIGIÁCOMO; DIGIÁCOMO, 2013, p. 28).

De acordo com a referida lei, a adoção tem caráter excepcional, ou seja, ela se dá apenas na impossibilidade de reinserção desta criança em sua família biológica, e a prioridade deve ser concedida aos adotantes brasileiros. Portanto, de início devem ser realizadas tentativas de reinserção da criança na sua família de origem, e somente quando todas as possibilidades forem esgotadas, deve-se buscar uma família substituta no próprio país de origem, da qual é chamada de adoção nacional, que é formada e mantida com os dados remetidos a Comissão Estadual Judiciária de Adoção (CEJA)¹.

Para que o postulante venha ter acesso ao CEJA e tenha o seu cadastro efetivado para adotar, os candidatos devem estar dentro das disposições legais, da qual a comarca de sua localidade exija. Em



SUMÁRIO

1 Comissão Estadual Judiciária de Adoção, é um sistema virtual onde os pretendentes têm acesso a um formulário oficial do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) para preenchimento via web, possibilitando aos mesmos formular consulta no CEJA, para ver a disponibilidade de crianças para a adoção (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2019).

um segundo momento, deve-se iniciar o programa de preparação para o curso de pretendentes a adoção, do qual é obrigatório e faz parte do trâmite processual. Este curso é elaborado especialmente para assessorar, informar e avaliar os interessados, e não apenas 'selecionar' os mais aptos (WEBER, 1997). Como a adoção é um vínculo irrevogável, o estudo psicossocial torna-se primordial para garantir o cumprimento da lei, prevenindo assim a negligência, a rejeição ou até mesmo em casos extremos a devolução da criança.

Segundo Fonseca (1995), no início do século XX um dos principais motivos para um casal tomar a decisão de adotar uma criança era pelo interesse dos serviços que a mesma poderia prestar, e ainda determinava que os adotados fossem mandados para a guerra em vez dos seus filhos biológicos. Nos tempos do Brasil colonial, existiam as rodas dos expostos que se caracterizavam por uma espécie de caixa, localizadas nas Santas Casas de Misericórdia, onde as genitoras deixavam seus filhos para adoção. Um dos principais motivos para que as crianças fossem abandonadas nesses locais, era em função de que suas mães precisavam manter a sua honra, já que na época tornava-se importante esconder da sociedade a criança que tivesse sido concebida em contexto considerado inadequado, ou seja o dito acometimento de um "pecado" (FUTINO; MARTINS, 2006).

No passado a adoção tinha como principal objetivo, ser um instrumento para suprir as necessidades dos casais inférteis, e não com o objetivo de dar uma família às crianças abandonadas, sendo assim, essa modalidade de adoção era conhecida como adoção clássica, ao contrário da atualidade, no qual o objetivo é a prática da 'adoção moderna', que tem como intuito, oportunizar que todas as crianças possam ter uma família, visando garantir o direito de crescer, e ser educada dentro do seu ambiente familiar (WEBER, 2011a).

A isso, para Campos (2001), tanto a adoção clássica como a moderna se mantêm atuantes ainda hoje, apesar de que a



SUMÁRIO

modalidade clássica não seja mais o foco, pois as crianças são a prioridade e não os pais. Sendo assim atualmente a modalidade que se faz presente é a moderna, na qual o interesse está voltado à criança, diferentemente de alguns anos atrás que o objetivo era encontrar uma criança para a família.

Segundo a autora acima citada, ainda há uma proposta de uma terceira modalidade chamada pós-moderna, a qual as necessidades dos pais e das crianças fossem supridas, e por fim ambos se sentissem satisfeitos com a adoção.

Verifica-se, que coexistem ainda a “adoção clássica, que visa o atendimento de necessidades dos adotantes e/ ou solucionar a crise dos casamentos sem filhos e a “adoção moderna” vista pelos estudiosos do assunto como medida emergencial que visa resolver a crise da criança sem família. Seria possível pensarmos numa adoção “[...] pós-moderna”, onde o paradigma da exclusão (ou-ou) possa ser substituído pelo paradigma da inclusão (e-e)? Uma família para uma criança e uma criança para uma família? (CAMPOS, 2001, p. 38).

A filosofia da adoção moderna serve para ampliar os objetivos dos pais adotantes e considerar a verdadeira realidade das crianças que se encontram em um abrigo. Sendo assim, o vínculo afetivo entre esses pais e essa crianças, é e deve ser envolto de muito amor, carinho e afeto, pois esses elementos são cruciais para que se forme um laço afetivo entre ambos, e conseqüentemente criando ocorra a criação de um vínculo do qual se estenderá a todos os membros da nova família (REIS; LEITE; MENDANHA, 2015).

Durante todo o processo de adoção, fica claro que os envolvidos merecem um acompanhamento psicológico, como suporte no momento em que vão adotar, portanto o profissional de psicologia, dispõe o papel, de contribuir para que esses futuros pais, além de conseguirem elaborar seus medos, anseios e angústias, sejam capazes de descobrir



SUMÁRIO

quais são de fato, os verdadeiros motivos que os levam a adotar uma criança, e se são realmente importantes (GONDIM, et al., 2008). Assim como de que forma, trazer proteção ao adotado (a) e a nova família que o recebe. Portanto se houvesse acompanhamento posterior junto às novas famílias, haveria uma melhor aplicação do direito, evitando muitas vezes devoluções, pois a adoção é um ato irrevogável (REIS; LEITE; MENDANHA, 2015).

Muitas das devoluções ocorrem devido a ansiedade dos pretendentes em adotar para satisfazer um desejo seu. Um desses motivos seria a incapacidade de ter um filho, por exemplo, e é justamente nesse momento em que idealizam a criança perfeita, sendo que a realidade é outra. A partir do momento em que esses pais se deparam com a verdadeira realidade dessas crianças, acabam não sentindo-se capazes de lidar com alguns comportamentos devido ao seu histórico familiar, provocando sentimentos de fracasso, de não saber lidar com tal situação, e conseqüentemente a alternativa viável passa a ser a devolução desta criança para o abrigo (GHIRARDI, 2008).

Segundo Yunes, Miranda e Cuello (2004), Siqueira e Dell'aglio (2006) e Salina-Brandão e Williams (2009), o abrigo é reconhecido como parte integrante da rede de apoio afetivo e social das crianças que estão institucionalizadas, sendo capaz de oferecer um espaço acolhedor a qual as mesmas possam vir a ter um desenvolvimento saudável, sendo vistas como uma alternativa positiva se comparada ao ambiente familiar caótico de origem.

As crianças que são encaminhadas a um abrigo geralmente provêm de um ambiente completamente conturbado e com diversos problemas, tais como: abandono, maus tratos, prisão dos pais, abuso sexual, dentre outras. Nos abrigos, a ausência de um cuidador que possa vir a servir como uma mãe substituta, necessário para o desenvolvimento saudável da criança, pode vir também a afetar de



SUMÁRIO

forma negativa o seu desenvolvimento e capacidade de estabelecer relações futuras (BOWLBY, 1995).

Por conta do seu contexto e do ambiente em que vivia, essa criança que está institucionalizada poderá demonstrar vários tipos de inseguranças e medos diante da probabilidade da adoção. Além desses sentimentos, podem ser desencadeados comportamentos que mascaram a sua felicidade de pertencer a uma família, aparentando uma incoerência naquilo que sempre se configurou como o seu maior sonho (VARGAS, 2013).

Relação: família e criança na adoção

Conforme pesquisas, o amadurecimento de uma criança depende de forma significativa da relação que estabelece com sua família, sendo que as relações de apoio e afeto entre pais e filhos são um importante fator de proteção para o desenvolvimento desta criança (NARDI; DELL'AGLIO, 2012). A adoção destaca-se como um direito de todo indivíduo a ter uma expectativa de futuro em família (GONDIM, et al., 2008). Deste modo, por meio de estudos realizados no ano de 2006, constata-se que a adoção possui efeitos positivos sobre o desenvolvimento das crianças separadas dos seus pais consanguíneos, mesmo que por situações extremas, sendo possível, auxiliar esta criança no seu desenvolvimento e revertendo os possíveis traumas sendo este físico ou emocional (JOHSON, 2002).

Neste sentido, para que essa criança se desenvolva e cresça com a consciência de quem de fato é no mundo, depende do ambiente em que está inserida e para isso demanda de condições favoráveis para o seu crescimento, tais como: amor, carinho, afeto e atenção, e isso só ocorre quando se estabelece uma relação de vínculo afetivo verdadeiro em um ambiente suficientemente bom, isto é, onde a criança se sinta segura, acolhida e pertencente à família.



SUMÁRIO

Sentimentos de gratidão, raiva e tristeza ocorrem de forma diferente na criança que vivenciou a adoção, e a importância dos pais de compreenderem isso e administrarem as crises dessa criança, é primordial para que ela possa se recuperar do acontecimento que veio a ter no ambiente no qual se encontrava, e desenvolver uma relação de apoio para com eles (GOMES, 2006; OTUKA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013; VERCEZE, et al., 2015).

Weber (2011b, p. 100) enfatiza que invariavelmente:

A vida no abrigo por melhor que ela seja normalmente acaba seguindo um modelo de controle, portanto a vivência em uma instituição de acolhimento é totalmente diferente do que se tem em um modelo familiar.

Sendo assim, é de extrema relevância que se perceba a importância da figura paterna e materna na vida de uma criança, pois o fato de estarem em um abrigo já demonstra que não tiveram os cuidados básicos necessários de seus pais biológicos, e estar em um novo lar, com diferentes pessoas, com uma nova rotina a se seguir, acaba sendo difícil para eles, pois muitas vezes foram crianças abandonadas e por conta disto se tornam mais resistentes. Portanto, desejam não serem rejeitadas por esta nova família, pois histórias ruins que tiveram em sua família biológica não serão apagadas de suas vidas, sendo assim, a experiência positiva desse vínculo é essencial na adoção, uma vez que esta nova família consiga se adaptar as necessidades da criança ao longo do seu amadurecimento.

Estudos também apontam que adoções consideradas 'desastrosas' (ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013; SALMÚN, 2014; VERCEZE, et al., 2015), fruto da devolução das crianças (BENTO, 2008) se dá por conta de problemas relacionados aos pretendentes, que interferem nesta adoção, como a esterilidade, e o sentimento de incapacidade de lidar com situações adversas.



SUMÁRIO

A preparação da criança institucionalizada e do adotante é um quesito fundamental no processo de adoção. Sob este aspecto Weber (2001, p. 71), enfatiza que:

Nesse contexto específico, preparar envolve tanto o compromisso de fornecer informações sobre a criança para os futuros pais adotivos, quanto à disposição para apresentar ao adotante uma descrição fidedigna de características e fatos relativos à sua nova família, por meio de fotos, vídeos, além de esclarecimentos diversos quanto à casa em que irá morar, o convívio com irmãos, dentre outros. Na preparação para a adoção, desmistificar e esclarecer implica no cuidado e respeito à vida pregressa da criança e não na sua ocultação e/ ou deturpação. Ou seja, a preparação deve evitar separar a criança do seu passado e soterrar a sua identidade por meio da divulgação de informações vagas e dispersas, seja na família de origem ou na instituição onde foi acolhida como medida de proteção social.

Nesse sentido, Machado, Ferreira e Seron (2015) destacam a necessidade da reflexão sobre o desenvolvimento das crianças institucionalizadas, e as consequências da privação familiar, pois apesar de apontar que a institucionalização pode causar ansiedade devido à mudança de ambiente, pode se afirmar todavia, que a institucionalização, se bem conduzida, acolhe essa criança, assim como pode proporcionar situações negativas a mesma.

Procedimentos metodológicos

O trabalho deu-se por meio da pesquisa bibliográfica, na qual foi realizada revisão de literatura, buscando-se compreender os desafios enfrentados por crianças em um processo de adoção, por meio das palavras chaves: Adoção, Crianças adotadas, Famílias adotantes, e Psicologia Jurídica, para uma maior compreensão dos resultados obtidos. Foi realizada uma pesquisa básica, da qual se trata de um incremento do conhecimento científico, que busca uma maior clareza



SUMÁRIO

dos fenômenos naturais ou de outro tipo, e sem nenhum interesse comercial (APPOLINÁRIO, 2006).

O método empregado deu-se por meio da pesquisa qualitativa do tipo exploratória, na qual buscou-se um aprofundamento na investigação do objeto. Os procedimentos técnicos estavam voltados à revisão bibliográfica, os quais foram consultadas fontes secundárias de informação que discorreram sobre a temática da adoção. Dentro deste enfoque foi aplicado os critérios de inclusão e exclusão tendo como resultado o total de um (1) artigo para a palavra-chave “psicologia jurídica”, zero (0) artigos para “famílias adotantes”, dois (2) artigos para “adoção” e zero (0) artigos para “crianças adotadas”. Totalizando três (3), artigos como apresentado no (Quadro 1).

Foi aplicado os critérios de exclusão que estavam relacionados a artigos em outros idiomas, que não continham as palavras-chaves e que não possuíam associação com a psicologia. As palavras-chaves ao serem aplicadas foram colocadas entre aspas, para se obter uma maior precisão dos resultados, por meio das bases de dados Scielo e Pepsic.

Quadro 1 - Artigos escrutinados nas bases de dados acordo com as palavras-chave

Palavras-chave	Quantidade. Artigos
Psicologia jurídica	1
Famílias adotantes	0
Adoção	2
Crianças adotadas	0
Total	3

Fonte: Dados primários (2019).

Ao pesquisar com a palavra-chave “psicologia jurídica”, após aplicados os critérios de exclusão foram excluídas as bibliografias com os temas de abuso sexual e violência intrafamiliar. Já a palavra-chave



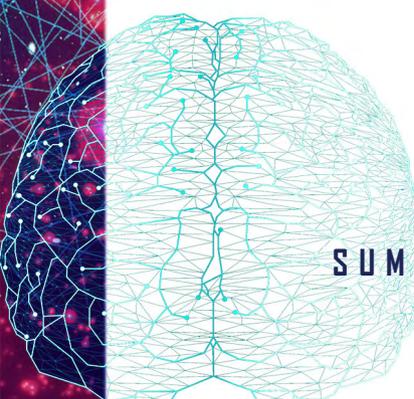
SUMÁRIO

“famílias adotantes” teve como exclusão os artigos que abordavam casais homoafetivos. Com a palavra-chave “adoção” foram excluídas as buscas contendo o tema homossexualidade, no idioma de inglês e que tinham associação somente com os candidatos para adoção. E na palavra-chave, “crianças adotadas” foram excluídas da busca artigos em inglês, que não possuíam nenhuma associação com o tema e sem a palavra-chave, como pode ser observado no Quadro 2.

Depois de selecionados os artigos e aplicados os critérios de inclusão e exclusão deu-se início a leitura dos materiais selecionados, como também consultadas fontes periódicas, promovendo assim, uma maior compreensão e discussão do tema abordado.

Quadro 2 – Critérios avaliativos para pesquisa bibliográfica

Plataforma de Pesquisa	Critério de Inclusão	Nº Encontrados	Exclusão	Nº Restante	Leitura Resumo	Artigos	Bibliografia
SCIELO	Psicologia Jurídica	120	Artigo em inglês; Associação com o direito; Abuso Sexual; Violência Intrafamiliar;	04	04	01	LAGO, V. M. et al., Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação. <i>Estud. Psicol. (Campinas)</i> . v. 26, n. 4, p. 483-491. 2009. Data da pesquisa: 27/07/19.
	Famílias Adotantes	07	Artigos em Inglês; Casais homoafetivos; Não contém a palavra-chave.	02	02	0	0 Data da pesquisa: 27/07/19.



SUMÁRIO

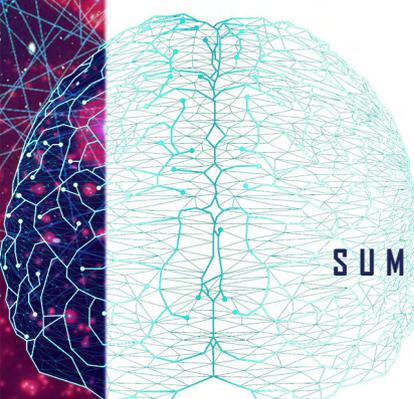
PEPSIC	Adoção	212	Artigos em inglês; Que não contém a palavra-chave; Sem associação a psicologia; Homossexualidade; Associação apenas aos candidatos para adoção.	19	19	02	ALVES, J. R.; HUEB, M. F. D.; SCORSOLINI-COMIN, F. S. Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: revisão integrativa da literatura. 2017. ALVARENGA, L. L.; BITTENCOURT, M. I. G. F. A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de Adoção. 2013. Data da pesquisa: 27/07/19.
SCIELO	Crianças Adotadas	89	Artigo em inglês; Sem associação ao tema; Que não contém a palavra-chave.	03	03	0	Data da Pesquisa: 20/10/19.

Fonte: Dados primários (2019).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Diante das informações colhidas no decorrer da pesquisa, foi observado por meio da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo exploratório e de demais autores, que as crianças acabam vivenciando situações complexas com o processo de adoção, por conta do trâmite processual envolto nessa situação.

Segundo Campos (2001), tanto a adoção clássica como a moderna se mantêm na atualidade apesar de que a modalidade



SUMÁRIO

clássica não se apresenta uma rotina, tendo como prioridade as crianças e não mais os pais, como era no passado. Conforme o autor acima referido, o tema adoção abarca uma discussão que vem da época antiga, do tempo em que as crianças eram colocadas na roda dos expostos e entregues a uma outra família. Neste sentido, seria relevante se perguntar se a adoção ocorre para que a família tenha uma criança ou se a mesma busca uma criança para uma família.

Enquanto os pais estão buscando uma criança para suprir seus sonhos de paternidade e maternidade, os profissionais, buscam uma família que possa vir a acolher esta criança. Portanto, são dois pontos de vistas diferentes, embora ambos buscam o melhor para esta criança. O vínculo afetivo estabelecido entre esses pais e essa criança deve ser envolto de amor, carinho e afeto, pois são esses elementos que irão formar o laço afetivo, que unirá a criança aos seus pais adotivos, criando uma relação que se estenderá aos demais membros da nova família assim como será condição determinante para o desenvolvimento integral e saudável da criança. (REIS; LEITE; MENDANHA, 2015).

Sendo assim, a adoção é uma mudança intensa, positiva, tanto nos cuidados como no processo adaptativo, pois é trabalhado toda a relação familiar dessa criança, sendo que durante o trâmite processual, é obrigatório o curso de adoção para os futuros pais, o qual vem auxiliar esses futuros pais, para a vinda de um novo integrante em sua nova família.

Dessa forma, é indispensável uma equipe técnica para acompanhar todo esse processo de adoção, pois muitas crianças que se encontram em instituições de acolhimento, passaram por situações difíceis, como o de abuso sexual, negligências, ou violência dentro de suas casas, e é neste momento que o poder judiciário tem como garantir medidas cabíveis perante a situação de proteção e segurança à criança.



SUMÁRIO

Porém, quando a criança é inserida em uma instituição de acolhimento, por motivos diversos de negligência por parte de sua família de origem, os seus direitos de permanecer próximo (a) aos familiares acaba sendo violada, por questões de segurança mas por vezes se questiona este afastamento, pois nem sempre o mesmo parece ser bom de valia para a criança.

Isto ocorre em função da família ser o primeiro vínculo que este menor tem, e apesar de toda a situação que venha a ocasionar o afastamento entre mãe e filho, ainda sim existe um afeto, e caso essa mãe ou pai venham a se reorganizar de uma maneira que consiga cuidar de seus filhos, há a possibilidade de uma reinserção familiar. Contudo, para que isso ocorra, como supracitado, a família deverá munir-se dos recursos necessários para que esta criança cresça em um ambiente saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu do interesse em contribuir para a discussão sobre os desafios enfrentados pelas crianças que estão em um processo de adoção, visto que este processo envolve dois contextos diferentes, de um lado o âmbito de quem está sendo adotado, e do outro, o adotante, com suas expectativas, e compreensões da veracidade no que tange um processo adotivo.

A capacidade de adaptação em um contexto familiar muitas vezes pode ser difícil para uma criança, por conta de todas as dificuldades que a mesma passou em sua família biológica. Abandono, violência, abuso sexual, são umas das situações que pairam sobre essas crianças, que estão institucionalizadas aguardando por um lar.



SUMÁRIO

O tema vem ao encontro do objetivo proposto, podendo servir como um instigador de futuros trabalhos já que o assunto mostra-se atual e de grande relevância por se tratar dos desafios das crianças que estão em um processo de adoção. Sugiro, um olhar mais humano e profundo sob este tema, que mostra-se amplo, porém insipiente no que tange a publicações.

O processo de adoção funciona como um suporte a essas crianças e, todavia, a esses pais, pois de acordo com a literatura, o profissional da área de psicologia tem como função dar aporte a ambos, pois antigamente os pretendentes não tinham como objetivo proteger ou proporcionar um melhor cuidado para a criança, diferente de hoje que o olhar está voltado a criança. Atualmente, o que se busca é uma família que se adapte ao processo de adoção, que nem sempre se mostra com facilidade, evitando as devoluções, fruto da ansiedade de querer adotar uma criança em função de um simples desejo dos pretendentes em satisfazer suas necessidades, esquecendo-se que muitas vezes, adotar não irá resolver os seus problemas, pois adoção não é a solução para o suprimento de um desejo.

Sendo assim, é de extrema relevância que as comarcas responsáveis por cada caso de adoção desenvolvam práticas com funções de acompanhamento pré e pós-adoção, pois a cada situação surgem novos desafios, principalmente em relação as crianças em função das diversas realidades que as mesmas vivem.

A importância dos pais na vida de uma criança que está para ser adotada é de extrema relevância, e por isso, muitas vezes, a rebeldia se faz presente na maior parte delas, pois como a grande maioria foi rejeitada e abandonada por seus pais, as mesmas fazem questão de testar os pretendentes até o limite, para terem certeza que não serão abandonadas novamente. Por conta disso o amor, atenção e principalmente a parcimônia, juntamente com o acompanhamento dos profissionais, deve se fazer presente, para que a transição e adaptação



SUMÁRIO

de ambos ocorra da forma mais harmônica possível, evitando com isso o sofrimento e até a própria desistência da adoção.

Quanto a pesquisa, as dificuldades estavam relacionadas a junta de materiais que versassem sobre o tema, mesmo ampliando as palavras-chaves, assim como a busca em variadas plataformas, ainda se manteve insipiente, sendo necessário a busca por obras que contemplassem o tema. Por conta disso, para obter maiores resultados e aprofundamento, foram utilizados artigos da biblioteca pessoal para embasar a pesquisa. O que levou a concluir que as publicações relacionadas ao tema merecem maior atenção e investimento dos pesquisadores em função de sua relevância e das atualizações que se apresentam constantes.

Por fim, deixo a minha contribuição neste artigo, para futuras pesquisas, com a pretensão de ser visto como uma possibilidade para futuras discussões, independentemente de suas formações, a busca pelo aprofundamento, no que tange à criança e seus desafios em um processo de adoção.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. L.; BITTENCOURT, M. I. G. F. A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando Famílias*, v. 17, n. 1, p. 41-53, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a05.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

APPOLINÁRIO, F. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BENTO, R. Família substituta: uma proposta de intervenção clínica na adoção tardia. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 10, n. 2, p. 202-214, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a16.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



SUMÁRIO

BRAGANÇA, R. R.; PEREIRA JÚNIOR, A. A. Crianças institucionalizadas: a demora na adoção. *Revista UNINGÁ Review*, v. 23, n. 3, p. 92-100, 2015. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1648/1260>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRASIL. *Lei de Execução Penal*. Lei nº 7.210/84. Recuperado em agosto, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L7210.htm>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRASIL. *Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009*. Nova Lei Nacional da Adoção, Presidência da República, Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm. Acesso em: 27 out. 2019.

CAMPOS, N. M. V. *A família nos estudos psicossociais de adoção: uma experiência na Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal*. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/DeLL/Downloads/Tese%20mestrado%20Niva%20%20Fam%C3%ADlia%20nos%20estudos%20psicossociais%20de%20ado%C3%A7%C3%A3o.pdf> >. Acesso em: 11 jul. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Programas e ações*. 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/adocao/>. Acesso em: 27 out. 2019.

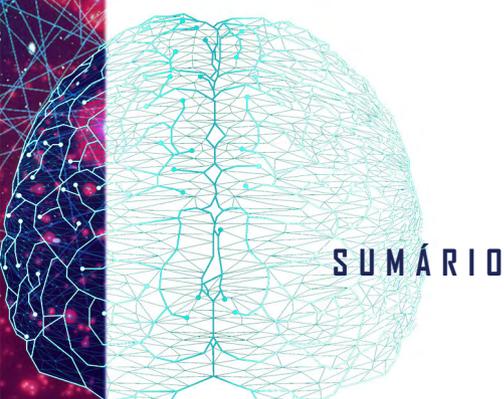
DIGIÁCOMO, M. J.; DIGIÁCOMO, I. A. *Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado*. 6. ed. Curitiba: Ministério Público do Estado do Paraná, Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2013. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/caopca/eca_annotado_2013_6ed.pdf. Acesso em: 14 jul. 2019.

DINIZ, M. H. *Direito civil*. São Paulo: Saraiva, 2011.

FERNANDES, M. A. O trabalho do psicólogo junto ao sistema penitenciário: tratamento penal. *Aletheia*, n. 7, p. 41-49, 1998. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/FEROTD-3>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FONSECA, C. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.

FUTINO, R. S.; MARTINS, S. Adoção por homossexuais: uma nova configuração familiar sob os olhares da psicologia e do direito. *Aletheia*, n. 24, p. 149-159, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a14.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.



SUMÁRIO

GHIRARDI, M. L. A. M. A presença da Infertilidade no contexto da adoção: efeitos possíveis na relação pais/filhos adotivos. In: VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; RANÑA, W. (Org.). *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 151-164.

GOMES, K. A adoção à luz da teoria Winnicottiana. *Winnicott E-prints*, v. 1, n. 2, p. 51-68, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v1n2/v1n2a05.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GONDIM, A. K. et al., Motivação dos pais para a prática de adoção. *Boletim de Psicologia*, v. 57, n. 129, p. 161-170, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a04.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

JOHSON, D. E. Adoption and the effect on children's development. *Early Human Development*, v. 68, n. 1, p. 39-54, 2002. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0378-3782\(02\)00017-8](https://doi.org/10.1016/S0378-3782(02)00017-8). Acesso em: 12 jul. 2019.

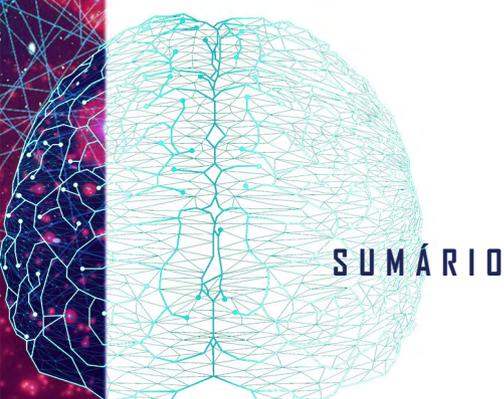
LAGO, V. M. et al. Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 4, p. 483-491, out.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n4/09.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MACHADO, L. V.; FERREIRA, R. R.; SERON, P. C. Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 6, n. 1, p. 65-81, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v6n1/a06.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NARDI, F. L.; DELL'AGLIO, D. D. Adolescente em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 2, p. 181-191, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200006>. Acesso em: 12 jul. 2019.

ORIONTE, I.; SOUZA, S. M. G. O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 29-46, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 14 jul. 2019.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia*, v. 30, n. 1, p. 89-99, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n1/10.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.



SUMÁRIO

REIS, A. M.; LEITE, C. M. S.; MENDANHA, E. C. C. A importância do psicólogo jurídico nas práticas de adoção. *De Magistro de Filosofia*, ano X, n. 22, 2015. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/a-import%C3%A2ncia-do-psic%C3%B3logo-jur%C3%ADdico-nas-pr%C3%A1ticas-de-ado%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

ROVINSKI, S. L. R. La psicología jurídica em Brasil. In: URRRA, J. *Tratado de psicología forense*. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 2002. p. 661-665.

SALINA-BRANDÃO, A.; WILLIAMS, L. C. A. O abrigo como fator de risco ou proteção: avaliação institucional e indicadores de qualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 3, p. 334-343, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a03.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SALMÚN, S. L. Las adopciones de un niño. *Cuestiones de Infancia*, v. 16, p. 46-57, 2014. Disponível em: http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/bitstream/handle/1234_56789/2527/Adopciones_Salmun.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 jul. 2019.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. O impacto da institucionalização na infância e adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 71-80, jan.-abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a10v18n1.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

TABAJASKI, B.; GAIGER, M.; RODRIGUES, R. B. O trabalho do psicólogo no juizado da infância e da juventude de Porto Alegre/RS. *Aletheia*, n. 7, p. 9-18, jan.-jun. 1998. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-1590>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VARGAS, M. M. *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

VERCEZE, F. A. et al., *Adoção e a psicoterapia familiar: uma compreensão winnicottiana*. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo (SPAGESP)*, v. 16, n. 1, p. 92-106. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n1/v16n1a08.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

WEBER, L. N. D. *Crerios de seleção de pais adotivos: em discussão*. *Interação*, v. 1, n. 1, p. 123-137, jan.-dez. 1997. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7638>. Acesso em: 13 jul. 2019.

_____. *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba, PR: Juruá, 2001.

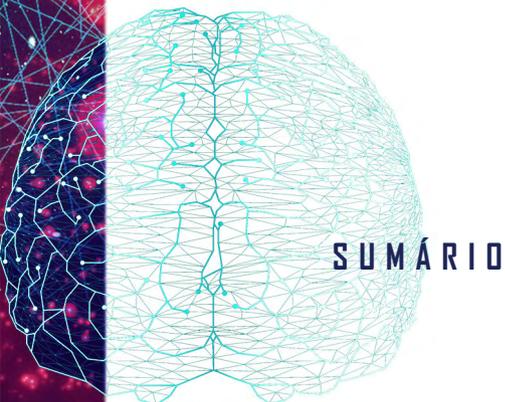


SUMÁRIO

_____. O psicólogo e as práticas de adoção. In: BRANDÃO, E. P.; GONÇALVES, H. S. (Org.). *Psicologia Jurídica no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2011.a.

_____. *Adote com carinho: um manual sobre aspectos essenciais da adoção*. [S.l.]: Juruá, 2011.b.

YUNES, M. A.; MIRANDA, A. T.; CUELLO, S. S. *Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados*. In: KOLLER, S. H. (Ed.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenções no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.197-218.



SUMÁRIO

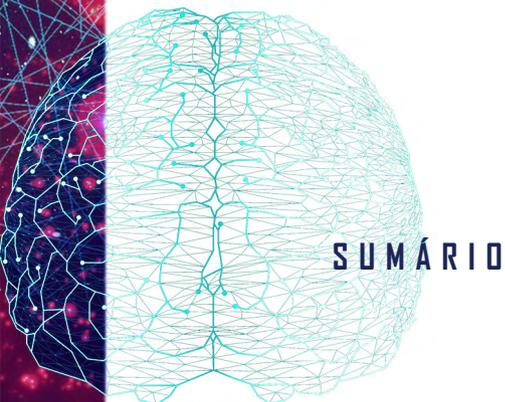
3

Cynthia Voss Nascimento

Simoni Urnau Bonfiglio

PSICÓLOGO (A) POLICIAL CIVIL: QUE FAZER É ESSE?

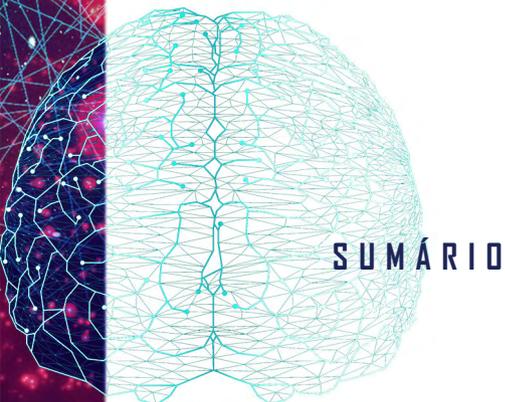
CIVIL POLICE PSYCHOLOGIST:
WHAT TO DO IS THAT?



SUMÁRIO

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar e compreender os conceitos que permeiam a atuação, assim como a função do psicólogo (a) policial civil, buscando oferecer aos leitores a abrangência da atuação deste profissional no que tange o mercado de trabalho e na ciência psicológica, enfocando no seu fazer em atendimentos em delegacias, apesar de ser uma nomenclatura recente, constituída *a priori* somente pelo Estado de Santa Catarina. Concomitante a isso será considerada a psicologia jurídica, como uma especificidade da ciência no campo da psicologia, na qual oferece o embasamento para a atuação do psicólogo policial civil. Para a realização deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica na qual a busca obedeceu aos critérios de inclusão e exclusão pré estabelecidos. Por se mostrar incipiente, nas plataformas online, foi necessário a utilização de obras referentes ao tema, dando aporte à responder ao problema de pesquisa. Neste sentido, a busca estava na direção de responder quanto a atuação e função do psicólogo (a) policial civil. Neste íterim observa-se que este tema é de relevância extrema, em função do profissional psicólogo, ter uma condição imprescindível para que o trabalho seja efetivo e realmente tenha relevância no resultado final. Constata-se sobretudo que este profissional deve ser capaz de transitar entre a psicologia e o direito, sendo portador de um olhar diferenciado para o público que necessita e ao mesmo tempo coadjuvar no que se refere a justiça e a leis.

PALAVRAS-CHAVE: Psicólogo (a) Policial Civil. Psicologia Jurídica.



ABSTRACT: The present study aims to present and understand the concepts that permeate the performance, as well as the role of the civil police psychologist, aiming to offer readers the comprehensiveness of the work of this professional with regard to the labor market and psychological science, despite being a recent nomenclature, a priori constituted only by the state of Santa Catarina. Concomitant with this will be considered legal psychology, as a specificity of science in the field of psychology, which provides the basis for the performance of civil police psychologist. For the accomplishment of this study a bibliographic research was developed in which the search obeyed the pre-established inclusion and exclusion criteria. Because it is insipient, due to the lack of materials in online platforms, it was necessary to use works related to the theme, giving support to the research problem. In this sense, the search was in the direction of responding regarding the performance and function of the civil police psychologist. In the meantime, it is observed that this theme is extremely relevant, because the professional psychologist has an indispensable condition for the work to be effective and really have relevance in the final result. Above all, it should be noted that this professional must be able to move between psychology and the law, having a differentiated look at the public in need and at the same time assisting with justice and law.

KEYWORDS: Psychologist Cop Civil. Psychology Legal.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por intuito compreender a função do psicólogo (a) policial civil e sua atuação profissional, enfocando no seu fazer em atendimentos realizados em delegacias. Vale, contudo, salientar, que este cargo é próprio do Estado de Santa Catarina resultante de uma legislação que regulamenta tal função, e por este motivo, existe insipiência no que tange às publicações em base de dados *onlines*. É importante evidenciar a relevância deste profissional inserido neste contexto, pois o mesmo possui um papel diferenciado no que se refere aos casos recorrentes da justiça, tendo uma atuação adequada, oferecendo auxílio para os operadores do direito, assim como melhor compreensão frente às situações que os permeiam, favorecendo uma destinação mais assertiva.

Weber e Medeiros (2017), afirmam que a lei de atuação do psicólogo (a) policial civil surgiu na década de 1980 no estado de Santa Catarina, e primeiramente tinha por objetivo a avaliação de condutores de automóveis para o Detran (Departamento Estadual de Trânsito). Após a desvinculação entre o Detran e a Polícia Civil e o cargo de psicólogo (a) policial civil passou a ter outra configuração e portanto, este profissional foi realocado para outras funções.

Vale ressaltar que este está vinculado a uma área que provém da psicologia jurídica. Para Carvalho e Miranda (2014), a psicologia tornou-se parceira inevitável junto ao direito, pois proporciona subsídios para os profissionais desta área, contribuindo para a agilização dos procedimentos jurídicos e maior efetividade dos mesmos.

De acordo com Sandrini et al., (2013), inicialmente foi evidenciado à Psiquiatria e depois a Psicologia e o Direito que destacam-se nos séculos XVIII e XIX, quando houve repercussões quanto ao crime e loucura, agregando adeptos de vários campos. Desde então, a ciência



SUMÁRIO

da psicologia tem sido constantemente requisitada para dar conta de peculiaridades do sujeito que não estão acessíveis aos atuantes da área do direito.

Psicologia e Direito, mesmo constituindo-se em disciplinas distintas, possuem, como ponto de intersecção, o interesse pelo comportamento humano (ROVINSKI, 2013). De acordo com Carson e Bull, (1995 *apud* ROVINSKI, 2013), ambas as áreas procuram compreender, prever e vistoriar a conduta humana, influenciando-se reciprocamente enquanto ciências aplicadas.

Esta pesquisa irá contribuir com profissionais da psicologia, bem como os atuantes do direito, pretendentes a conhecer tais áreas. Acredita-se ser um momento oportuno para o estudo, já que a psicologia inserida no âmbito da justiça é pouco reconhecida perante os profissionais da área do direito, como também psicólogos e acadêmicos em processo de graduação.

De modo a alcançar os objetivos a pesquisa apresenta-se com cunho qualitativo, já que irá se aprofundar de forma significativa no conteúdo, exploratória, pois haverá aprimoramento e aprofundamento quanto ao tema, e bibliográfica, pois irá analisar conteúdos já publicados da demanda proporcionando de forma sucinta, um aporte ao contexto escolhido.

Portanto é premente salientar a importância da atuação e função do psicólogo (a) policial civil, pois além de proporcionar subsídios para os operadores do direito, auxilia em demandas de processos internos da polícia e tem como principal função o atendimento adequado para os indivíduos que estão inseridos no contexto policial e necessitam de uma apreciação diferenciada, principalmente em casos de violência contra crianças/adolescentes e violência contra mulher, no qual este profissional da psicologia pode fornecer uma atuação assertiva, respeitosa e empática. Fornecendo para a sociedade em geral uma atuação de grande significação.



SUMÁRIO

Referencial teórico

Atuação da psicologia jurídica

De acordo com Brito (2012 *apud* CADAN; ALBANESE, 2018), ao final do século XIX, numa época em que prevalecia um aspecto positivista de ciência, os métodos das ciências da natureza, as originadas da biologia, eram as que deveriam ser seguidas. Neste momento acontece o primeiro contato entre a psicologia e o direito, fazendo surgir a 'psicologia do testemunho'.

Perante aos apontamentos dos historiadores, os laboratórios experimentais, dos quais Wundt foi pioneiro em 1879, surgiram demandas da justiça. Nos laboratórios deveriam ser realizados estudos sobre percepção, memória, sensações, entre outros temas relacionados à compreensão do testemunho, para o desenvolvimento de técnicas de verificação da fidedignidade do que se falava perante o sistema de justiça. Tal área objetivava a conferência da veracidade do relato da pessoa envolvida em um processo jurídico, utilizando testes, pois se esperava que assim fosse possível compreender os comportamentos que deveriam ser submetidos à ação jurídica.

A 'psicologia do testemunho' objetivava atestar se o testemunho dos envolvidos em situações delituosas condizia com a desejada vida real. Para tanto, eram utilizados testes psicológicos, e experimentos afim de compreender os comportamentos humanos, sendo tal vertente claramente influenciada pelo ideário positivista da época (BATISTA; GOMES, 2017). Posteriormente, as perícias psicológicas se tornaram a principal atividade para as quais os psicólogos eram solicitados, sendo requeridos todavia, à realizar intervenções no campo jurídico (SANDRINI, et al., 2013).



SUMÁRIO

Segundo Carvalho e Souza (2014), a atuação de psicólogos jurídicos no Brasil teve seu início marcado primeiramente no campo tradicional na Psicologia Científica ao Direito Positivo. Surgiu com a prática forense, e mostrava-se dedicadamente ao comportamento criminal do indivíduo, que se estendeu na observação durante a pena estabelecida para o infrator. Posteriormente esses profissionais deixaram de realizar funções apenas em tribunais e foros, abarcou-se a isso quesitos envolvendo o trabalho dos psicólogos nomeados como peritos e assistentes técnicos para dirimir controvérsias no campo da psique, ampliando a esfera de atuação, nomeando-se posteriormente como Psicologia Jurídica.

Segundo Sandrini, et al., (2013), no Brasil, acredita-se que a relação do Direito com a Psicologia se caracteriza desde o início do século XX. A partir deste momento existiu diversos trabalhos de vários estudiosos em Medicina Legal, Psiquiatria Forense e Criminologia, baseados em teses organicistas, isto é, relacionando a doença mental com a criminalidade em bases biológicas.

Para Garcia (2004 *apud* SANDRINI, et al., 2013), a partir da definição tradicional do Direito e Psicologia, é possível observar pontos de aproximação, iniciando pelos deveres, direitos, motivações e mecanismos próprios ao ser humano. O Direito pode ser considerado como um conjunto de leis, preceitos e regras a que estão submetidos os homens em sua vida no coletivo. A psicologia, é o estudo do comportamento em sentido amplo, o que incluiria atividades, motivações e sentimentos atribuídos aos indivíduos.

A isso Silva (2016), acredita que a psicologia e o direito são áreas do conhecimento científico voltadas para a compreensão do comportamento humano, porém, diferem quanto ao seu objeto formal. A Psicologia volta-se ao mundo do ser, e tem como seu ponto de análise os processos psíquicos conscientes e inconscientes, individuais e sociais que governam a conduta humana. O Direito, atem-



SUMÁRIO

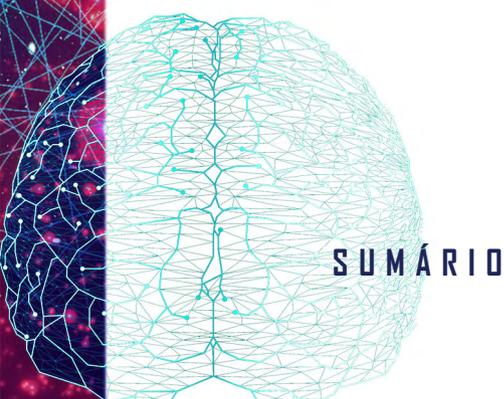
se ao mundo do dever ser, e supõe a regulamentação e legislação do trabalho interdisciplinar entre médicos, advogados, psiquiatras e psicólogos forenses.

Perante Arantes (2008, *apud* WEBER; MEDEIROS, 2017), problematizar a psicologia e o direito, é afirmar que essas não possuem um diálogo possível ou que as diferenças entre as ciências sejam algo para impedir uma construção qualificada para a interação. É necessário que ambas sejam claras e delineadas, para que não haja negação e sobreposição. Se torna primordial um diálogo e abertura entre ambas, podendo assim ter-se contribuições e novas possibilidades.

A isso cabe ressaltar que:

A Psicologia Jurídica é uma área que vem expandindo seus conhecimentos e atuação, com novas pesquisas e descobertas, e sobretudo com produções acadêmicas e científicas. Faz interface com o Direito e necessita demarcar seu espaço de atuação; para tanto, vale-se de outros conhecimentos já construídos da Psicologia para aliar seu trabalho ao do Judiciário, buscando uma atuação psicojurídica a serviço da cidadania, respeitando o ser humano. Desta forma, embora haja muito ainda a caminhar e construir enquanto identidade profissional, a Psicologia Jurídica atua ao lado do Direito em diversas formas: no planejamento e execução de políticas de cidadania, observância dos direitos humanos e combate à violência, orientação familiar, entre outras (SILVA, 2016, p. 15).

Diante disso, Ambrosio (2010, *apud* CADAN; ALBANESE, 2018), corrobora afirmando que a psicologia com métodos específicos e instrumentos próprios, se prestaria a atestar a veracidade do relato da testemunha no processo judicial, proporcionando à justiça o alcance de uma verdade. Os órgãos legislativos e judiciários incorporaram em seus procedimentos noções de outras áreas, tendo sido a psicologia requisitada a participar com seus conhecimentos próprios e científicos. Neste contexto, configurou-se, no que denomina-se hoje de Psicologia Jurídica.



SUMÁRIO

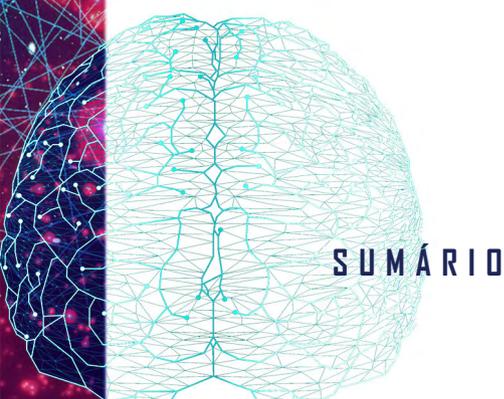
De acordo com Silva (2003), a evolução do direito concomitante com a psicologia, traz à luz a psicologia jurídica, a qual se torna adequada para compreender as questões envolvidas e desenvolvidas por psicólogos, dirimindo controvérsias no campo da psique, referindo-se com isso aos conflitos emocionais e comportamentais, por meio de laudos e pareceres que servem de instrumentos indispensáveis para que o juiz possa aplicar a lei.

Para Caires (2003, *apud* SILVA, 2016), a aplicação dos conhecimentos psicológicos para fins jurídicos vai além das visões teórico-práticas, é um fenômeno humano, social e natural, mas tal combinação de conhecimentos implicará todavia, à intervenção de uma autoridade legal que irá designar uma decisão.

Silva (2016) corrobora afirmando ser importante considerar que a Psicologia Jurídica vem estruturando seu conhecimento mediante a união com outras disciplinas com objetivos compartilhados: Psicologia, Direito, Criminologia, Vitimologia, Antropologia, Sociologia, Medicina, Economia, Política e o amplo marco das Neurociências que contribuem para a interface na busca desse importante objetivo que é a compreensão das realidades sociais de cada contexto (SILVA, 2016, p. 17).

Para Cadan e Albanese (2018), os profissionais da psicologia vêm sendo repetidamente requisitado pelo sistema de justiça, pelos tribunais judiciais, pelos promotores de justiça, ou mesmo na fase antecedente ao processo, durante o período investigativo e pela polícia. O profissional da psicologia tem acompanhado principalmente, temas envolvendo a infância, adolescência e conflitos familiares. Os documentos produzidos por esse profissional, muitas vezes, subsidiam relevantemente a decisão judicial.

Segundo Carvalho e Miranda (2014), a psicologia no âmbito do direito propõe subsídios e irá contribuir para a agilização dos procedimentos jurídicos, com maior efetividade. Contudo neste cenário



SUMÁRIO

a psicologia jurídica deve responder sobre às demandas sociais que sinalizam a necessidade de compreender a área jurídica como um campo de interconexões importantes com as políticas públicas de saúde e educação, sendo que o profissional da psicologia deve transitar entre essas duas ciências. Para isso o psicólogo jurídico demanda ser reflexivo e inovador em sua atuação, mas não excluindo as modalidades tradicionais, que criem novas possibilidades para que o exercício do direito possibilite impactos efetivos e positivos para todos envolvidos.

A principal demanda solicitada do judiciário, em relação ao trabalho do profissional da psicologia, relaciona-se aos conflitos familiares. De acordo com Sandrini (et al., 2013, p. 25), “[...] estes conflitos se apresentam em larga escala e nos mais diversificados cenários, tais como: Varas de Família; Juizados da Infância e da Juventude; Varas de Execução Penal; Delegacias de Polícias; entre outros”.

Mader (2016) ressalta que, a psicologia jurídica é uma especificidade da psicologia que, há cada ano, vem provocando curiosidade em muitos psicólogos, assim como em outros profissionais e a sociedade. Entende-se que isso se dá por conta da inclusão da psicologia nos cenários da justiça e em contextos a ele relacionado, e contudo, pelo crescente hábito de judicialização na vida diária dos indivíduos.

De acordo com, Silva; Vasconcelos e Magalhães (2001, *apud* SILVA, 2003), a psicologia jurídica é uma área nova e pouco explorada da psicologia que faz a conexão com o direito, e é necessário maior demarcação dessa possibilidade de atuação. Não possui técnicas e conceitos próprios, pois é integrada com a psicologia concomitante aos seus conhecimentos já produzidos. Busca-se por uma atuação psicojurídica, refletindo no indivíduo. Visualiza-se que muito tem que se construir enquanto identidade profissional, porém hoje já se concebe a execução deste profissional em diversas formas, como: políticas



SUMÁRIO

públicas, violências, direitos humanos, orientações para famílias e entre outros aspectos.

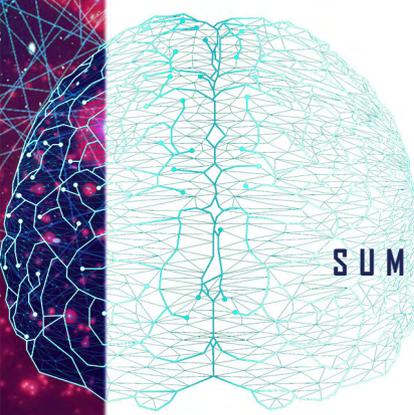
Segundo autores supracitados, o trabalho da psicologia jurídica não busca por provas judiciais, mas sim fundamentos e indícios da situação explorada no momento, que nortearão a atuação do psicólogo e dos operadores do direito. É de extrema importância que todos esses atuantes fossem ao encontro de um trabalho multiprofissional para a construção de um único saber.

O trabalho da Psicologia estabeleceu o campo de atuação da Psicologia Jurídica na busca pela verdade. Todavia, essa verdade é sempre parcial e incompleta, não sendo possível aprender por completo a verdade do sujeito, tanto devido a aspectos inconscientes que permanecem inacessíveis à investigação, quanto pelo distanciamento entre o discurso objetivo do Direito e o subjetivo da Psicologia. Assim, o que se procuram são indicadores de determinada situação, que poderão nortear uma tomada de decisão por parte do sistema de Justiça (SILVA, 2003 *apud* BATISTA; GOMES, 2017, p. 34-35).

A isso, Brito (2002, *apud* WEBER; MEDEIROS, 2017), atribuí que as especificidades inseridas na psicologia não se sustentam como independente, incluindo a psicologia na interface com a justiça, uma vez que os pressupostos teóricos, em cada campo de atuação, têm os mesmos fundamentos, independente do seu locus. A psicologia jurídica é um campo de atuação, não deixando de ser psicologia em sua essência e que independente da ação, os profissionais devem estar sempre comprometidos e atualizados com os saberes da psicologia.

Nesse sentido:

A Psicologia Jurídica, mais do que um fazer, pode constituir-se como um pensar, como um posicionamento social e filosófico que certamente se concretiza em um atuar consequente com essa reflexão, pois o agir sem almejar um fim ulterior resulta vazio, assim como o pensar sem atuar resulta idealista (SALDAÑA, 2008 *apud* SILVA, 2016, p. 19).



SUMÁRIO

Segundo Silva (2007, *apud* SILVA, 2016), a psicologia jurídica aparece nesse contexto, em que o psicólogo coloca seus conhecimentos à disposição, contribuindo em aspectos relevantes para ações judiciais, fornecendo ao processo uma realidade psicológica dos envolvidos que ultrapassa a lei, e que de outra forma não chegaria ao conhecimento do julgador por se tratar de um trabalho que vai além da exposição de fatos.

Trata-se de uma análise aprofundada do contexto em que essas pessoas que apresentam-se ao judiciário estão inseridas. Essa análise inclui aspectos conscientes e inconscientes, verbais e não verbais, autênticos e estereotipados, individualizados e grupais, que mobilizam os indivíduos às condutas humanas.

Portanto, de acordo com Silva (2016), a psicologia jurídica é uma ciência que compreende o estudo, o suporte e intervenção eficaz, construtiva para o favorecimento da sociedade, acerca do comportamento humano e as normas legais e instituições. Possui como intuito primordial humanizar o exercício do direito e da aplicação das leis, trazer uma visão crítica para confrontar se as práticas judiciais que estão em conformidade com o que é humanamente necessário, eficaz e realmente justo. Por fim, “[...] Os psicólogos jurídicos são cientistas e críticos da melhoria do sistema judicial e de sua integridade, objetivando garantir a aplicação da justiça” (SILVA, 2016, p.20) como descrito acima.

Atuação do psicólogo (a) policial civil

Perante às informações fornecidas no site da polícia civil de Santa Catarina, esta é responsável por combater o crime por meio da complexa atividade de Investigação Criminal. A principal atribuição da Instituição é a apuração das circunstâncias do evento criminoso e identificação de seus responsáveis. Para toda unidade policial civil é disponibilizada



SUMÁRIO

uma equipe composta por Delegado de Polícia, Agente de Polícia, Escrivão de Polícia e, a depender do crime, um Psicólogo Policial. Cada um desses profissionais possuem atribuições e especialidades próprias, as quais somadas contribuem significativamente para a elucidação e esclarecimento dos mais diversos crimes.

A atuação do psicólogo na polícia civil, segundo Weber e Medeiros (2017), no estado de Santa Catarina se constituiu de maneira ampla e diversificada. Houveram diversas iniciativas frente a essa função, demandado por profissionais que trabalhavam em todo o estado, com pouco espaço de interação. Todavia outros profissionais que se mantiveram ligados ao Detran, porém com funções diferentes das pensadas ao início. Alguns profissionais voltaram-se às questões organizacionais, saúde ocupacional, educacional e projetos. Aos profissionais que visaram suas atividades relacionadas à segurança pública, atuaram no sistema prisional (após deixou de ser competência da Secretaria de Estado de Segurança Pública), no Instituto Médico Legal e nas Delegacias de Polícia.

Diante dessa realidade Weber e Medeiros (2017), ressaltam que o cargo do psicólogo (a) policial civil de Santa Catarina obteve um crescimento significativo nos últimos tempos, em função de concursos realizados no ano de 2006, contendo 06 vagas, e 2010, com um total 63 oportunidades de colocação neste mercado.

Weber e Medeiros (2017), ressaltam que existe uma lei complementar número 453 no ano de 2009, do Estado de Santa Catarina, que nomeia o cargo de 'Psicólogo (a) Policial Civil', visto que os outros profissionais tem nomeação de 'Cargo de Polícia Civil'. A nomenclatura de psicólogo (a) policial civil passa ser atrelada à formação na graduação de psicologia, bem como a formação na Academia de Polícia Civil, constituindo-se assim o cargo de Psicólogo (a) Policial Civil.



SUMÁRIO

Esse profissional ainda é sujeito as regulamentações do Conselho Federal de Psicologia e Conselhos Regionais. Weber e Medeiros (2017) acrescentam que, acerca da nomenclatura do cargo no que se refere a hierarquização, a psicologia inserida na polícia ou em qualquer outro campo de atuação deve contribuir com seus conhecimentos diante de suas particularidades e possibilidades.

As autoras supracitadas, contemplam duas grandes diferenças entre o espaço ocupado e o espaço a ser ocupado pelo psicólogo (a) policial civil. Atualmente o objetivo principal é de auxiliar os operadores do direito na resolução de crimes, atuando concomitante a isso, com a gestão de recursos humanos na instituição, saúde mental dos servidores e política educacional de formação continuada.

Em delegacias especializadas, o profissional da psicologia tem-se voltado mais para duas áreas, sendo estas: em situações que envolvem atendimentos ao público com demandas de mulheres vítimas de violência; e suspeitas de crimes praticados contra crianças e adolescentes, valorizando nos atendimentos a essência da psicologia. São nesses contextos que se encontra o maior número de profissionais, os quais se demanda refletir conjuntamente com a ciência da psicologia e a do direito, cabendo a estes o desafio de atuar de forma ética no que tange a sua profissão.

De acordo com Batista; Gomes (2017), no contexto policial, a psicologia, principalmente quando requerida para casos de violência contra crianças e adolescentes, possui alguns desafios que se fazem necessário uma compreensão, na medida em que as informações não são reduzidas aos documentos psicológicos, mas apresenta compreensão técnica perante aos casos. No momento atual acredita-se que é o melhor que se pode oferecer para os operadores do direito.



SUMÁRIO

Sobremaneira ressalta-se que:

Na atuação em delegacias especializadas em crimes contra crianças, os psicólogos policiais de Santa Catarina têm procurado seguir as orientações provindas do órgão regulador (CFP). Assim, os atendimentos objetivam realizar uma escuta qualificada da fala da criança respeito do fato a ser apurado e evitar, quando possível, que ela seja ouvida em vários momentos durante a instrução do procedimento, contribuindo para prevenir eventual revitimização/vitimização secundária proveniente da repetição desnecessária de entrevistas com crianças (ANDREOTTI, 2012, *apud* BATISTA; GOMES, 2017, p. 45).

De acordo com Nobrega et al., (2018), em casos de violência contra mulher procura-se realizar uma reflexão perante a situação vivida, possibilitando para essa mulher um olhar além da vitimização, favorecendo para a resolução dos seus conflitos e concomitante a isso oferecendo um ambiente acolhedor e digno com o auxílio de um profissional adequado.

Para Moreira e Souza (2012, *apud* BATISTA; GOMES, 2017), a violência é um fenômeno de alta complexibilidade envolvendo relações construídas e repassadas a cada geração. Contextos que envolvem vulnerabilidade e que consistem em relações de afeto ao mesmo tempo que ocorre a violência. Portanto se torna necessário que, a psicologia e seus pesquisadores, deem mais atenção no que se trata à violência.

Segundo Weber e Medeiros (2017), por Santa Catarina ser o único estado que conta em seu quadro de colaboradores, o profissional da psicologia que auxilia o poder judiciário na investigação de crimes, existem dificuldades e impasses a serem transpostos, em função de não possuir práticas anteriores que possam servir de embasamento para os profissionais.

A maioria das outras práticas em psicologia possuem referenciais, porém o psicólogo (a) policial civil permanece com



SUMÁRIO

algumas incertezas, necessitando realizar inúmeros questionamentos, mas de qualquer forma, está construindo um caminho para melhor atuação desenvolvendo novas possibilidades, tendo a ciência da psicologia como seu gerador de conhecimentos para esse contexto.

Para Cadan e Albanese (2018), uma das dificuldades da atuação do psicólogo é demarcada por constantes tensões entre as normativas éticas que regulamentam a profissão do psicólogo pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e as solicitações dos operadores do direito a este profissional, o que leva a diversos conflitos entre os dois campos de ciência; a psicologia e o direito. Percebe-se que, com seus discursos naturalizados, ao reconhecerem seu modo de estabelecer no sistema de justiça como sendo o único possível, os atores de ambas as áreas, muitas vezes, desconhecem outras formas de atuar. A repetição diária das práticas, sem o questionamento de suas origens, corrobora com a naturalização do que se faz e, assim como, na compreensão de que esta seria a única forma de atuar, tanto para a psicologia como para o direito.

As autoras acima citadas, expõe sobre suas experiências de cinco anos de serviços prestados em quatro delegacias de polícia especializadas de diferentes cidades do estado de Santa Catarina, e constataram que a demanda da instituição jurídica em direção à psicologia depende de um movimento por respostas aos seus questionamentos, no qual o psicólogo é convocado a contribuir na produção de provas durante as investigações policiais, das quais, por sua vez, o objetivo é a revelação de uma pretensa verdade sobre as ocorrências notificadas. Há uma expectativa, por parte dos operadores do direito, de descoberta de fatos, na qual a psicologia possuiria as técnicas que poderiam auxiliar o sistema de justiça nesta sua empreitada.

Por exemplo, diversas são as requisições a estes psicólogos para atestarem a veracidade de relatos de testemunhas de supostos



SUMÁRIO

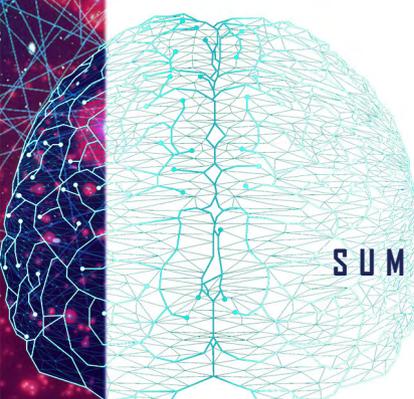
crimes, ou seja, esperam que o profissional de psicologia emita um laudo conclusivo sobre a ocorrência ou não do abuso sexual contra a criança, como acontece na prática cotidiana de muitos psicólogos da polícia civil. Assim, ao que parece, para o operador do direito, ao possuir instrumental específico, que a ciência psicológica cumpra a expectativa de corroborar a elucidação de um fato, evidenciando as suas verdades.

Portanto vale ressaltar que:

Neste contexto o psicólogo cria condições para a realização de um trabalho que respeite e promova a liberdade, a dignidade, a igualdade e integralidade; promova a saúde e qualidade de vida, contribuindo para a eliminação de negligências, discriminação, exploração, violência, crueldade, e opressão; com responsabilidade social, de modo crítico: com responsabilidade científica (WEBER; MEDEIROS, 2017, p. 30).

De acordo com Batista e Gomes (2018), na atualidade há uma demanda crescente no que se refere à procura do profissional da psicologia nos serviços que se relacionam com a justiça. A psicologia procura por uma atuação que transite entre estas áreas, favorecendo um serviço de qualidade aos cidadãos. É uma das áreas mais inovadoras da ciência psicológica que foi convidada para atuar no contexto policial, assim os conhecimentos relacionados ao psiquismo humano podem contribuir para as mais diferenciadas situações de violência.

Contudo atualmente demonstra ser uma área que está em constante crescimento e necessita demarcar seu espaço e constituir uma identidade profissional.



SUMÁRIO

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tal estudo tem por abordagem a pesquisa qualitativa a qual, opera uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, apoiados nos pressupostos dos aspectos subjetivos da ação social, visto que centra sua atenção aos fenômenos complexos e/ou únicos (UNIFEBE, 2019). O tipo da pesquisa se mostra exploratória pois, seu principal objetivo é o aprimoramento das ideias, e o seu planejamento flexível permite que se considere a variedade de aspectos identificados em relação ao fato estudado (UNIFEBE, 2019). É caracterizado como sendo bibliográfico pois desvenda e analisa as principais contribuições sobre determinado fato (UNIFEBE, 2019).

Para melhor compreensão, a busca dos conteúdos, ocorreu por meio de uma pesquisa em bases de dados *onlines*. Como critérios de inclusão foram utilizadas as palavras chaves estabelecidas à priori, assim como os critérios de exclusão que se referem: ao idioma estrangeiro; ano de publicação, e após esta escrutinação, foi efetuada a leitura dos resumos. Neste sentido, selecionou-se alguns artigos, para a leitura completa.

Foram utilizadas as bases de dados Scielo, Capes, Bvs e EbscoHost e colocou-se de forma individualizada os critérios de inclusão que são as seguintes palavras chaves: psicologia jurídica, função da psicologia jurídica, psicólogo(a) policial civil e função do psicólogo (a) policial civil, após aplicou-se os critérios de exclusão que foram: artigos com língua estrangeira e publicação anterior à 2015. Com isso encontrou-se um total de um mil duzentos e noventa e seis (1296) artigos, na qual foi procedida a leitura dos resumos e permaneceu nove (09).

Perante a leitura literal destes, um (01) foi selecionado para ser citado no corpo da pesquisa. Além das bases de dados foram



SUMÁRIO

utilizados obras publicados sem restrições de data de publicação em decorrência da relevância destas, e um artigo disponibilizado de uma profissional da área, em que ambos provêm para o conjunto de conhecimento abordado nesse estudo em função do número incipiente de dados encontrados nas bases *onlines*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do psicólogo jurídico se faz importante, apresentando inúmeras mudanças de acordo com as décadas, em um cenário em que o psicólogo em casos judiciais, fornece recursos para atuações e auxiliando nos processos decorrentes da justiça.

Levando em conta as bibliografias estudadas, fica claro algumas dificuldades encontradas entre psicólogos e operadores do direito em chegar a um consenso que favoreça ambas atuações, visto que as duas áreas tem o objetivo de denominar um destino para o ser humano. Entende-se que em muitos momentos pode ser difícil para a ciência do direito compreender o olhar e técnicas da psicologia, já que os mesmos não são instruídos para isso em sua formação, mas é muito relevante quando ambos praticantes do saber se mantêm abertos para novos conhecimentos e reflexões.

Após muitos anos da inserção do psicólogo na justiça, em Santa Catarina houve a necessidade de ter esses profissionais inseridos em delegacias especializadas, integrando o quadro de colaboradores da polícia civil, visto que esta atuação tem como embasamento a psicologia jurídica (psicologia enquanto ciência independente e jurídica que se refere a um cenário de atuação para os psicólogos). Esse profissional poderá estar diante de muitas demandas, porém a mais requisitada são os atendimentos oferecidos em casos de



SUMÁRIO

violência contra crianças e adolescentes e violência contra mulher, e em sua maioria, esse profissional da psicologia deve apresentar subsídios para os operadores do direito, com intuito de resolução dos casos registrados.

Se torna imperioso compreender que a psicologia de modo geral, oferece elementos para a atuação do profissional neste contexto, pois independente do cenário, pretende ter um olhar diferenciado para o ser humano, lidando com empatia, favorecendo ao público atendimentos de forma respeitosa e sem intenção de causar danos psicológicos negativos para o indivíduo.

Espera-se que este estudo possa ter balizado o leitor à partir dos conceitos aqui apresentados, ainda que consista insipiência de publicações em base de dados *onlines* sendo esta a principal dificuldade para obter a compreensão de conceitos que fossem congruentes e atuais. Por este motivo, o presente artigo tem como embasamento teórico obras com autores reconhecidos nos contextos aqui expostos. Nas bases de dados *onlines* encontra-se inúmeros resultados, porém são publicados há mais de cinco anos, e neste estudo foi estabelecido como critério de exclusão artigos com no máximo cinco anos de publicação, para que posteriormente proporcionasse para o leitor um conteúdo atual.

Foram selecionados todavia, artigos apenas de língua portuguesa o que gerou escassez nos resultados. Ao restante dos artigos que foram lidos os resumos, percebeu-se que em sua maioria tratava da atuação da psicologia jurídica centrada em demandas específicas, e pouco se concedia conteúdo que articulasse a psicologia jurídica de forma geral e no contexto da atuação do psicólogo(a) policial civil. Quanto a esta atuação especificamente, percebeu-se quase inexistência de publicações.



SUMÁRIO

Entende-se que atualmente é um tema escasso na literatura, mas está em constante crescimento, portanto, por sua relevância, em breve será gerador de novas pesquisas, podendo ser melhor compreendida pela sociedade, gerando infinitas oportunidades para os profissionais da psicologia.

Foi de suma importância profissional e pessoal realizar esse trabalho de conclusão de curso nesta temática que é apreciada desde o início da graduação. O tema para a pesquisa surgiu em decorrência de dois estágios realizados em uma delegacia especializada no estado de Santa Catarina, com duração de um ano, em que foi possível observar com proximidade o trabalho bem sucedido de uma psicóloga policial civil, em que propositou muito conhecimento e encantamento por essa área que carrega inúmeras dificuldades, porém é digna de muitos aspectos positivos, tanto para o âmbito profissional quanto para o humano.

Portanto é possível salientar a importância deste profissional inserido na polícia civil lidando com demandas de violência, e percebe-se que essa atuação poderia estar inserida em todos os estados do Brasil, no qual iria favorecer um fazer dos psicólogos mais condizente e eficiente indo ao encontro destas ciências (psicologia e direito) com um olhar prospectivo e diferenciado ao humano que necessita de cuidado e respeito em função do contexto no qual está inserido.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Aline, Pozzolo; GOMES, Maíra, Marchi. Perícia psicológica: A contribuição da psicologia policial na investigação criminal de violência intrafamiliar contra criança. In: BATISTA, Aline, Pozzolo; MEDEIROS, Juliana, Lima. *Psicologia e polícia: Diálogos possíveis*. Curitiba:Juruá, 2017. p. 33-49.

CADAN, Danielle; ALBANESE, Luciana. *Um olhar clínico para uma justiça cega: uma análise do discurso de psicólogos do sistema de justiça*.



SUMÁRIO

Psicologia: Ciência e Profissão, Itajaí, v. 38. n. 2, p. 316-331, abr./jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-98932018000200316&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 dez 2019.

CARVALHO, Maria; MIRANDA, Vera, Regina. *Psicologia jurídica: Tema de aplicação*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2014.

CARVALHO, Maria; SOUZA, Marilane. *Psicologia jurídica nos abrigos: Uma análise sistêmica do direito à convivência familiar e comunitária*. In: CARVALHO, Maria; MIRANDA, Vera, Regina. *Psicologia jurídica: Tema de aplicação*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2014. p. 22-42.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE UNIFEBE, *Manual de orientações metodológicas*. Brusque, 2019. p. 58.

MADER, Bruno, Jardini. *Psicologia e justiça: diálogos sobre uma relação em evidência*. 1. ed. Curitiba: Cupola, 2016.

NOBREGA, Lucas; Mentor; de Albuquerque, et al. *Caracterizando a psicologia policial enquanto uma psicologia social jurídica*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v.70 n. 3, p. 148-165, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672018000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 nov 2019.

POLÍCIA CIVIL DE SANTA CATARINA. Atribuições. Disponível em: <http://www.pc.sc.gov.br/institucional/atribuicoes>. Acesso em: 11 dez. 2019.

ROVINSKI, Sonia, Liane, Reichert. *Fundamentos da perícia psicológica forense*. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2013.

SANDRINI, Paulo, Roberto, et al. *Psicologia jurídica*. 1ed. Palhoça: Unisul, 2013.

SILVA, Denise, Maria, Perissini. *Psicologia jurídica no processo civil brasileiro: a interface da psicologia com direito nas questões de família e infância*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

_____. *Psicologia jurídica no processo civil brasileiro: a interface da psicologia com direito nas questões de família e infância*. 1. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

WEBER, Cristina, Maria; MEDEIROS, Juliana, Lima. *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come: Os diálogos possíveis e os conflitos inevitáveis da Psicologia como ciência e profissão com a polícia judiciária*. In: BATISTA, Aline, Pozzolo; MEDEIROS, Juliana, Lima. *Psicologia e polícia: Diálogos possíveis*. Curitiba: Juruá, 2017. p. 21 -32.



SUMÁRIO

4

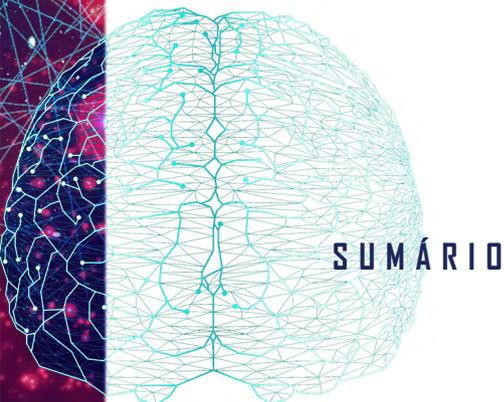
Leidiane Weber

Simoni Urnau Bonfiglio

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOB A ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

THERAPEUTIC RELATIONSHIP UNDER
THE GESTALT-THERAPY OPTICS

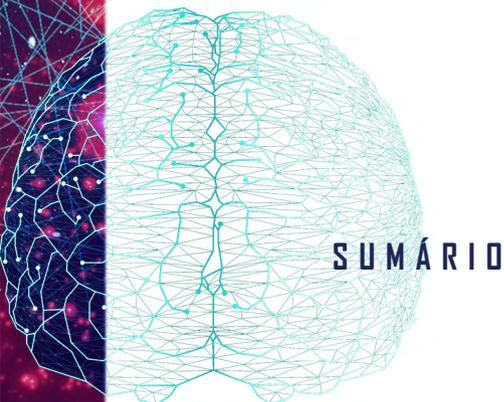
DOI: 10.31560/pimentaocultural/2020.130.81-105



SUMÁRIO

RESUMO: O vínculo que se estabelece por meio da relação terapêutica na abordagem Gestalt-terapia é uma relação de encontro que permite que o profissional olhe para seu cliente como um ser único. O terapeuta é aquele que propicia que o paciente vá ao encontro de sua autonomia e capacidade de desenvolver suas potencialidades, sendo assim a prática desta abordagem requer disponibilidade do profissional para caminhar junto com o cliente, ou seja o Gestalt terapeuta não é neutro dentro do processo psicoterapêutico, ele participa de forma relacional juntamente com o cliente. Visando proporcionar uma contribuição acadêmica para realização de possíveis novos estudos acerca do tema, o artigo teve como objetivo compreender a função da relação terapêutica para o processo de psicoterapia na abordagem da Gestalt terapia. Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, o levantamento das obras, foi realizada por meio de sites tais como: BDTD, BVS Brasil, Ebsco host e Scielo, limitando a data de publicação entre os anos de 2014 a 2019. Do material encontrado, nenhum artigo correspondeu aos critérios de inclusão para este estudo, com isso os resultados demonstram poucas publicações sobre o tema. Em função da insipiência de materiais disponibilizados foi necessário a busca de obras que versassem sobre o assunto afim de ser possível a elaboração do mesmo, bem como de responder ao problema supracitado, com isso vale ressaltar que a esse estudo contribuirá muito para atuação profissional, pois foi possível refletir sobre a relação terapêutica e a atuação do psicoterapeuta diante do cliente.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia. Relação terapêutica. Processo terapêutico. Função terapêutica.



ABSTRACT: The bond established through the therapeutic relationship in the Gestalt-therapy approach is a meeting relationship that allows the professional to look at his client as unique. The therapist is the one that enables the patient to meet their autonomy and ability to develop their potentials, so the practice of this approach requires the availability of professional to walk with the client, ie the Gestalt therapist is not neutral within the process. psychotherapeutic, he participates relationally with the client. Aiming to provide an academic contribution to possible new studies on the subject, the article aimed to understand the role of the therapeutic relationship for the psychotherapy process in the Gestalt therapy approach. Because it is a bibliographic research, the survey of the works was performed through sites such as: BDTD, VHL Brazil, Ebesco host and Scielo, limiting the publication date between 2014 and 2019. From the material found, No article met the inclusion criteria for this study, so the results show few publications on the subject. Due to the lack of materials available, it was necessary to search for works that dealt with the subject in order to be able to elaborate it, as well as to answer the aforementioned problem, with this it is noteworthy that this study will contribute greatly to professional performance, since It. was possible to reflect on the therapeutic relationship and the performance of the psychotherapist before the client.

KEYWORDS: Gestalt therapy. Therapeutic Relationship. Therapeutic process. Therapeutic function.

INTRODUÇÃO

A relação que se estabelece entre cliente e terapeuta é um dos aspectos mais fundamentais do processo psicoterapêutico. Estar em relação com a pessoa, é uma experiência de encontro, um encontro verdadeiro no qual o cliente é recebido como ele é, com suas forças e fraquezas, limites e possibilidades. O foco terapêutico é deslocado das mãos do terapeuta e vai para a relação terapêutica, onde o profissional trabalha para que o indivíduo perceba a responsabilidade sobre suas escolhas e alcance dentro de seu próprio tempo e possibilidades, uma atitude mais autônoma (FREITAS, 2016).

Sentiu-se a necessidade em abordar tal tema, devido ao fato de que todo indivíduo vive em constante contato, e a Gestalt-terapia como abordagem, busca manter o indivíduo em harmonia consigo e com o mundo, não centrando atenção em patologias ou sintomas, mas na percepção de si, no aqui e agora. A abordagem preconiza a participação do terapeuta nesse processo e a construção do indivíduo que está em contato com o mundo. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo compreender a função da relação terapêutica para o processo de psicoterapia na abordagem da Gestalt terapia.

A pergunta que norteia a pesquisa, está relacionada a compreender qual é a função da relação terapêutica no processo de psicoterapia. Para alcançar tal resposta, desenvolveu-se pesquisa qualitativa e exploratória, tendo como método a revisão bibliográfica. O material aqui apresentado é resultante de referenciais teóricos já publicados em obras, por autores conhecidos na área e levantamento de artigos científicos atuais. Porém, os artigos encontrados no levantamento da pesquisa não corresponderam aos critérios de inclusão utilizados, e com isso foram empreendidas demais obras que possibilitaram a realização deste estudo.



SUMÁRIO

Serão abordadas algumas temáticas da Gestalt-terapia apresentando uma visão geral da teoria e sua visão quanto o posicionamento do psicoterapeuta e o seu fazer, bem como dos conceitos de contato, campo, energia, Eu-Tu, Eu-Isso e diálogo. Portanto cada conceito se fará presente no decorrer do trabalho de forma interligada para uma melhor compreensão da relação terapêutica. Este trabalho justifica-se pela necessidade de construção de conhecimento científico sobre a temática abordada, sendo que é de extrema importância que o profissional psicoterapeuta possa aprofundar seus conhecimentos da área para um fazer de qualidade.

GESTALT TERAPIA E A RELAÇÃO TERAPÊUTICA

A palavra Gestalt é alemã e não tem uma tradução exata para o português, porém, contém um sentido de forma, de um todo que se orienta para uma definição de estrutura organizada (RODRIGUES, 2011). Vale ressaltar que a Psicologia da Gestalt e Gestalt-terapia não significam a mesma coisa, ou seja, são temáticas diferentes. De acordo com Rodrigues (2011), a Gestalt-terapia se preocupa com o campo clínico e com as teorias e técnicas de trabalho que visam dar ao homem as condições necessárias para seu próprio crescimento. A psicologia da Gestalt foi um campo de pesquisa que trouxe uma série de novas perspectivas para entender a maneira com a qual o homem percebe o mundo.

Na prática clínica o psicólogo pode adotar uma abordagem que lhe ofereça contribuições teóricas e técnicas. A Gestalt-Terapia é uma abordagem psicológica que foi desenvolvida por Frederick (Fritz) Perls e outros colaboradores como, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weiz, Sylvester Eastman e Eliot Shapiro que compartilhavam ideias sobre os potenciais humanos. (BRANCO;



SUMÁRIO

CARPES, 2017). Neste sentido, a Gestalt – Terapia tem por intuito compreender o indivíduo como um todo. De acordo com Freitas (2016) nesta abordagem, o homem não é visto como parte isolada de seu contexto, mas como uma totalidade organismo-meio, ou seja, a Gestalt-terapia trata-se de uma prática psicoterapêutica que se orienta por uma visão integradora do homem, procurando vê-lo como um todo e não como uma patologia. A patologia é apenas uma das várias partes do todo que é aquele indivíduo.

A Gestalt-terapia considera o homem em si como um fenômeno, que se revela lentamente, sendo percebido como um ser complexo, que a todo o momento se reorganiza de acordo com as suas necessidades, não podendo ser então conhecido completamente, nem com características fixas e imutáveis, e que faz parte de um contexto, um campo, no tempo e espaço, que o modifica e é modificado por ele a todo instante (FREITAS, 2016).

Frente a isto, a abordagem da Gestalt-terapia busca valorizar o existir, o ser no mundo, a espontaneidade e autenticidade do indivíduo. Para isso desenvolveu uma visão de homem que possibilita ao terapeuta enxergar seu cliente em sua singularidade e totalidade a partir da relação que se estabelece no aqui-agora, acreditando nas potencialidades e capacidade de movimento do ser que a ele se apresenta. (CAMPOS; TOLEDO; FARIA, 2011). Logo, é necessário que o terapeuta seja capaz de criar um ambiente acolhedor para quem o procura, pois de acordo com Portela, (et al., 2008), a criação deste ambiente é fundamental para auxiliar o paciente a aceitar e concentrar-se nas sensações dolorosas. Ressalta-se ainda a importante de o terapeuta adota uma conduta receptiva para demonstrar confiança ao paciente, possibilitando um encontro real e nada ameaçador.

Segundo Ribeiro (2016), a presença do terapeuta deve superar a do cliente, pois se o terapeuta não está presente em si mesmo, dificilmente poderá auxiliar o outro. Sendo assim, tudo no consultório



SUMÁRIO

deve favorecer a presença, e é importante que o terapeuta se recorde que seu consultório não se configura somente entre as quatro paredes nas quais ele atende, mas sim o cliente e o mundo por ele introjetado, ou seja o cliente é o consultório, e a relação cliente-terapeuta, a porta da presença que não é física, mas é sobretudo, a alma do cliente e o terapeuta, que se encontram e fluem, juntos, à procura de novas saídas que facilitam o processo.

Na Gestalt-terapia entende-se que, o psicoterapeuta tem que estar bem consigo mesmo para poder acolitar alguém, pois sua percepção equivocada à respeito do outro poderá prejudicá-lo. Ribeiro (2017), ressalta que, o psicoterapeuta tem que passar por seu processo antes de começar seu trabalho, pois assim, ele consciente de seus obstáculos, poderá evitar que tal situação venha a prejudicar o seu cliente. É necessário que o terapeuta esteja presente.

Desta forma, o psicoterapeuta demanda estar preparado para reagir de modo positivo às próprias frustrações. Rodrigues (2011), afirma que lidar com as próprias dificuldade, com os próprios limites e incompletudes é talvez o maior desafio de um terapeuta em qualquer abordagem, porém em especial para o Gestalt-terapeuta, pois sua formação não deve se restringir apenas ao conhecimento teórico da abordagem, ao domínio de seus princípios e técnicas. Ou seja a formação de um Gestalt-terapeuta deve conter um considerável tempo para seu trabalho psicoterápico, pois na medida em que ele pode se ver e lidar com suas próprias dificuldades, poderá enxergar melhor o que é dele e o que é do outro, alcançando uma melhor e mais profunda eficácia em sua atuação clínica.

Sob esta perspectiva, a consciência emocional do seu processo poderá proporcionar-lhe caminhos, forças e maior liberdade para aceitar e lidar com seu cliente. Portanto, o grande início é dar-se conta de si mesmo e do outro, e não fazer de conta que esses conteúdo do cliente não tem relação com os seus, pois nesse caso perturbará mais



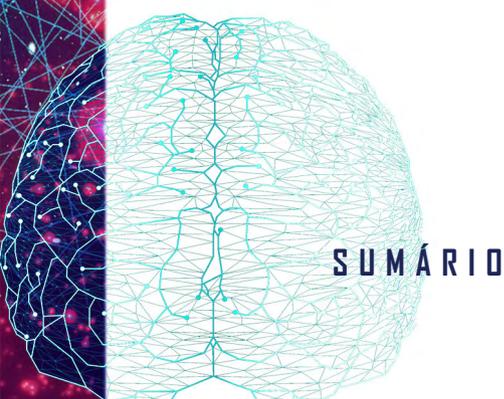
SUMÁRIO

seu processo que o do cliente. Contudo, se por acaso, algum tema for inquietante de tal modo que o psicoterapeuta não dê conta de lidar, deverá, primeiramente fazer uma séria auto análise para compreender os laços não conscientes que o prendem ao seu cliente. Caso não consiga se perceber, deverá procurar orientação de um colega para uma supervisão e se mesmo assim não for possível ultrapassar tal dificuldade, deverá, com os devidos cuidados, encaminhar o cliente a outro profissional e retornar ao seu próprio processo de psicoterapia, levando em conta que este é constante (RIBEIRO, 2017).

Portanto, cabe ao psicoterapeuta se perceber como um todo, analisando suas possibilidades, assim como suas capacidades diante da situação vivida pelo o cliente, ou seja, não basta apenas desejar atender o mesmo, é necessário que se tenha condições de estar inteiro com o cliente, auxiliando-o a ampliar seu interno e seu sistema de contato consigo mesmo e com o mundo a sua volta, pois quando o psicoterapeuta inicia um processo sem tais capacidades, poderá gerar graves danos para o cliente (RIBEIRO, 2017).

Compreende-se aqui que a psicoterapia é um processo de tomada de posse de si próprio, no qual refere-se às próprias potencialidades, ou seja o cliente constrói sua caminhada, percorrendo o seu caminho. O psicoterapeuta não é aquele que cura, mas aquele que 'cuida' e sentir-se cuidado, entretanto, é um poderoso processo de mudança que permite ao cliente repensar com mais segurança suas escolhas e próprias possibilidades de cura (RIBEIRO, 2017).

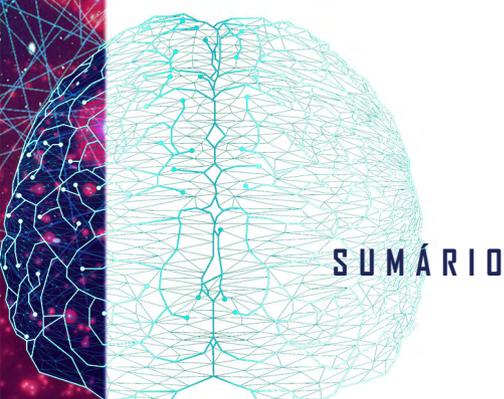
Para Ginger e Ginger (1995), o papel do Gestalt-terapeuta não é de direcionar o cliente, muito menos de aconselhar o que este deve fazer, o psicoterapeuta está à disposição do cliente para acompanhá-lo no caminho que este último determinar, ou seja, é permitir e favorecer, não compreender ou fazer, nem proceder nem deter o cliente, mas acompanhá-lo, conservando sua própria alteridade.



SUMÁRIO

Ressalta-se que a condição principal para o início de uma psicoterapia é a consciência própria de que algo em nós não funciona bem, dificultando um fluxo de vida harmonioso e estável. O processo psicoterapêutico visa colocar em ação o crescimento, a independência e a maturidade do cliente, ou seja objetiva-se levar o homem a uma melhor compreensão, a uma visão real de si mesmo e a uma revisão objetiva do mundo em que vive. No entanto, a psicoterapia é um processo de envolvimento, onde duas pessoas se encontram numa relação profunda e significativa, no qual o psicoterapeuta desempenha e vive a função de agente de mudança e o cliente experimenta situações passadas, presentes e futuras, procurando compreendê-las por meio da vivência no presente, convivendo com emoções, fantasias e sentimentos, tentando encontrar saídas novas para seu modo de estar no mundo como um todo (RIBEIRO, 2017).

A relação que se estabelece entre cliente e terapeuta é um dos aspectos mais fundamentais do processo psicoterapêutico. Estar em relação com a pessoa, é uma experiência de encontro verdadeiro, no qual o cliente é recebido como ele é, com suas forças e fraquezas, limites e potencialidades. O foco terapêutico é deslocado das mãos do terapeuta e vai para a relação, onde o terapeuta trabalha para que o indivíduo perceba a responsabilidade sobre suas escolhas, e alcance dentro de seu próprio tempo e possibilidades, uma atitude mais autônoma. Para isso, a Gestalt-terapia requer disponibilidade do terapeuta para caminhar junto com o cliente e para se envolver num processo humano. A ele é demandado algumas características, como empatia, capacidade de ouvir, prestar atenção no outro, não julgar, estar disponível e aberto ao encontro genuíno, ser curioso, criativo e observador, se abrir para o novo, permitir-se ser ignorante, ou seja, perguntar querendo conhecer, estar pronto para o inesperado, além de viver de verdade sua vida, entre tantas outras (FREITAS, 2016).



SUMÁRIO

Um dos pontos que caracterizam a Gestalt-terapia é que o terapeuta e seu cliente são dois “parceiros” envolvidos numa relação, o Gestalt-terapeuta não procura compreender o sintoma e, assim procedendo, não busca sustentá-lo, justificando-o, nem procura eliminar o sintoma ou ignorá-lo, ele se dispõe a explorá-lo com seu cliente, compartilhando esse caso a dois, numa relação de simpatia. Sendo desta forma o papel do terapeuta é permitir e favorecer e não compreender ou fazer, nem anteceder nem deter o cliente, mas acompanhá-lo (GINGER; GINGER, 1995).

O relacionamento estabelecido entre cliente e terapeuta origina-se do contato, e é por meio dele que as pessoas evoluem, ultrapassam seus limites, se ajustam de forma criativa e podem formar sua identidade. De acordo com Ribeiro (2016, p. 91), “[...] fazer contato tem a ver com relacionar-se, com encontrar-se consigo mesmo e com o outro, sem nunca perder a perspectiva de que tudo ocorre no mundo [...]”. Fazer contato é estar presente em si mesmo, em sua essência, pois de forma contrária estaria só em contato com o mundo (RIBEIRO, 2016).

Este contato consigo mesmo ou com o outro, ocorre em diferentes níveis, seja do sentir, do pensar, do fazer, do falar. Estas, dentre outras, são quatro formas de estar em contato consigo mesmo e com o outro. A intensidade e a duração do contato estão ligadas ao sentido que o sujeito dá a realidade fora dele, ou seja somente pode estar inteira no contato a pessoa que tem consciência de ter intuído a totalidade de sua relação em um dado campo e em um dado momento (RIBEIRO, 2016).

Como sendo um dos conceitos da Gestalt-terapia, Pinto (2015), ressalta que, o contato é necessário para que se formem gestalten e refere-se a natureza e à qualidade da forma quando nos damos conta de nós mesmos. Somente existimos em um ambiente, e estamos sempre numa relação organismo/campo por meio da qual realizamos



SUMÁRIO

ajustamentos criativos que nos possibilitam o contato com este ambiente. Portanto, trabalhar o contato nas, e das pessoas no mundo, é o caminho no qual a relação cliente-terapeuta tem visibilidade e se torne prático e viável. Mediante a observação cuidadosa de como as pessoas fazem contato, poder-se chegar a perceber quem elas são. Logo, o contato é o existencial que nos leva à essência mesma da pessoa, na medida em que mostra como faz suas escolhas e por meio delas revela o mais íntimo de seu ser. É do contato consigo mesmo que nascem todas as possibilidades com o mundo, pois quando bloqueamos em nós mesmos, percebemos a dimensão do outro, esse outro que primeiro nos revela nossos lados ocultos (RIBEIRO, 2016).

Na clínica, o Gestalt-terapeuta não possui uma visão definida da pessoa humana, não é um modificador de comportamento, mas alguém que acredita na potencialidade de todo ser humano. É da natureza da psicoterapia promover o contato, de tal modo que o cliente possa, cada vez mais, voltar-se para dentro de si mesmo e se ver no mundo como um ser de possibilidades. Ao terapeuta, cabe estar inteiro como o cliente e também percebê-lo em sua totalidade, atento a dimensões que poderiam escapar à consciência (RIBEIRO, 2016).

Na clínica, cliente e terapeuta formam um campo unido e o comportamento de ambos é conduzido pelas variáveis ali presentes, naquele dado espaço e tempo. O consultório se transforma, momentaneamente, no espaço vital de ambos, no qual o terapeuta deve ter profunda consciência de que nada é livre de significação e de que toda a vida do cliente, e não apenas seus sintomas, está presente naquele momento e atuando na criação de determinado efeito. Isto é, o terapeuta não está sozinho na condução do processo terapêutico e o próprio campo se transforma em um agente de cura, quando terapeuta e cliente fazem dele uma leitura correta e competente (RIBEIRO, 2016).

Cabe considerar que, cliente e terapeuta são conectados pela mesma energia de mudança e de cura, embora em níveis diferentes,



SUMÁRIO

ambos querem a mesma coisa, procuram as mesmas estradas e as mesmas soluções. Essa junção energética, esse caminhar juntos, este querer descobrir juntos, este estar cúmplices na caminhada, quase romper de fronteiras, representam a energia do caminho, a energia da mudança e da cura (RIBEIRO, 2016).

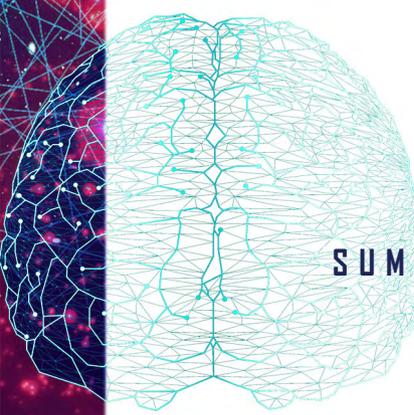
No que refere-se a isso, Ribeiro (2016, p. 34) afirma que:

Energia é a força da alma, do espírito e do corpo agindo na forma da consciência, de movimento, de emoção. Gestalt-terapia é, assim comprometimento, engajamento, uma forma de cuidar do outro e não apenas uma maneira de pensar, humanística e intelectualmente, o agir humano ou a pessoa humana.

Frente a isto, ninguém dá o que não tem, logo é premente que o terapeuta esteja consciente do que tem e do que pode, pois ninguém ultrapassa a si mesmo, ainda que nosso apelo interno seja este, para interligar o mundo a nós como forças conjugadas de ação (RIBEIRO, 2016).

Todavia de acordo com Ribeiro (2017, p. 137) “[...] a psicoterapia nasce da relação entre cliente e psicoterapeuta, nasce da presença, isto é, da experiência e da vivência amorosa entre duas totalidade em ação, do encontro real, produtor de sentido entre duas pessoas, do cuidado de um pelo outro [...]”. A isso, Buber (1979) compreende duas atitudes básicas do homem em sua existência, sendo elas, atitude Eu-Tu e atitude Eu-Isso. A palavra princípio Eu-Tu só pode ser pronunciada pelo ser em sua totalidade, é dimensão dialógica, fundamentando o mundo das reações. Já a palavra Eu-Isso se refere ao mundo como experiência. Para o autor, o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem, Sendo assim, a atitude Eu-Tu refere-se à relação com o outro valorizando sua diferença.

O Eu-Isso se realiza dentro do espaço e tempo, é uma relação sujeito-objeto. De acordo com Cardella (2017) na atitude Eu-Isso, a

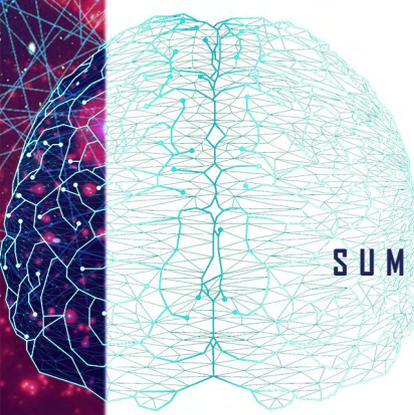


SUMÁRIO

pessoa é considerada um objeto, um meio para atingir um fim. Esta é, em alguns momentos, uma atitude importante e necessária para nossa sobrevivência, que não pode encerrar-se nessa atitude ou tê-la como principal, já que reflete a coisas da vida e das relações. Mas estar disponível para um encontro Eu-Tu não assegura o encontro, pois não podemos forçar o outro a encontrar-nos, nem sermos por ele forçados. Aqui deparamo-nos com os limites de nossa própria humanidade, além disso, não podemos nos colocar por que queremos a atitude Eu-Tu; o encontro é, portanto, imprevisível para ambos, ele simplesmente acontece.

No entanto, Ribeiro (2017) afirma que o relacionamento é a alma da psicoterapia, pois é por meio dele que o cliente revive com menos trauma seus conflitos. É neste ínterim em uma relação clara, direta, amorosa que se estabelece um clima permissivo, liberador, gerador de uma consciência reflexa, de um dar-se conta emocional e transformador. Esse clima surge de forma espontânea. As percepções e os sentimentos semelhantes do psicoterapeuta e do cliente, parecem constituir na condição básica para se tratar a pessoa, processo esse que deve ser cuidadoso, deliberado, planejado e alimentado, ou seja não se trata, aqui de um relacionamento social, mas algo em nível técnico e profissional, revestido do interesse e carinho que devem sempre acompanhar a ação psicoterapêutica (RIBEIRO, 2017).

O mesmo autor pontua, que estabelecer um relacionamento profissional é da natureza do trabalho psicoterapêutico, porque supõe o encontro de duas pessoas com a finalidade específica de tratarem de assuntos, de temas que envolvem a humanidade de ambos, mas em que um supostamente precisa de ajuda de um outro que está habilitado a fazê-lo. Diante desta realidade, toda e qualquer psicoterapia, formada apenas no relacionamento frio, profissional, está destinada ao fracasso, pois se tratando de uma relação humana tão complexa quanto a psicoterapia, não basta um relacionamento



SUMÁRIO

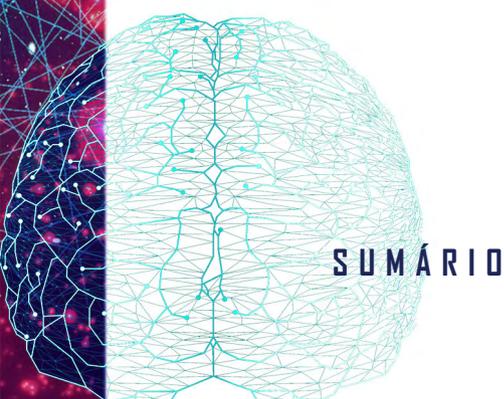
profissional para justificar a entrega com que muitos clientes se colocam diante a seus psicoterapeutas. Psicoterapia é uma função de amor, de doação, de entrega, pois sem estas condições, está sujeita ao fracasso (RIBEIRO, 2017).

Outro aspecto relevante, é que na perspectiva da Gestalt-terapia, a relação terapêutica facilita a ampliação da awareness, a integração de partes alienadas do psiquismo, a restauração do devir e dos processos de crescimento, o resgate da criatividade e da espontaneidade e a realização da singularidade, além de abrir possibilidades existenciais e lograr a esperança (CARDELLA, 2019). A “*Awareness* é uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que é” (YONTEF, 1998, p. 30).

Neste propósito compreende-se que, uma relação que se proponha ser um encontro, de fato e real, deverá ser sempre um encontro de três distintas totalidades: o cliente, o psicoterapia e o mundo, ou seja não se trata de analisar sintomas, de fazer diagnóstico, mas de sentir a dor, a aflição, a angústia do cliente, sem se confluir neuroticamente com ele, incluir-se de fato, na sua experiência, colocando sua percepção a seu serviço, de tal modo que o cliente sinta que está sendo cuidado (RIBEIRO, 2017).

As psicoterapias não tem a finalidade de curar o cliente, curar no sentido de resolver todos seus problemas, de reestruturar sua personalidade, antes visam dar a ele meios de tratar sua neurose, de capacitá-lo para agir fora da situação psicoterapêutica, de auxiliá-lo a ver claro, de dar-lhe forças para fazer escolhas próprias, caminhar com os próprios pés e aprender a viver melhor (RIBEIRO, 2017).

Cabe aqui salientar todavia a importância do diálogo, para o desenvolvimento do processo. O Diálogo na Gestalt-terapia foi ampliado para incluir um encontro com pessoas, mesmo sem palavras, como



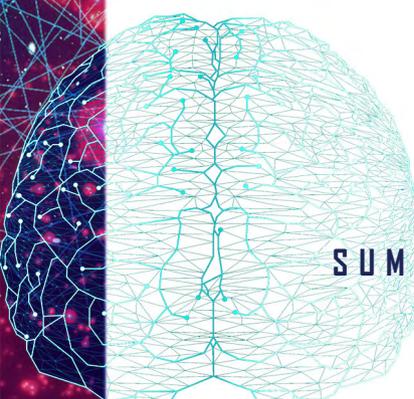
SUMÁRIO

por exemplo, usando gestos e sons não-verbais. O Gestalt-terapeuta trabalha engajando-se num diálogo em vez de manipular o paciente em direção a um objetivo terapêutico, um contato dessa natureza é marcado por aceitação, entusiasmo e preocupação verdadeiros, bem como por auto responsabilidade. Com isso quando os terapeutas dirigem os pacientes para determinada direção, estes não podem encarregar-se simultaneamente de seu crescimento e de seu auto suporte (YONTEF, 1998).

O mesmo autor afirma que, o diálogo é baseado na experientiação da outra pessoa como ela verdadeiramente é, e mostrar o seu verdadeiro self, compartilhando *awareness* fenomenológica. Sendo desta forma, o Gestalt-terapeuta comunica o que ele pensa e encoraja o paciente a fazer o mesmo. Sob esta perspectiva, o relacionamento terapêutico em Gestalt-terapia enfatiza quatro características de diálogo, sendo elas: inclusão, presença, compromisso com o diálogo e diálogo vivido.

A inclusão é a característica de posicionar-se, tanto quanto possível na experiência do outro, sem julgar, analisar ou interpretar, e simultaneamente resguardar o sentido de sua própria presença distinta. Na presença o Gestalt-terapeuta se expressa para o paciente, ele expressa observações, preferências, sentimentos, experiência pessoal e pensamentos. Diante disso, o terapeuta compartilha a sua perspectiva, modelando o relato fenomenológico, o que auxilia o paciente a aprender algo sobre confiança e o uso da experiência imediata para propositar a *awareness*, pois se o terapeuta apoia-se na interpretação da teoria, em vez da presença pessoal, leva o paciente a apoiar-se em fenômenos e não em sua própria experiência imediata como o instrumento para aumentar a *awareness* (YONTEF, 1998).

No compromisso com o diálogo, o contato é o mais do que aquilo que duas pessoas fazem uma à outra, ou seja, é algo que acontece entre as pessoas, e nasce da interação entre elas. O Gestalt-terapeuta permite que o contato ocorra sem o manipular,



SUMÁRIO

e controlar o resultado. A quarta e última característica é o diálogo vivido, pois é algo realizado, em vez de falado à respeito, ou seja, é algo vivido. Enfatiza-se, o entusiasmo, quando o diálogo pode ocorrer por intermédio de uma dança, de uma música, por palavras ou por qualquer modalidade que expresse e movimente a energia entre os participantes (YONTEF, 1998).

De acordo com Cardella (2015) em Gestalt-terapia, buscamos restaurar ou estabelecer o diálogo, a relação em que a singularidade é valorizada, sendo a própria relação o campo, onde a cura pode acontecer. Logo, só nos constituímos em presença do outro. Os sofrimentos e adoecimentos humanos acontecem “entre”, nos encontros e desencontros vividos ou nos encontros não acontecidos, sendo assim a cura é também fenômeno do entre, entendida nesta abordagem como a restauração da abertura, do ritmo, do diálogo, da criatividade e dos laços que nos unem e diferenciam do outro, processo de crescimento, atualização e realidade da singularidade (CARDELLA, 2015).

A relação terapêutica pode ser a experiência inicial da abertura e da amorosidade para o paciente. É importante o amor na relação terapêutica, é necessário ressaltar que o amor não apenas como sentimento, mas como atitude diante a existência, esse encontro amoroso que possibilita que o paciente se constitua e restaure a própria mudança. Neste propósito, a relação terapêutica é tanto para o paciente como para o terapeuta uma transformação do coração, possibilidade de realizar o anseio de encontro (CARDELLA, 2015).

Diante do amor do terapeuta expresso de diferentes maneiras como a atenção, a hospitalidade, a ternura, o reconhecimento, a compreensão, a aceitação, a devoção, a confirmação, a valorização, a delicadeza, entre outras, é possível que a pessoa que sofre encontre lugar, viva uma experiência de confiança (CARDELLA, 2015).



SUMÁRIO

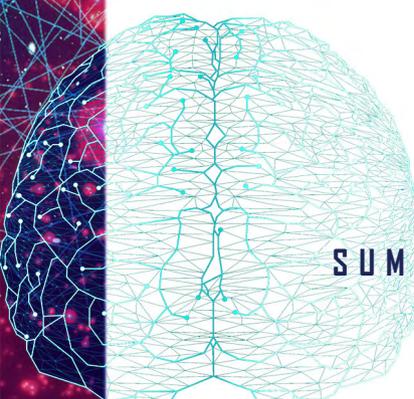
No que tange a isso, Cardella (2015, p. 73), afirma que:

Ao encontrar confiança, poderá reconhecer, aceitar e expressar a dor, iniciando assim um processo de reconciliação com seus aspectos feridos e alienados, processo de resgate de sua abertura para fora, para dentro e para além de si mesma. O paciente gradualmente presentifica a dor, torna-se consciente de recursos e liberta-se das defesas cristalizadas que, embora o protejam e sejam criativas originalmente, impedem seu devir e seu crescimento, pois são disfuncionais e empobrecem sua vida e suas relações.

Por meio da relação psicoterapêutica, o cliente descobre ou constrói suas potencialidades para atingir uma vida mais autêntica, possibilitando sua tomada de consciência pela percepção que ele passa a ter do que pertence a ele e o que é atribuído ao meio. Neste sentido, entende-se que a Gestalt-terapia proposita ao paciente desenvolver o seu próprio suporte. O suporte, refere-se a qualquer situação que o paciente vivencia contato ou afastamento de algo como a energia, suporte corporal, respiração, informação, preocupação com os outros, linguagem, e assim por diante (YONTEF, 1998).

Observa-se todavia, que o processo psicoterapêutico não se limita a falar sobre a vida do cliente e do terapeuta. É necessário que ambos existam autenticamente um diante do outro e um com o outro, ambos envolvidos, como seres humanos que se afetam reciprocamente. O terapeuta se oferece abertamente, sem defesas, numa presença plena, para que o cliente, que tem estado muito fechado em seu existir, possa ter a possibilidade de recuperar o seu ser como autêntico (CARDELLA, 2017).

Enfim, neste entendimento, a relação terapêutica se torna primordial para o desenvolvimento emocional do cliente, pois acredita-se que o espaço da terapia e o contato com o terapeuta são um pequeno exemplo de como é o contato do cliente com os outros em seu meio, sendo que nesse espaço, o terapeuta não julga



SUMÁRIO

e devolve suas impressões de como o cliente se relaciona. Por tratar-se de uma relação verdadeira, o cliente pode aprender a estabelecer um contato melhor e mais significativo com o mundo à sua volta também (FREITAS, 2016).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

Quanto a abordagem a presente pesquisa configura-se como sendo qualitativa, pois de acordo com o manual de orientação metodológica do centro Universitário de Brusque (2013, p. 07), “A pesquisa, quando qualitativa, opera uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, apoiados no pressuposto do aspecto subjetivo da ação social, visto que centra sua atenção em fenômenos complexos e/ou únicos”.

O tipo de pesquisa foi exploratória, na qual por ter tais características permite uma maior interação entre o pesquisador e o tema que será desenvolvido, com intuito de explorar o tema pesquisado já que é um assunto pouco conhecido. Como afirma Severino (2013, p. 123), a pesquisa exploratória “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

Quanto ao método de pesquisa, foi utilizado a revisão bibliográfica, que Segundo Gil (2010), é efetuada com base em materiais já publicados, visto que, foram escrutinados artigos acessados em meios eletrônicos e obras que mostravam relação ao tema proposto. Para realizar a seleção de tais obras, realizou-se um levantamento nas plataformas científicas, com critérios de inclusão e exclusão que será apresentado na sequência de modo a compreender a função da relação terapêutica no processo de psicoterapia sob a perspectiva da Gestalt.



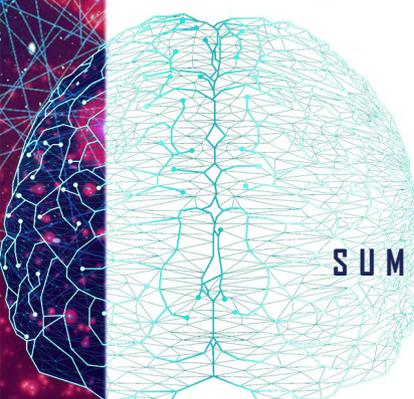
SUMÁRIO

A pesquisa foi efetuada nas plataformas; BDTD, BVS Brasil, Ebesco host e Scielo. Os critérios de inclusão foram as palavras chaves: Gestalt-terapia; Relação terapêutica; Processo terapêutico; Função terapêutica, sendo utilizadas publicações entre os anos de 2014 a 2019, assim como produções da Língua Portuguesa, títulos relacionados ao tema da pesquisa e a leitura do resumo do artigo.

Os critérios de exclusão estão relacionados a: artigos que se repetem nas plataformas; não estar relacionado a psicologia; artigos em língua estrangeira; ano inferior a 2014; artigos de outras abordagens, assim como os que em seu resumo não apresentam relação com o tema. Abaixo consta o quadro 1 contendo o levantamento dos dados da pesquisa nas bases de dados.

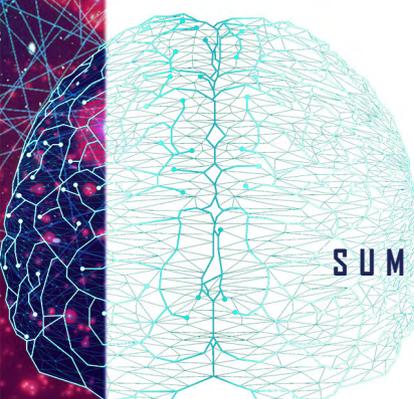
Quadro 1: Levantamento bibliográfico

Plataforma	Inclusão	Nº Encontrado	Nº Restante após a aplicação da exclusão	Leitura do artigo	Artigos	Bibliografia
Ebesco host	Gestalt-terapia	5	0	0	0	0
Ebesco host	Relação terapêutica	34	1	1	A percepção dos profissionais de saúde sobre fontes de informação e sua influência na relação terapêutica	0
Ebesco host	Processo terapêutico	113	0	0	0	0
Ebesco host	Gestalt-terapia + Relação terapêutica	241	0	0	0	



SUMÁRIO

Ebesco host	Gestalt-terapia + processo terapeutico	193	0	0	0	
Ebesco host	Relação terapêutica + processo terapêutico	573	0	0	0	
BDTD	Gestalt-terapia	51	0	0	0	0
BDTD	Relação terapêutica	97	0	0	0	0
BDTD	Processo terapêutico	250	0	0	0	0
BDTD	Gestalt-terapia + Relação terapêutica	3	0	0	0	0
BDTD	Gestalt-terapia + processo terapeutico	0	-	-	-	-
BDTD	Relação terapêutica + processo terapêutico	14	0	0	0	0
BVS Brasil	Gestalt-terapia	436	0	0	0	0
BVS Brasil	Relação terapêutica	322	0	0	0	
BVS Brasil	Processo terapêutico	745	0	0	0	
BVS Brasil	Gestalt-terapia + "Relação terapêutica"	0	0	0	0	0

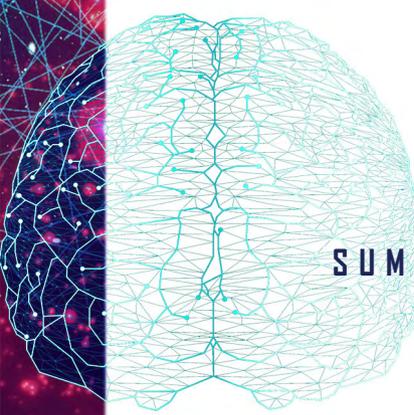


SUMÁRIO

BVS Brasil	Gestalt- terapia + processo terapêutico	0	0	0	0	0
BVS Brasil	Relação terapêutica + "processo terapêutico"	0	0	0	0	0
Scielo	Gestalt- terapia	17	0	0	0	0
Scielo	Relação terapêutica	72	0	0	0	0
Scielo	Processo terapêutico	186	0	0	0	0
Scielo	Gestalt- terapia + Relação terapêutica	1	0	0	0	0
Scielo	Gestalt- terapia + processo terapêutico	0	0	0	0	0
Scielo	Relação terapêutica + processo terapêutico"	0	0	0	0	0

Fonte: Primária 2019.

Conforme apresentado acima ao realizar a pesquisa nas bases de dados utilizando as palavras chaves de forma aleatória foram encontrados três mil trezentos e cinquenta e sete (3353) artigos, que quando submetidos aos critérios de exclusão restaram apenas um (1). Após esse processo foi realizado a leitura do artigo que estava de acordo com os critérios de inclusão, com isso foi verificado que este artigo não estava de acordo com a proposta da pesquisa. Dessa forma foram utilizadas obras de autores relevantes para a produção do artigo, independente da data de publicação.



SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a pesquisa conclui-se que a relação terapêutica que se estabelece entre terapeuta-cliente baseada nos estudos da abordagem gestáltica é de suma importância para o processo terapêutico do cliente e envolve compromisso de ambas as partes, ou seja, o terapeuta deve participar do processo terapêutico, estando presente, fazendo contato e se relacionando. Com isso se não houver essa relação terapeuta-cliente estabelecida existe uma grande possibilidade do processo fracassar.

Outro aspecto relevante, é que o psicoterapeuta demanda estar bem consigo mesmo para poder realizar um processo terapêutico com o cliente de forma eficaz. Ou seja, o terapeuta precisa se conhecer como pessoa, olhar para si e saber como se percebe, o que sente, pensa, espera e principalmente saber identificar o que é seu e o que é do outro, por este motivo é necessário ter passado ou estar passando por seu próprio processo de psicoterapia para ser capaz de realizar este movimento.

A realização deste estudo foi bastante oportuna, pois essa pesquisa possibilitou um aprofundamento teórico da abordagem, com relação aos conceitos e a prática clínica da mesma. Com isso, esse estudo contribuirá muito para atuação profissional, visto que foi possível refletir sobre o tema e a atuação do psicoterapeuta diante do cliente. Ressalta-se que o objetivo deste trabalho foi atingido em função de se obter um olhar da relação terapêutica como um todo.

O mesmo teve uma grande contribuição pessoal como acadêmica e a futura profissional, pois na relação terapêutica o caminho conjunto é inevitável, considerando que cada cliente é único, e é de extrema importância saber identificar se essa relação se estabeleceu entre eu e o outro, afinal, se não houver relação não há processo. Vale ressaltar



SUMÁRIO

que em alguns casos o processo do cliente afetará o processo, sendo necessário identificar algumas demandas pessoais para trabalhá-las em meu próprio processo.

Dentro dos quesitos elencados para a realização da presente pesquisa levou-se em conta a dificuldade de encontrar material que atendessem ao tema e por este motivo percebe-se que o mesmo deve ser mais explorado, pois os materiais encontrados em livros não tratam especificamente da relação terapêutica, ou seja, foi por meio de temas subjacentes que a produção desta pesquisa foi produzida. Em função destas dificuldades fica claro a necessidade de outros estudos e da publicação destes, de modo que os futuros trabalhos que versem sobre este tema tenham maior acesso a materiais de pesquisa e reflexão.

Pode-se perceber com esta produção que o mesmo deixará espaço aberto para continuidade de discussões, reflexões e estudos futuros, visto que o assunto é de extrema relevância para a Gestalt-terapia e sendo assim, demanda profundidade e cabe oportunamente maior exploração.

Por fim, a prática psicoterápica é um trabalho realizado a dois, que exige envolvimento e participação das partes. Além do mais, é fundamental para o psicoterapeuta não negligenciar o desenvolvimento e inclusão pessoal e profissional, para isso o mesmo deverá estar em contínua construção e constante análise quanto a qualidade de presença na relação, otimizando-a sempre que necessário de modo a torná-la verdadeira e genuína com cada cliente.



SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BRANCO, Paulo Coelho Castelo; CARPES Cândida de Oliveira. Produção Gestáltica nas Bases de dados SCIELO e PEPsic: Revisão Sistemática. *Revista IGT na Rede*, v. 14, n. 26, p. 72 – 86, 2017. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v14n26/v14n26a05.pdf>>. Acesso em: 05 de Mar. 2019.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2 ed. São Paulo: Moraes, 1979.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. A mulher-almirante, a menina-náufraga e a terapeuta-âncora. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Situações clínicas em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2019. p. 23-58.

_____. *A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2017.

_____. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2015. p. 55-82.

CAMPOS, Bruna Gonçalves; TOLEDO, Tatiana Bruno; FARIA, Nilton Júlio. Clínica Gestáltica Infantil e Integralidade em uma Unidade Básica de Saúde. *Revista da Abordagem Gestáltica*. v. 17, n. 1, p. 23 - 29, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100005. Acesso em: 20 de Mai. 2019.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE. *Manual de metodologia*. 2013.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *A clínica, a relação psicoterapeuta e o manejo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2015.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. *Revista IGT na Rede*, v. 13, n. 24, p. 85 – 104, 2016. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=565&layout=html>. Acesso em: 05 de Mar. 2019.

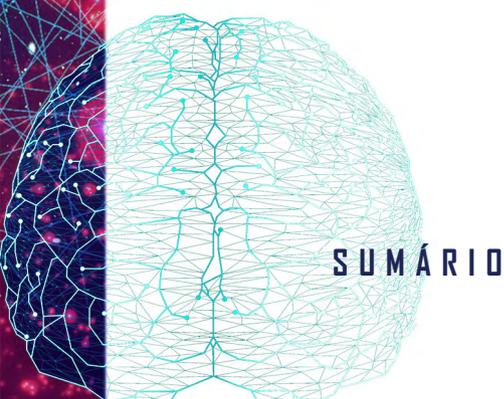
GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINGER, Anne; GINGER, Serge. *Gestalt uma terapia do contato*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

PINTO, Ênio Brito. *Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: o ciclo de contato e os modos de ser*. São Paulo: Summus, 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Psicoterapia: Teorias e técnicas psicoterápicas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2017.

Vade-mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos. 3.ed. São Paulo: Summus, 2016.

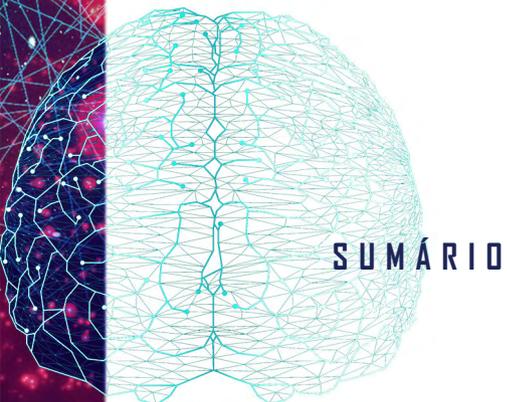


SUMÁRIO

RODRIGUES, Hugo Elidio. *Introdução a Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

YONTEF, Gary M. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.



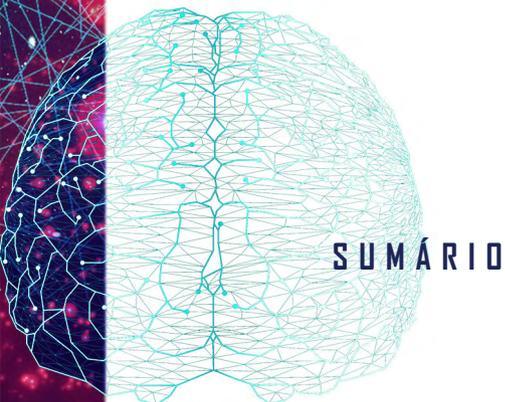
5

Maria Alice Zimmermann

Simoni Urnau Bonfiglio

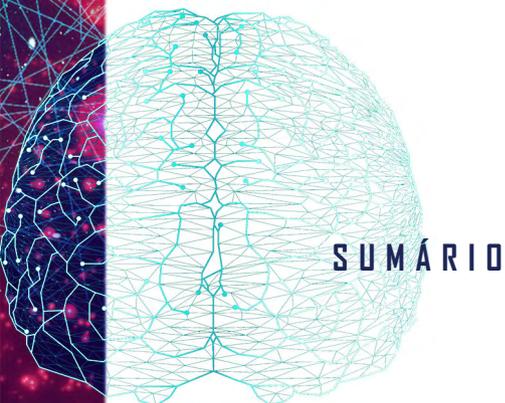
O CONTATO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOB A ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

CONTACT IN THERAPEUTIC RELATIONSHIPS
FROM GESTALT - THERAPY



RESUMO: O presente artigo busca definir o contato sob a ótica da Gestalt-terapia e para tal busca compreender de que forma ele se estabelece na relação terapêutica. A Gestalt-terapia define o contato como sendo um elemento essencial de toda ação humana e compreende que para que ele ocorra, demanda-se uma abertura, isto é, um encontro genuíno. Cabe ao psicoterapeuta na relação com o cliente, manter um ambiente de crescimento e transformação lidando com os bloqueios que impedem tal fluxo. Diante deste contexto buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: qual é a função do contato na relação terapêutica? A isso foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica nas plataformas online, utilizando as palavras chave, de modo a levantar conteúdos que versassem sobre o tema. Em função dos resultados terem se mostrados insipientes, utilizou-se obras que tratassem dos temas subjacentes que compunham o central, tais quais: campo, ajustamento criativo, diálogo, entre outros. Assim, esta pesquisa trará os referidos conceitos de modo que seja possível o aprofundamento e uma compreensão acerca desta temática. Diante disso, constatou-se que o contato na relação terapêutica é um processo que transforma e cura tanto o cliente quanto o terapeuta.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia. Contato. Relação terapêutica.



ABSTRACT: This article aims to define contact from the perspective of Gestalt therapy and for this purpose to understand how it is established in the therapeutic relationship. Gestalt therapy defines contact as an essential element of all human action and understands that in order for it to occur, an openness, that is, a genuine encounter, is required. It is up to the psychotherapist in the client relationship to maintain a relationship of growth and transformation by dealing with the blockages that impede such flow. Given this context, we sought to answer the following research problem: what is the function of contact in the therapeutic relationship? For this, a bibliographic review research was carried out in the online platforms, using the keywords, in order to raise contents that dealt with the theme. Because the results proved to be insipient, we also used works that addressed the underlying themes that made up the central, such as: field, creative adjustment, dialogue, among others. Thus, this research will bring these concepts so that it is possible to deepen the contact in the therapeutic relationship and an understanding about this theme. Given this, it was found that contact in the therapeutic relationship is a process that transforms and heals both the client and the therapist.

KEYWORDS: Gestalt-therapy. Contact. Therapeutic relationship.

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia comumente é definida como terapia de contato, compreendendo que toda ação humana e psicoterapêutica se baseia neste pressuposto. Nessa perspectiva, o contato é a matéria prima dessa relação e sua natureza define a qualidade do processo. A isso, tanto o terapeuta quanto o cliente demandam estar disponíveis para o contato, pois por meio deste, ambos podem superar seus bloqueios e desenvolver habilidades regadas de novas possibilidades, assim como de infinitas potencialidades.

É por meio do contato que a relação terapêutica pode se configurar como uma relação de cura, transformação e crescimento, tanto para o terapeuta como para o cliente. Contudo, tal relação deve ser marcada pelo encontro genuíno e afetuoso, pela autenticidade e presença, pelo diálogo e alteridade tanto do terapeuta quanto por parte do cliente. Logo o profissional não pode ser neutro ou ficar preso a seu arcabouço teórico, pois sob a ótica da Gestalt-Terapia o terapeuta é concebido como uma pessoa participante dessa relação.

Sendo desta forma, o contato torna-se fundamental para que se estabeleça a relação terapêutica, e mesmo que o cliente inicie este processo com um bloqueio de contato, cabe ao terapeuta identificar tal bloqueio e quais os fenômenos que o permeiam. A partir disso, o terapeuta possui a função de promover o contato do cliente consigo mesmo, para que este se volte cada vez mais para Si e se veja no mundo como um Ser de possibilidades.

Diante disso, esta pesquisa visa responder ao seguinte problema: “qual a função do contato no processo da relação terapêutica sob a ótica de Gestalt-terapia. A partir da literatura sobre o tema, buscou-se descrever como se desenvolve o processo psicoterápico, analisar o que é contato e como esse ocorre, bem como compreender



SUMÁRIO

os conceitos que o permeiam. Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa e descritiva, onde no procedimento técnico utilizou-se da revisão bibliográfica, para analisar materiais existentes acerca de assunto pesquisado. A coleta de materiais foi realizada por meio das bases de dados Scielo, Periódico Capes, BDTD, Ebesco Host, IGT PSC e obras que contemplassem os conceitos estudados e que pudessem contribuir para responder aos objetivos desta pesquisa.

A partir disso, no capítulo intitulado procedimentos metodológicos serão descritos os procedimentos e métodos utilizados na realização da pesquisa. No capítulo seguinte, referencial teórico, será apresentada a análise dos dados que foi realizada concomitante a fundamentação teórica. Por fim, as considerações finais visam apresentar os resultados da pesquisa, as contribuições desta para a acadêmica e a sociedade, e recomendações acerca dos estudos.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de produção de conhecimento científico sobre a temática, já que se trata de um assunto pouco abordado, em função da insipiência das produções sobre o tema em bases de dados, pois durante a coleta de dados apesar de ter sido escrutinado milhares de resultados, restaram sete (7) artigos que atendessem aos objetivos desta pesquisa. Além disso, o contato e a relação terapêutica são temas abrangentes, constituídos por outros conceitos, como campo, ajustamento criativo, diálogo, encontro genuíno, entre outros. Portanto, há a necessidade de estudos e publicações que se aprofundem em tais temáticas e conceitos, fornecendo embasamentos teóricos para o psicólogo em seu fazer clínico.



SUMÁRIO

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à sua abordagem, esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, pois buscou por meio da revisão bibliográfica, compreender

e descrever como ocorre o contato na relação terapêutica sob a ótica da Gestalt-terapia. A pesquisa qualitativa não aplica um instrumento estatístico como base de análise do problema (GOBBO, 2017). Diante disso, não se pretendeu enumerar ou categorizar os fenômenos encontrados, mas sim descrevê-los. Quanto aos seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva. Segundo Gil (2010), o principal objetivo das pesquisas descritivas é a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

O procedimento técnico utilizado foi à revisão bibliográfica que de acordo com Gil (2010), é elaborada a partir de materiais já publicados sobre o assunto, e por meio destes materiais busca-se reunir informações para que se possa esclarecer o fenômeno pesquisado. Desta forma, a revisão bibliográfica visa conhecer e analisar materiais existentes acerca de um determinado assunto, tema ou problema.

A busca textual foi coletada a partir das bases de dados Scielo, Periódico Capes, BDTD, Ebsco Host e IGT PSC. Como critérios de inclusão foram selecionados apenas estudos da abordagem Gestalt-terapia entre o ano de 2009 até 2019, pesquisas na língua portuguesa e que em seu resumo contemplassem as propostas da pesquisa. As palavras-chave utilizadas para a busca dos artigos foram “Gestalt terapia”, “contato” e “relação terapêutica”. Esses termos de busca não foram utilizados obrigatoriamente juntos e foram pesquisados de forma individual e simultânea. Como critérios de exclusão foram descartados estudos que não fossem da abordagem Gestalt-terapia, pesquisas que não fossem em português, publicações anteriores ao ano de 2009 e cujo resumo não atendessem às propostas desta pesquisa.

Na base de dados Scielo, a partir das palavras chaves “Gestalt-terapia” + “contato”; “Gestalt-terapia” + “relação terapêutica”; “contato” + “relação terapêutica”; “Gestalt terapia”; “contato” e “relação terapêutica,” foram obtidos três mil oitocentos e setenta e oito

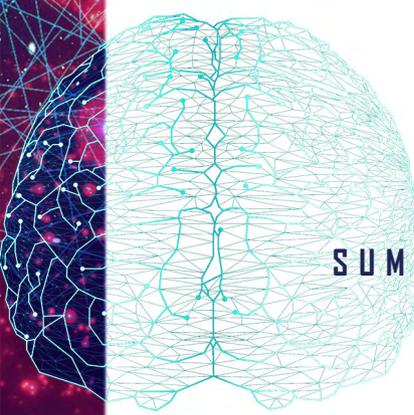


SUMÁRIO

(3878) artigos. Aplicando-se os critérios de exclusão restaram cento e treze (113) artigos que após leitura do resumo não atenderam aos objetivos desta pesquisa. No Periódico Capes, por meio das palavras chaves “Gestalt-terapia” + “contato”; “Gestalt-terapia” + “relação terapêutica”; “contato” + “relação terapêutica”; “Gestalt terapia”; “contato” e “relação terapêutica,” obteve-se dezenove mil oitocentos e cinquenta e um (19851) artigos. Aplicando-se os critérios de exclusão restaram quinhentos e setenta e nove (579) artigos e após a leitura dos resumos, foram selecionados cinco (5) artigos.

Na base de dados BDTD, a partir das palavras chaves “Gestalt-terapia” + “contato”; “Gestalt-terapia” + “relação terapêutica”; “contato” + “relação terapêutica”; “Gestalt terapia”; “contato” e “relação terapêutica”, foram obtidos dezessete mil oitocentos e oitenta e três (17.883) artigos, aplicando-se os critérios de exclusão restaram duzentos e vinte e quatro (224) e após a leitura do resumo quatro (4) artigos atenderam aos objetivos da pesquisa. No EBESCO Host a partir das palavras chaves “Gestalt-terapia” + “contato”; “Gestalt-terapia” + “relação terapêutica”; “contato” + “relação terapêutica”; “Gestalt terapia”; “contato” e “relação terapêutica” foram obtidos dois mil oitocentos e trinta e sete (2.837) artigos, aplicando-se os critérios de exclusão restaram cento e seis (106) e após a leitura do resumo nenhum artigo atendeu aos objetivos da pesquisa.

Na base de dados IGT PSC, pesquisando-se as palavras chaves “Gestalt-terapia” + “contato”, “Gestalt-terapia” + “relação terapêutica” e “contato” + “relação terapêutica”, não se obteve nenhum resultado. A partir das palavras “Gestalt terapia”, “contato” e “relação terapêutica” obteve-se nove (9) artigos, ao aplicar-se os critérios de exclusão restaram seis (6) artigos e com a leitura do resumo um (1) artigo contemplou os objetivos da pesquisa. Após a leitura dos resumos e seleção dos artigos, realizou-se um fichamento com o intuito de sintetizar os dados obtidos mediante o resultado da pesquisa.



SUMÁRIO

Na tabela 1 a seguir, serão apresentadas as publicações selecionadas a partir da coleta e análise de dados. Os artigos foram selecionados mediante os critérios de inclusão e exclusão. Desta maneira, foram selecionados sete (7) artigos evidenciando a insipiência de materiais acerca do assunto. Devido a esse motivo, foram utilizadas obras que vissem ao encontro de responder aos objetivos propostos desta pesquisa. A partir da seleção dos artigos, foram realizados fichamentos com o intuito de sintetizar os dados obtidos. A análise destes dados foi realizada concomitante a fundamentação teórica, estando no capítulo intitulado referencial teórico.

Tabela 1- Artigos científicos selecionados a partir da análise e coleta de dados

Bases de Dados	Palavras- chave	Título do artigo	Ano da publicação	Autores
Periódico Capes	"Gestalt terapia" + "contato"	Pode deixar que eu resolvo! retroflexão e contemporaneidade	2010	Mônica Botelho Alvim, Emmanuela Bomben, Natália Carvalho.
Periódico Capes	"Gestalt terapia" + "contato"	Adolescência e bloqueio de contato: um estudo de caso	2018	Nicole Signori Conci.
Periódico Capes	"Gestalt terapia" + "contato"	O contato na situação contemporânea: um olhar da clínica da Gestalt-terapia	2015	Thatiana Caputo Domingues da Silva, Camilla Santos Baptista; Mônica Botelho Alvim.
Periódico Capes	"Gestalt terapia" + "relação terapêutica"	A importância da relação terapêutica: incluindo o cuidado na técnica	2017	Salimar Pasqual Mariano, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de Macedo.



SUMÁRIO

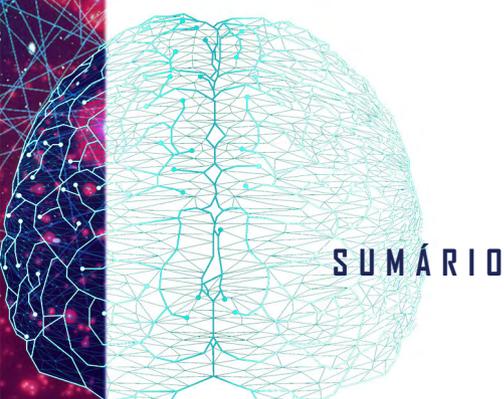
Periódico Capes	"Gestalt terapia"	Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente	2010	Josiane Maria Tiago de Almeida.
IGT PSC	"Relação terapêutica"	Reflexões sobre a relação terapêutica: perspectivas da Gestalt-terapia e do psicodrama.	2015	Jeane Franco de Oliveira, Érico Douglas Vieira.
BDTD	"Gestalt terapia" + "contato"	O Setting Terapêutico como Facilitador do Contato no Processo com Crianças	2016	Luma Cavalcante Diógenes.

Fonte: Bonfiglio, Zimmermann (2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

A gestalt-terapia

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterápica que surgiu no início da década de 50, a partir das reflexões de Friederich Perls, um psicanalista nascido em Berlim em 1893, o qual emigrou durante a década de 40 para a África do Sul e posteriormente para os Estados Unidos da América, onde juntamente com um grupo de intelectuais norte-americanos desenvolveu a Gestalt-terapia (BARRETO, 2017). A palavra *Gestalt* tem origem na língua alemã e significa uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição (BARRETO, 2017).



SUMÁRIO

Em sua teoria, a Gestalt compreende o indivíduo como um todo, constituído a partir da soma de suas partes. Neste sentido, Ribeiro (1985) corrobora afirmando que a ação psicoterapêutica não pode ser uma simples descrição do que se vê, mas uma interrogação do todo que aparece. No entanto, esse todo se manifesta em partes, assim o discurso psicoterapêutico não desconhece a parte, pois o organismo como um todo 'escolhe' uma de suas partes para revelar-se todo (RIBEIRO, 1985). Logo, a parte só é compreendida diante do todo e este por sua vez, vai além da soma de suas partes.

Quando o indivíduo escolhe uma de suas partes e passa a utilizá-la como o seu todo, acaba rejeitando diversas outras partes que o constituem, neste contexto, a Gestalt- terapia compreende que "[...] tudo aquilo que a pessoa rejeita pode ser recuperado por meio da compreensão, representação e ao tornar-se as partes rejeitadas" (PERLS, 1977, p.61). Portanto, o processo terapêutico desta abordagem busca a integração do indivíduo ao assimilar todas as partes rejeitadas e alienadas de si mesmo, fazendo da pessoa um todo novamente. Para Perls (1977) a terapia, passo a passo, procura auxiliar o indivíduo a reassumir as partes rejeitadas da personalidade, até que ele se torne suficientemente forte para facilitar e propiciar o seu próprio crescimento. Desta maneira, a Gestalt- terapia busca auxiliar o indivíduo a perceber e reconhecer as suas possibilidades e potencialidades.

Por meio da frustração objetiva-se que o cliente possa encontrar seu próprio caminho, descobrir suas possibilidades, seu respectivo potencial e que aquilo que espera do terapeuta, pode encontrar em si mesmo (PERLS, 1977). Diante do exposto, para alcançar-se tais objetivos, a relação terapêutica é compreendida como uma parte de suma importância no processo terapêutico.



SUMÁRIO

A relação terapêutica na perspectiva da gestalt-terapia

A relação estabelecida entre cliente e terapeuta se configura como um dos aspectos mais importantes do processo terapêutico, e é caracterizada pelo encontro genuíno de uma relação dialógica. Nessa perspectiva, Freitas (2016) corrobora ao destacar que se busca uma relação composta por uma experiência mútua, de estar em relação com a pessoa, uma experiência de encontro, em que o cliente é recebido como ele é, com suas forças e fraquezas, limites e possibilidades.

Nesse processo, terapeuta e cliente realizam um trabalho colaborativo, o qual somente ocorre por meio do encontro genuíno e do contato entre ambos. Mariano e Macedo (2017), afirmam que durante o encontro terapêutico há uma conexão que se forma desde o primeiro contato, mesmo que esse aconteça mediante ao telefone, e esta conjugação ocorre tanto por parte do terapeuta quanto do cliente. Para tanto, terapeuta e cliente necessitam estar disponíveis e abertos para o contato e para o encontro genuíno.

Segundo Almeida (2010), o cliente pode buscar a terapia mediante a um grande sofrimento que cause desconforto, neste contexto o psicoterapeuta tem a oportunidade de participar da dinâmica existencial do cliente e começar a construir um vínculo de confiança. A partir disso, o terapeuta tem o papel de acolher o sofrimento da pessoa e possibilitar um espaço de confiabilidade no qual o cliente sinta-se seguro para expressar seus pensamentos, sentimentos e elementos existenciais. Como afirmam Oliveira; Vieira (2015), quando corroboram que diversas abordagens salientam a necessidade de um espaço de acolhimento e respeito, livre de julgamentos que possibilite que o cliente se expresse livremente.

A Gestalt-terapia é uma abordagem que postula que o cliente seja recebido e acolhido em sua totalidade, com suas limitações e



SUMÁRIO

potencialidades. Nesse sentido, Mariano e Macedo (2017) esclarecem que se faz imperativo que o terapeuta seja capaz de acolher, cuidar, estar totalmente entregue ao momento com o cliente, ouvindo e percebendo o que é falado e também o que não é dito. Sob essa perspectiva, este profissional não pode adotar uma postura de neutralidade ou ficar preso ao seu arcabouço teórico. Assim, este necessita estar presente, se envolver por meio do diálogo e se incluir como uma pessoa participante desta relação.

Diante disso, Almeida (2010) alerta que a tarefa do psicoterapeuta é de fornecer acolhimento dialógico e fenomenológico às manifestações trazidas pelo cliente, sem permitir que suas crenças interfiram de forma negativa no processo, mas sem esquecer que é um participante ativo constituinte dessa relação. Nesse sentido, por meio da relação terapêutica o terapeuta pode auxiliar o cliente no seu crescimento e transformação enquanto pessoa. De acordo com Oliveira; Vieira (2015) a ausência de trocas relacionais pode desencadear a estagnação no crescimento. Frente a isso, a relação terapêutica pode auxiliar na medida em que propicia ao cliente uma nova forma de interagir, relacionando-se de forma autêntica e se permitindo estar aberto ao encontro genuíno consigo mesmo e com o outro.

Além da postura do terapeuta, o vínculo se faz importante para a relação terapêutica. Ao perceber-se em um ambiente de confiança para expressar suas demandas, livre de julgamentos o cliente pode sentir-se mais seguro. Mariano; Macedo (2017) salientam que ao ser acolhido sem julgamentos, o cliente pode perceber que não precisa mais caminhar sozinho, que terá apoio e auxílio. Quem escolhe o caminho é o cliente, porém o terapeuta lhe acompanha nessa caminhada o auxiliando a encontrar e desenvolver potencialidades, assim como tomar consciência das suas possibilidades, realizando escolhas.

No entanto, o vínculo pode exigir tempo para se formar e é subjetivo, dependendo de como cada relação é estabelecida. Assim,



SUMÁRIO

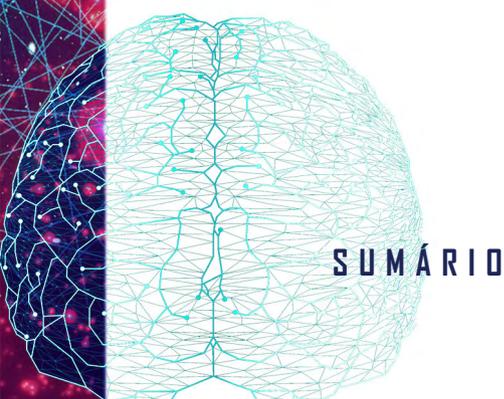
Mariano; Macedo (2017) destacam que podem ser necessários vários encontros até que o cliente sinta confiança para adentrar em questões existenciais mais significativas e compreender o espaço terapêutico como um lugar seguro para expor suas percepções e demandas.

O diálogo também é elemento fundamental na relação terapêutica, que se constitui por uma relação EU-TU. Por meio do diálogo e da presença o terapeuta tem a possibilidade de entrar em contato com o mundo do cliente e propiciar condições que possibilitem a restauração e transformação deste. Nesse sentido, o diálogo permite que a relação terapêutica se configure como uma relação de cura². Sob essa ótica, Cardella (2015) ressalta que para a Gestalt-terapia um dos objetivos do processo terapêutico é resgatar ou inaugurar o diálogo, honrando e respeitando a singularidade, fazendo da própria relação um campo onde a cura pode acontecer.

Segundo Freitas (2016, p.96), "O diálogo genuíno (a relação dialógica) é um encontro que acontece entre Eu e Tu, a partir da qual me identifico como Eu e identifico o outro como Tu". O encontro Eu-Tu é marcado pela alteridade e pela reciprocidade. O Eu-Tu contempla a alteridade e transcende a individualidade, possibilita o diálogo no qual o ser humano seja capaz de reverenciar a sua existência e a do outro (CARDELLA, 2015). Por meio da atitude Eu-Tu, há a possibilidade do encontro genuíno, mútuo e recíproco entre cliente e terapeuta.

A partir disso, busca-se construir uma relação marcada pelo encontro afetuoso, autêntico e humano entre terapeuta e cliente, cada um com sua alteridade, singularidade e historicidade (FABRO; GUISSO, 2016). Sob essa ótica, o profissional não pode ser neutro, mas sim um participante da relação que se estabelece. Nesse sentido,

2 A cura em Gestalt-Terapia se configura como o processo que pode ser facilitado por meio do contato entre cliente e terapeuta, onde ambos podem superar seus bloqueios, ressignificar seus elementos existenciais e desenvolver habilidades regadas de potencialidades e infinitas possibilidades (CARDELLA, 2015).



SUMÁRIO

os autores supracitados complementam destacando que o terapeuta é compreendido como um ser humano constituído por suas relações e bagagens históricas e por este motivo não é possível que adote uma postura de neutralidade.

Portanto, para que se estabeleça a relação dialógica é necessário que o terapeuta assuma algumas posturas como presença, comunicação e inclusão. A presença permite que o profissional esteja presente por inteiro com o outro, sem julgamentos e expectativas. A comunicação remete ao diálogo verdadeiro, com troca de percepções, palavras e silêncios, compreendendo a singularidade. A inclusão implica na empatia do terapeuta, imaginar o que se escuta do cliente, sentindo o que o cliente sente, mas sem perder sua própria identidade (OLIVEIRA; VIEIRA, 2015). Tal postura permite o encontro com o cliente o auxiliando a entrar em contato com seus elementos existenciais e encontrar maneiras mais saudáveis e assertivas de ir ao encontro de suas necessidades.

Sob essa ótica, Cardella (2015) postula que a relação terapêutica pode ser uma relação significativa inaugurante, um encontro amoroso em que o paciente se constitua e restaure o seu devir. Nesse sentido, é por meio da relação terapêutica, da aceitação e do encontro genuíno que o cliente é levado a se aprofundar em sua dinâmica existencial e restaurar sua identidade, descobrir suas potencialidades e se ver como um ser de possibilidades diante do mundo. Além disso, se faz importante ressaltar que a relação terapêutica seja configurada como morada, e que haja hospitalidade, permitindo que o cliente alcance abertura e sustentação para sua instabilidade e precariedade, e restaure e inaugure sua condição de peregrino caminhante, engajado na obra de ser a si mesmo (CARDELLA, 2015).

Portanto, o encontro genuíno, a postura acolhedora e dialógica, permite que o sujeito encontre nesta relação um espaço em que conheça a si mesmo, seus bloqueios, resistências e seus elementos



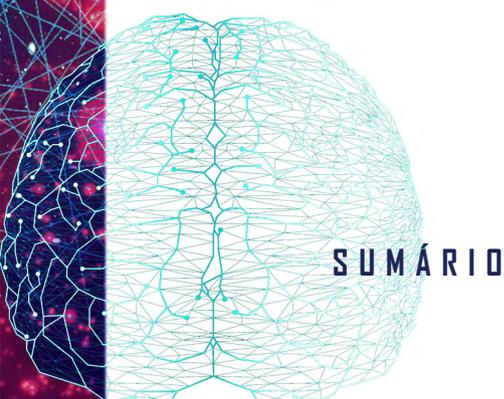
SUMÁRIO

existenciais para que assim possa restaurar ou desenvolver o auto suporte, suas potencialidades e possibilidades. No entanto, tudo isso só é possível se houver contato. Segundo Ribeiro (2016) contato está ligado com a relação, o encontro consigo mesmo e com o outro. Tanto o terapeuta quanto o cliente demandam estar disponíveis para tal intento e nesta perspectiva, esse elemento é a matéria prima da relação psicoterapêutica e sua natureza define a qualidade do processo. D'Acri (2014, p.45) corrobora com esse pressuposto afirmando que "No decorrer do processo terapêutico, a relação construída com o cliente é baseada no contato que cada um dos pares estabelece consigo mesmo e com o outro", isto é na relação terapêutica que o encontro ocorre e se estabelece a relação terapêutica autêntica.

O contato sob a ótica da gestalt-terapia

O ser humano é um ser de relação, desta forma não se pode pensá-lo isoladamente, mas, todavia, inserido em um meio que faz parte da sua totalidade. Nesse sentido, Silva, Baptista e Alvim (2015) destacam que a Gestalt-terapia não irá se atentar somente ao indivíduo ou somente ao ambiente, mas sim na relação organismo-ambiente e no encontro destes. Para que a pessoa estabeleça uma relação com o meio, é necessário que ela esteja em contato. D'Acri; Lima; Orgler (2007), definem o contato como o intercâmbio que ocorre entre o indivíduo e o ambiente que o circunda, tendo assim uma perspectiva de totalidade em que organismo e meio são um todo indivisível.

O contato ocorre por intermédio dos sentidos de audição, visão, tato, paladar, olfato, entre outros. De acordo com Riberio (2016), os sentidos são instrumentos do contato, pois estes captam a realidade externa para que a mesma seja processada pelo intelecto e reconhecida como uma realidade fora do sujeito. Desta forma, estar em contato consigo mesmo ou com o outro ocorre em diferentes níveis. A estes



SUMÁRIO

níveis, Ribeiro (2016), destaca o sentir, o pensar, o fazer e o falar. Além disso, o ser humano vive em diversos campos os quais se configuram como o local em que o contato ocorre.

Segundo Diógenes (2016), o campo é um espaço total onde ocorre a relação do sujeito com o ambiente, interferindo sobre o indivíduo e o ambiente em uma relação de interdependência em um tempo determinado. Com isto, a relação entre a pessoa e o ambiente se estabelece mediante o campo, assim este pode influenciar nos comportamentos do indivíduo. Neste sentido, Ribeiro (2007), traz que o primeiro e mais importante campo é o corpo físico e psíquico, que constitui um espaço vital, sendo síntese e reflexo da nossa totalidade. Assim, o contato se dá no espaço vital da pessoa, sendo o corpo, sujeito e objeto de contato. Desta forma, o autor supracitado salienta que o campo é a pessoa acontecendo em dado momento.

Além disso, o ser humano é um ser relacional e precisa da interação com o meio para suprir as suas necessidades. A satisfação dessas necessidades se dá a partir do contato entre o indivíduo e o ambiente. D'Acri (2014), esclarece que a interação entre o organismo e o ambiente ocorre por meio dos sistemas sensoriais e motores, que atuando de maneira interdependente visam à satisfação das necessidades do organismo. Além da satisfação das necessidades, o contato permite que o sujeito encontre e reconheça o outro, o diferente, e a partir disso se reconheça também. Diante disso, Diógenes (2016) corrobora enfatizando que o contato é um processo de reconhecimento daquilo que é diferente, constatando a presença do outro, relacionando-se com este e reconhecendo o que eu sou, percebendo o desconhecido.

O contato permite reconhecer, assimilar e incorporar o novo, possibilitando assim o crescimento e a transformação do indivíduo. No entanto, tal ação depende da permeabilidade e da flexibilidade da fronteira de contato. O campo é composto por fronteiras e contornos.



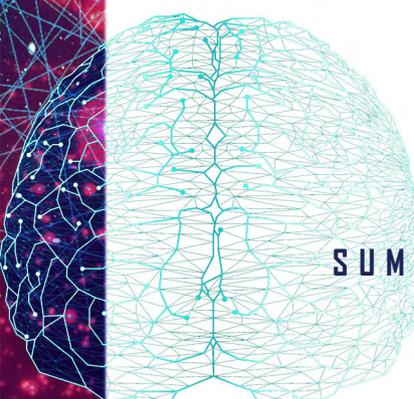
SUMÁRIO

Ribeiro (2007) afirma que a fronteira pode ser pensada como um lugar de encontro das diferenças, um lugar de experiência. Perls; Hefferline; Goodman (1997) apoiam essa perspectiva, afirmando que a experiência ocorre na fronteira entre o organismo e o ambiente. No entanto, a fronteira nem sempre é permeável ou flexível, ela pode facilitar ou dificultar o contato. “Este movimento protege o indivíduo para que não o faça com aquilo que pode não ser saudável, uma vez que nem todo contato é pleno e se desdobra em crescimento” (DIÓGENES, 2016, p.31).

D’Acri; Lima; Orgler (2007) reforçam que a fronteira de contato pode unir-se, separar-se, tornar-se mais ou menos permeável e conseqüentemente, facilitar, dificultar ou impedir o contato. Nem todos os contatos são saudáveis, nesse sentido a fronteira pode permitir a assimilação ou a rejeição dos conteúdos provenientes do ambiente. Com ênfase Diógenes (2016), a fronteira de contato deve ser eficiente e eficaz na medida em que permite a abertura e o fechamento flexíveis, possibilitando que o indivíduo realize o processo de assimilação e alienação. Quando a fronteira de contato funciona desta forma, propicia que as necessidades emergam e sejam satisfeitas.

Esta dinâmica pode ser pensada como a dinâmica da figura/fundo. De acordo com Diógenes (2016), o contato tem origem a partir de uma sensação que provoca uma reação para responder a necessidade que aparece como figura e que quando satisfeita volta ao fundo para que o processo continue e uma nova figura possa emergir. Logo, a partir do contato saudável, o indivíduo pode responder as suas necessidades, as *gestalts* abertas, fechando-as e permitindo que novas *gestalts* surjam para serem resolvidas. Assim, um contato saudável permite a satisfação de necessidades, a assimilação e a transformação.

Quando um contato ocorre de maneira saudável, o indivíduo tem a capacidade de se ajustar criativamente ao meio. Segundo Silva;



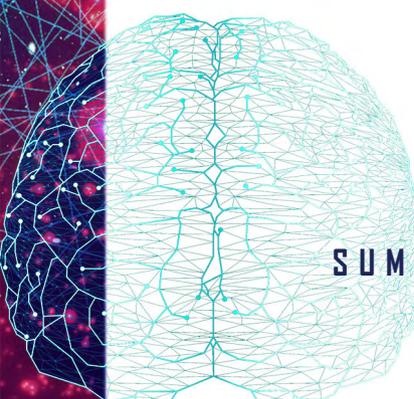
SUMÁRIO

Baptista; Alvim (2015), o contato possibilita o processo de encontro e assimilação de uma diferença, no qual o sujeito arrisca-se diante do novo e do desconhecido, ajustando-se criativamente a estes. Portanto, um contato saudável com o ambiente permite que a pessoa encontre o novo, ajustando-se ao mesmo para assimilá-lo e incorporá-lo contribuindo assim para seu crescimento e transformação. Ribeiro (2016) afirma que ajustar-se, é utilizar soluções antigas presentes e disponíveis no organismo, buscar novas possibilidades ou permitir que o organismo as encontre a partir do contato corpo-meio ambiente, para que possa viver de forma funcional e viável.

Quando o indivíduo se vê diante de dificuldades ele pode resolvê-las, respondendo a elas de maneira criativa e funcional. No entanto, quando o cliente busca psicoterapia, pode ser em função do mesmo ter perdido a sua capacidade de se ajustar de maneira criativa e funcional. Diante disso, há um bloqueio de contato, que é compreendido pela Gestalt-terapia como um ajustamento criativo disfuncional. A isso, Ribeiro (2016) complementa ao destacar, que o bloqueio de contato ocorre quando a experiência que o indivíduo vivencia no aqui e agora é insuportável, e querendo se livrar dela, busca meios para bloqueá-la. Nesse sentido, o bloqueio de contato pode ser compreendido como a única maneira, mesmo que disfuncional, que o indivíduo encontrou para se ajustar às experiências do seu universo relacional.

É função do psicoterapeuta é de compreender como o cliente faz contato e quais os componentes envolvidos nos bloqueios que utiliza. Para isso, o profissional pode se utilizar do ciclo do contato. Ribeiro (2007), define este como um modelo organizado por diferentes autores que permite a leitura de como as pessoas fazem contato, produzem, vivem, expressam e bloqueiam a relação com o outro.

No centro do ciclo há o *self*, que é compreendido como um agente de contato. Diógenes (2016) o define como sendo um complexo sistema de contatos necessários para empreender o ajustamento no



SUMÁRIO

campo. Além disso, o *self* leva ao crescimento, na medida em que permite a integração por meio do contato. Perls; Hefferline; Goodman (1997), esclarecem que o *self* não pode ser considerado uma entidade fixa, mas um processo, um sistema de contatos que integra as funções perceptivas, motoras e necessidades orgânicas.

Quando o ajustamento criativo é disfuncional e não ocorre um contato saudável, o *self* pode estar enfraquecido. Ribeiro (2007), esclarece que o *self* pode enfraquecer-se na medida em que o EU se distancia dele e nada pode fazer para auxiliar o EU alienado, acreditando que tudo vai bem. No entanto, o EU também pode desenvolver os mecanismos de defesa, ou bloqueios de contato. Ribeiro (2016, p. 79), afirma que “O bloqueio existe como uma forma da pessoa se autorregular e se auto ajustar, mesmo que precariamente, às vivências do seu universo relacional”.

Ao descrever o ciclo do contato, Ribeiro (2007), apresenta como mecanismos de bloqueio: a fixação, a desensibilização, a deflexão, a introjeção, a projeção, a proflexão, a retroflexão, o egotismo e a confluência. Para cada forma de bloqueio de contato, há um mecanismo de cura. Nesse sentido, o ciclo auxilia o terapeuta a identificar qual o bloqueio apresentado pelo cliente e qual fator de cura pode ser desenvolvido.

A fixação ocorre quando o indivíduo permanece fixado em algo ou alguém, temendo assumir riscos. De acordo com Ribeiro (2007), neste processo o indivíduo deixa de existir, desenvolvendo um apego excessivo em pessoas, ideias ou coisas que a impossibilita de explorar as situações que surgem. Logo, o indivíduo perde a fluidez e a capacidade de se ajustar de maneira criativa e funcional às diversas situações que se apresentam, permanecendo estagnado em padrões, ideias, pessoas e situações antigas. Diante disso, o mesmo autor propõe que se utilize da fluidez, na qual a pessoa se movimenta, abandona posições antigas, se renova e de maneira espontânea percebe a capacidade de criar e recriar a sua própria vida.



SUMÁRIO

Na dessensibilização, o sujeito não consegue mais experienciar as sensações provocadas pelas diversas situações que lhe ocorrem. A isso, o autor supracitado salienta que esse processo provoca o entorpecimento e frieza diante do contato, no qual o indivíduo perde interesse por sensações novas e mais intensas. Nessa perspectiva, a pessoa não consegue perceber e sentir a si mesma e aos outros, perdendo o disposição para novos estímulos. Para tanto, Ribeiro (2007, p. 60), propõe o uso da sensação, “[...] processo através do qual saio do estado de frieza emocional, sinto melhor a mim mesmo e as coisas, estou mais atento aos sinais que meu corpo me manda ou produz, sinto e até procuro novos estímulos”.

No processo de deflexão a pessoa não consegue investir sua energia de maneira funcional no contato com os outros. Polster; Polster (2001), enfatizam que o indivíduo não investe energia suficiente para obter um retorno razoável ou esta energia é investida sem foco, dissipando-se, causando o esgotamento e pouco retorno àquele que investe. Neste sentido, o contato é realizado de maneira vaga e superficial ou até mesmo evitado. Ribeiro (2007), ressalta que é necessário que se desenvolva a consciência, dando-se conta de si mesma e também daquilo que ocorre a sua volta, possibilitando que se relacione de maneira mais recíproca com as pessoas e com as coisas.

Durante o processo de introjeção, o indivíduo perde a dimensão de si mesmo, tomando para si opiniões, ideias e valores que são dos outros. Nessa perspectiva Polster; Polster (2001), esclarecem que ocorre um investimento de energia, incorporando de forma passiva aquilo que o ambiente lhe proporciona, sem especificar suas exigências e preferências. Desta forma, ao perder a dimensão de si mesmo, o indivíduo não consegue perceber as suas necessidades, e conseqüentemente, se mostra incapaz de responder a elas. Ribeiro (2007), determina como fator de cura a mobilização, processo pelo qual a pessoa é capaz de perceber



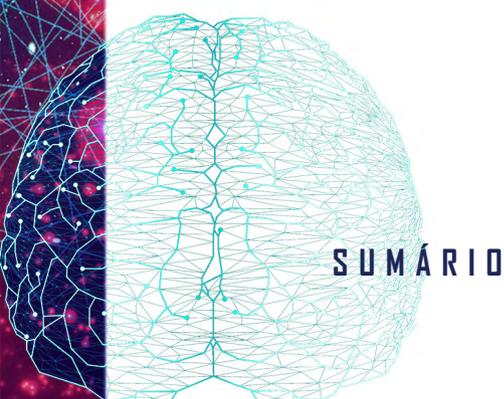
SUMÁRIO

e sentir a necessidade de mudar, exigir seus direitos e conseguir separar suas coisas das coisas dos outros.

Na projeção a pessoa costuma atribuir aos outros as responsabilidades que são suas, podendo perceber ao mundo como seu inimigo e causador de seu sofrimento e problemas. Polster; Polster (2001) contribuem afirmando que durante a projeção, o indivíduo renuncia a aspectos de si mesmo e tende a atribuí-los ao ambiente, percebendo-se como incapaz de realizar sua própria mudança. Nesse sentido, o sujeito possui dificuldade em assumir suas próprias responsabilidades, reconhecer suas potencialidades e sua participação em seu processo de mudança. Diante desse bloqueio, Ribeiro (2007) atribui o uso da ação, mecanismo pelo qual o indivíduo será capaz de assumir responsabilidades e identificar em si mesmo as razões de seus problemas. A partir da ação e do olhar para si mesmo, se torna possível ir ao encontro de possibilidades e ajustamentos criativos para buscar soluções e maneiras mais assertivas e funcionais para agir.

Durante a proflexão o indivíduo designa aos outros a responsabilidade pela satisfação de suas necessidades, possuindo a tendência de esperar algo destes outros. Alvim; Bomben; Carvalho (2010), afirmam que o outro é tomado como um objeto de satisfação das necessidades, assim o indivíduo pode utilizar-se da manipulação e de comportamentos indiretos para obter dos outros aquilo que deseja. Sob essa ótica, a pessoa tem dificuldade em se perceber como sua fonte nutridora e capaz de suprir suas necessidades, designando tal ação aos outros. Frente a isso, Ribeiro (2007), propõe que se faça uso da interação, processo pelo qual a pessoa é levada a interagir com os outros sem esperar nada em troca, aprendendo a conviver com suas necessidades e com as necessidades dos outros e a partir de tal relação ser capaz de se reconhecer como pessoa.

O mecanismo de retroflexão leva ao isolamento de quem abandona suas tentativas de investimento energético no ambiente,



SUMÁRIO

não conseguindo realizar um contato saudável e funcional com o mesmo. Alvim; Bomben; Carvalho (2010), destacam que o isolamento é permeado pela sensação de autossuficiência, fazendo com que o indivíduo enrijeça a fronteira de contato separe-se do ambiente. Nessa perspectiva, a pessoa não consegue investir sua energia na relação com o ambiente, essa energia pode voltar para si mesmo como culpa, cobrança, entre outros estados e sentimentos. A partir disso, Ribeiro (2007) salienta o uso do contato final, que permitirá que o indivíduo perceba a si mesmo como sua fonte de prazer, relacionando-se de maneira direta e clara com os outros.

A isso, o egotismo se caracteriza pelo controle rígido e excessivo que a pessoa tenta realizar no ambiente ao seu redor. Ribeiro (2007) destaca que o indivíduo impõe suas vontades e seus desejos e não consegue perceber o mundo ao seu redor. Nesse sentido, apresenta dificuldade em realizar uma troca saudável com o ambiente, sendo incapaz de dar e receber. O autor supracitado propõe o uso da satisfação, processo que permite que o indivíduo perceba o mundo ao seu redor, como fonte de contato nutritivo. Sob essa ótica, a partir da satisfação, poderá ter um contato e um encontro com o outro, compreendendo esse outro como diferente, percebendo a si mesma e a partir desta relação, realizar a assimilação do novo que acarretará na transformação e no crescimento.

Por fim, a confluência é marcada pela dificuldade do sujeito em diferenciar os conteúdos que são seus, dos que são dos outros. Diante disso, Polster; Polster (2001) esclarecem que nesse processo, a pessoa tende a submeter-se a correnteza do campo, deixando-a que o leve, sem conseguir impor o que pensa e sente. Desta forma, o indivíduo tem dificuldade em realizar a escolha pessoal, atribuindo esta aos outros e, todavia, a eles a satisfação de suas necessidades. Ribeiro (2007) ressalta que diante da confluência é necessário fazer uso da retirada, processo pelo qual o sujeito será capaz de diferenciar o que é seu e o que é dos outros, aceitando e sendo fiel a si mesmo.

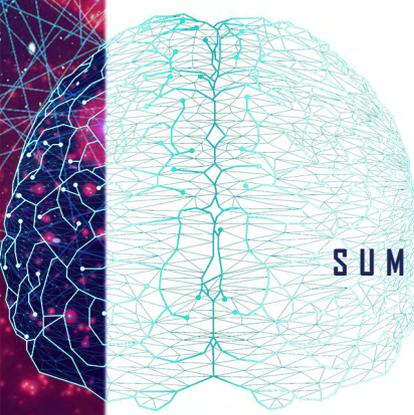


SUMÁRIO

Diante do exposto, cabe ao psicoterapeuta identificar quais os mecanismos de bloqueio apresentados pelo cliente e os fatores de cura que podem ser utilizados. Nesse sentido, o terapeuta necessita estar presente, atento ao cliente e percebendo sua totalidade. É essencial perceber o momento que o cliente mais interrompe sua energia da vida e finalização, para ali depositar mais atenção (RIBEIRO, 2007). A partir disso, o terapeuta auxiliará o sujeito a ampliar a consciência de si mesmo, dos seus bloqueios, dos seus elementos existenciais e das suas necessidades. Nesse sentido, Ribeiro (2016, p. 94) destaca que “[...] é da natureza da psicoterapia promover o contato, de tal modo que o cliente possa, cada vez mais, voltar-se para dentro de si mesmo e se ver no mundo como um ser de possibilidades”. Ao voltar-se para si, o cliente pode ser capaz de fazer escolhas diferentes, mais saudáveis e funcionais que permitirão um contato pleno consigo mesmo e com os outros.

Perls (1977, p. 59) salienta que “[...] o que buscamos é a maturação da pessoa, removendo os bloqueios que a impedem de manter-se sobre seus próprios pés”. Busca-se portanto, a ampliação da consciência, da auto percepção e o desenvolvimento do auto apoio, pois é por meio da ampliação da consciência que o indivíduo pode experimentar situações novas de uma maneira mais leve e consciente buscando satisfazer suas demandas de uma forma mais adequada e fluído de maneira criadora com o mundo (RIBEIRO, 1985). Nesta concepção o processo psicoterapêutico possibilita que o cliente desenvolva e amplie sua capacidade de autorregulação, autoconhecimento e auto suporte.

Além disso, é importante que o terapeuta esteja atento a si mesmo para que possa perceber quando apresentar bloqueios de contato. Sob essa ótica, torna-se fundamental este profissional passar pelo seu próprio processo de psicoterapia. Ribeiro (2017), corrobora com essa perspectiva afirmando que, o terapeuta necessita passar pelo seu



SUMÁRIO

próprio processo de psicoterapia antes de iniciar o seu trabalho para que seja capaz de tomar consciência de seus bloqueios, limitações e possibilidades. A partir disso, o psicoterapeuta pode evitar que tais elementos prejudiquem o seu trabalho, a relação que se estabelece com o cliente e o processo psicoterapêutico deste.

O contato na relação terapêutica

O contato torna-se um elemento fundamental para a constituição da relação terapêutica. Este processo ocorre no campo que pode ser configurado como o *setting* terapêutico. Diógenes (2016) corrobora com essa ideia, ao afirmar que o terapeuta está no *setting* que se constitui como campo/ambiente, desenvolvendo um papel de facilitador, que a partir do conteúdo do paciente entra em estado de presença, possibilitando que o contato possa fluir. Sob essa perspectiva, o terapeuta demanda estar presente, sendo uma pessoa participante da relação terapêutica afim de que esta possibilite e proporcione um contato pleno e um encontro genuíno entre o profissional e o cliente.

Diante disso, por meio deste encontro o cliente pode encontrar um espaço de acolhimento e aceitação em que se sinta seguro para expressar seus elementos existenciais. Com isso, o terapeuta irá compreender o indivíduo como um todo, composto de limitações e possibilidades, e que a partir destas pode ressignificar a si e ao seu modo de ser. Alvim, Bomben; Carvalho (2010), destacam que a aceitação é capaz de diminuir a sensação de inadequação e solidão frente às próprias possibilidades criativas, permitindo que a pessoa inicie a expressão de sua forma singular e criativa de estar no mundo.

No entanto, ao iniciar o processo terapêutico, o sujeito pode ter perdido a capacidade de se ajustar de maneira criativa e funcional



SUMÁRIO

as diversas situações do meio, apresentando um ajustamento criativo disfuncional ou um bloqueio de contato. O contato acontece no limite em que o homem e o meio externo se tocam, este limite pode ser psíquico ou físico e é denominado pela fronteira de contato. Quando essa fronteira não apresenta flexibilidade e não permite à assimilação ou alienação de conteúdos do meio, o contato pode ser bloqueado. O bloqueio de contato ocorre quando a experiência que o indivíduo vivencia no aqui e agora é insuportável, e querendo se livrar dela busca meios para bloqueá-la (RIBEIRO, 2016).

Para tal, o indivíduo se ajusta de forma disfuncional ao ambiente. Frente a isso, é necessário compreender como o indivíduo faz contato e quais os componentes envolvidos nos bloqueios. O ciclo do contato pode auxiliar o terapeuta na identificação dos bloqueios apresentados pelo cliente e dos fatores de cura que podem ser desenvolvidos. Ribeiro (2007) salienta que o ciclo do contato pode funcionar como um modelo de psicodiagnóstico e como um programa de trabalho. Desta forma, compreendendo como a pessoa faz contato, é possível compreender como ela se constitui.

Quando o sujeito está bloqueando o contato, algo da esfera do não consciente está acontecendo, e é função do processo de psicoterapia permitir que esse indivíduo tome consciência disto para que possa viver em equilíbrio (RIBEIRO, 2016). Nesse sentido, busca-se a ampliação da consciência do indivíduo.

Além disso, a patologia é concebida como apenas mais uma das várias partes do todo que aquele indivíduo é, e é encarada como a maneira mais 'saudável' que encontrou para enfrentar situações insuportáveis ou conscientemente inconciliáveis (FREITAS, 2016). Diante disso, o terapeuta irá explorar os sintomas com o cliente, sem pré-julgamentos ou interpretações. Assim, coloca-se disponível para acompanhá-lo, no ritmo que este determinar, em seus processos que precisam de atenção, cuidado e ressignificação (FABRO; GUISSO, 2016).

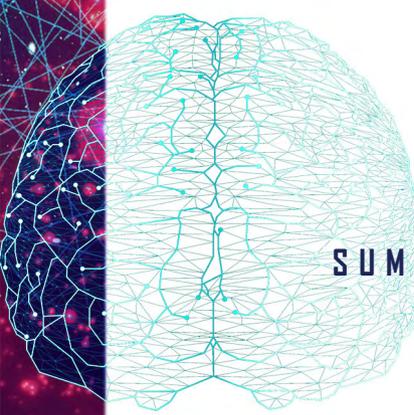


SUMÁRIO

Cabe ao terapeuta caminhar em conjunto com o cliente no processo terapêutico. Sob a ótica da Gestalt-terapia o ser humano é compreendido como um ser de possibilidades e potencialidades (RIBEIRO, 1985). Diante desta realidade, o trabalho clínico volta-se para a ampliação da consciência do indivíduo sobre seu modo de agir, buscando assim que ele perceba sua responsabilidade sobre suas escolhas e possibilidades, adotando uma atitude mais autônoma e autossustentada (FREITAS, 2016). Além disso, a relação terapêutica promove ao sujeito a possibilidade de experienciar um contato mais genuíno consigo mesmo, com o outro (o terapeuta) e posteriormente com as outras pessoas.

Assim, o cliente tem a possibilidade de ressignificação dos seus elementos existenciais e também a assimilação do novo. Oliveira; Vieira (2015), destacam que na relação terapêutica o paciente pode experimentar conteúdos já vividos de uma nova forma, podendo ressignificá-los e todavia experimentar situações totalmente novas. Com isso, o cliente passa a viver de maneira mais autêntica consigo mesmo e com o ambiente. Portanto, os autores supracitados salientam que aquilo que o cliente aprende na relação terapêutica, pode generalizar levando a autenticidade, ao contato pleno e ao encontro genuíno em outros ambientes.

Na relação terapêutica, busca-se que o cliente tome consciência de si, de suas possibilidades e da capacidade de realizar ajustamentos criativos funcionais e contatos mais nutridores. Diógenes (2016) esclarece que o contato é a função responsável pela nutrição do indivíduo e na relação com o terapeuta é possível estabelecer um contato autêntico permeado pelo movimento de assimilação e rejeição que possibilite um caminho desenvolvidor para o indivíduo. Assim, o sujeito passa a estar mais atento a si e a suas necessidades encontrando ou desenvolvendo maneiras saudáveis de satisfazê-las. Para isso, o profissional irá auxiliar o indivíduo a desenvolver o



SUMÁRIO

ajustamento criativo, permitindo que se adapte ao meio de forma mais saudável e funcional. De acordo com Conci (2018), para que o organismo se ajuste de tal forma, é necessário uma autorregulação transformadora que permita descobrir estratégias adaptativas e adequadas para o bom funcionamento. Portanto, o indivíduo demanda um contato consciente (*aware*) que o permita reconhecer e assimilar o novo. Diante disso, o contato pode levar a *awareness*, que segundo Diógenes (2016), é compreendida como função do contato permitindo caracterizar, assimilar, destruir, comunicar, entre outros, o objeto com o qual o contato está sendo estabelecido.

A partir da consciência de si mesma e do outro se tem a possibilidade de reconhecer, assimilar o diferente, permitindo o crescimento e a transformação. Desta forma, na relação terapêutica o cliente tem a possibilidade de estabelecer uma conexão nutritiva consigo mesmo e com o outro, de ampliar a consciência de si mesmo e a integração de seus conteúdos existenciais. Oliveira; Vieira (2015), afirmam que a partir da relação dialógica e da presença, o terapeuta irá entrar em sintonia com o mundo do cliente, se aprofundando em seus elementos existenciais e criando condições restauradoras e transformadoras tanto para o profissional quanto para o cliente. Nesse sentido, o contato estabelecido nessa relação pode levar ao crescimento e a transformação, não somente do cliente, mas, todavia, do terapeuta. Oliveira; Vieira (2015), corroboram com essa perspectiva ao defender que este profissional reconhece o cliente como pessoa real, desenvolvendo um encontro genuíno que proporciona crescimento para ambos.

Desta forma, o terapeuta irá compreender o cliente em sua totalidade, não somente seus sintomas, mas sim seus bloqueios, suas potencialidades, limitações possibilidades, buscando a integração e fazendo da pessoa um todo novamente. Diante disso, Ribeiro (2007) salienta que o processo de mudança só irá ocorrer quando



SUMÁRIO

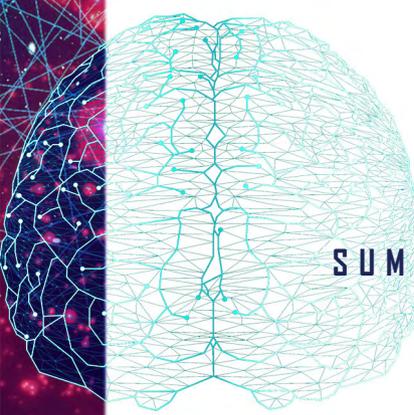
psicoterapeuta e cliente fizerem contato com suas totalidades e não apenas com seus sintomas. Sob essa ótica, este passa a ser um profissional, em sua totalidade que participa da relação terapêutica.

Quando o cliente tem a possibilidade de estabelecer um contato pleno, nutridor e um encontro consigo mesmo e com o terapeuta, será capaz de ressignificar seus elementos existenciais. O contato na relação terapêutica tem a função nutridora, de crescimento, transformação, do reconhecimento de si e do outro, permitindo ao sujeito a possibilidade de atender às suas necessidades de forma criativa e funcional. Torna-se importante compreender quais os componentes envolvidos nos bloqueios e resistências do indivíduo que estão impedindo o mesmo de se expressar e de viver como verdadeiramente é.

O contato permite a mudança, possibilidade e crescimento. Desta forma, é um processo profundo que transforma, muda e cura, é um dar-se conta de si, por meio do cognitivo, emocional, motor, o contínuo expressado por meio do corpo (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2007). A partir disso, o cliente passa a ter consciência de si e da sua totalidade, a ser capaz de realizar contatos mais saudáveis em outros ambientes. O contato é uma força que impulsiona a transformação e o crescimento, tanto do cliente quanto do terapeuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a Gestalt-terapia, a relação terapêutica é compreendida como uma parte essencial do processo terapêutico. Esta relação é marcada pelo encontro genuíno, pelo afeto, pela aceitação, pela alteridade e pela presença tanto por parte do terapeuta, quanto por parte do cliente. Para isso, o profissional não pode adotar uma conduta de neutralidade ou ficar preso a seu arcabouço teórico, pois



SUMÁRIO

entende-se que ele é uma pessoa constituinte da relação terapêutica. Portanto, são necessárias algumas posturas por parte do terapeuta, como a presença, a comunicação e a inclusão.

Por meio do contato que se estabelece na relação terapêutica, o cliente tem a possibilidade de reconhecer e assimilar o novo e a partir disso se reconhecer também. Diante disso, pode haver a ampliação da consciência do indivíduo que mais consciente de si, pode ser capaz de reconhecer seus bloqueios, seus elementos existenciais, suas potencialidades, limitações e necessidades. Sob essa ótica, a pessoa poderá responder de maneira mais saudável e funcional às suas necessidades e se ajustar de forma criativa às demandas do ambiente.

A motivação por esse tema deu-se a partir do meu próprio processo terapêutico o qual estava imerso por bloqueios de contato e se apresentava incapaz de realizar contatos nutritivos comigo e com os outros. Por meio do contato na relação terapêutica eu pude tomar consciência de mim mesma, permitindo a resignificação, a integração dos elementos existenciais buscando a totalidade. Posteriormente, quando comecei a atender nos estágios específicos, pude reafirmar o quanto o contato na relação terapêutica pode ser transformador. Nesse sentido, o contato é um processo de dar-se conta de si e do outro, que transforma e cura, tanto o terapeuta quanto o cliente, fruto da relação saudável estabelecida por ambos.

Frente a isso, esta pesquisa objetivou responder qual é a função do contato na relação terapêutica. A partir disso, propiciou para a acadêmica a aquisição de conhecimentos que podem ser empregados no fazer clínico e na atitude profissional. Além disso, a pesquisa visou contribuir para a compreensão e discussão do tema, o qual é pouco abordado devido à insipiência de materiais acerca do assunto em plataformas *online*, assim como em obras, de forma específica.



SUMÁRIO

Percebeu-se que o contato é um tema abrangente, constituído por muitos outros conceitos, como campo, ajustamento criativo, fronteira de contato, entre outros. Assim como a relação terapêutica que envolve o papel do terapeuta, o vínculo, o diálogo, o encontro genuíno, o contato pleno e demais conceitos. Diante disso, recomenda-se que novos estudos sobre essa temática sejam realizados, visto que o contato e a relação terapêutica são temas de grande relevância para clínica gestáltica e para a atuação do Gestalt-terapeuta em seu contexto profissional.

Diante do exposto ressalta-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado. Além disso, a ampliação e busca de aprofundamento acerca da temática se torna imperioso, já que os elementos constitutivos que compõem os conceitos de contato e relação terapêutica são emersos de diversos significados, que quando compreendidos no todo, fazem com que estas partes (contato e relação terapêutica) se efetivem e passem a ser condição existencial do sujeito que busca pelo processo de psicoterápico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. Rev. Abordagem Gestalt, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 217 - 221, dez. 2010.
- ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. "Pode deixar que eu resolvo!" - retroflexão e contemporaneidade. Rev. abordagem gestalt, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 183 - 188, dez. 2010.
- BARRETO, Carine do Espírito Santo. *Um estudo sobre a Gestalt-Terapia na contemporaneidade*. 2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0411.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In: FRAZÃO, Lillian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt -Terapia*. São Paulo: Summus, 2015. Cap. 3. p. 55 - 82.



SUMÁRIO

CONCI, Nicole Signori. Adolescência e bloqueio de contato: um estudo de caso. *Boletim Entre Sis*, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 57 - 65, jul. 2018.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2007. 245 p.

D'ACRI, Gladys Costa de Moraes Rêgo Macedo. Contato: funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 3. p. 31 - 46.

DIÓGENES, Luma Cavalcante. *O Setting Terapêutico como Facilitador do Contato no Processo com Crianças*. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 206 p.

FABRO, Ana Carla; GUISSO, Luciane. *A relação terapêutica na abordagem gestáltica: caminhos de encontro e crescimento*. 2016. Disponível em: <www.psicologia.pt>. Acesso em: 12 mar. 2019.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. *Revista Igt na Rede*, [S.l.], v. 24, n. 13, p. 85 - 104, out. 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOBBO, André. *Ciência e metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Faculdade Avantis, 2017.

MARIANO, Salimar Pasqual; MACEDO, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de. A importância da relação terapêutica: incluindo o cuidado na técnica. *Boletim Entresis*, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, p. 66 - 78, jan. 2017.

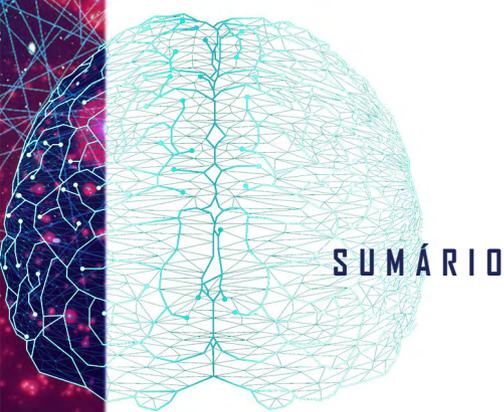
OLIVEIRA, J. F.; VIEIRA, E. D. Reflexões sobre a relação terapêutica: perspectivas da Gestalt-terapia e do psicodrama. *Revista IGT na Rede*, v. 12, n. 22, p. 92 - 110, jan./jul. 2015.

PERLS, Frederick S. *Gestalt-terapia explicada*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1977. 371 p.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. *Gestalt-terapia*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. 266 p.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus, 2001. 321 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2017. 264 p.



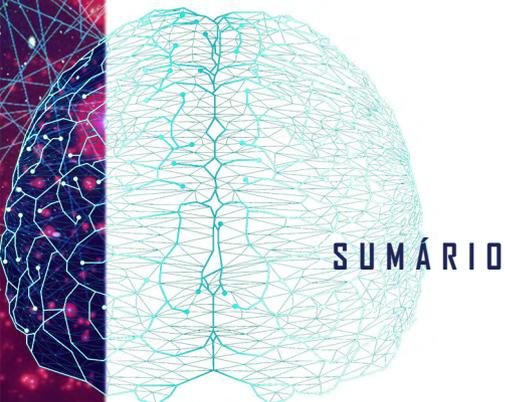
SUMÁRIO

_____. *Vade-mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

_____. *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007. 120 p.

_____. *Gestalt terapia: refazendo um caminho*. 6. ed., rev. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Thatiana Caputo Domingues da; BAPTISTA, Camilla Santos; ALVIM, Mônica Botelho. O contato na situação contemporânea: um olhar da clínica da gestalt-terapia. *Rev. abordagem gestalt*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 193 - 201, dez. 2015.





6

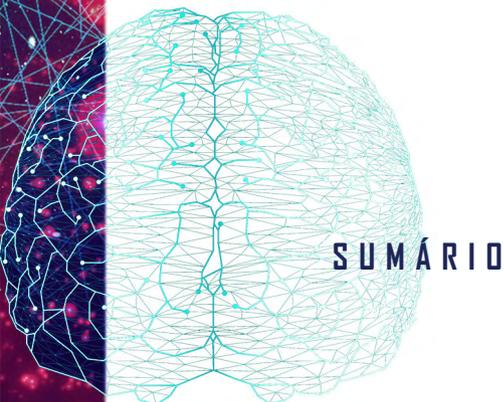
Maria Isadora de Souza Quintino

Simoni Urnau Bonfiglio

**AURORA OU ROSA -
A BELA ADORMECIDA:
REVISITANDO O CONTO DE FADAS SOBRE
O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA**

**AURORA OR ROSA - SLEEPING BEAUTY: REVISITING
THE FAIRY TALE ON THE GESTALT THERAPY LOOK**

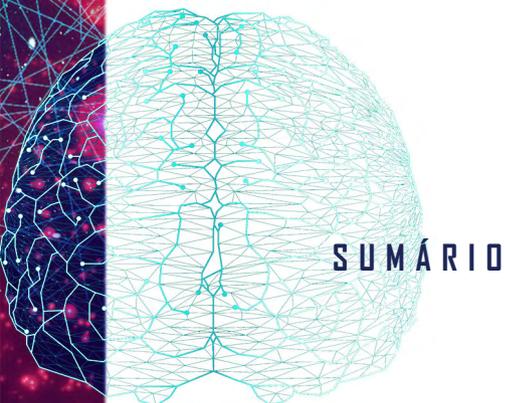
DOI: [10.31560/pimentacultural/2020.130.138-164](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.130.138-164)



SUMÁRIO

RESUMO: O mundo da fantasia, por vezes impressiona a muitos pelo fato de ser repleto de magias e mistérios. Mesmo que sem intenção, muitas vezes se mostra permeado de conteúdos psíquicos. O artigo em questão trata da análise do Filme da Bela Adormecida, produzido pela Disney (1959), com o intuito de compreender como a protagonista do conto 'A Bela Adormecida' ressignifica sua identidade sob a perspectiva da Gestalt-Terapia. O filme mostra o desenvolvimento da integração da protagonista do conto, e tudo acontece por meio da tomada de consciência, quando a identidade da mesma é assimilada, integrada, experienciada e percebida por meio da relação com cada um desses personagens que constituem o Ser da princesa. Para o alcance de tal objetivo, buscou-se como aporte metodológico uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, classificada como um estudo de caso. Neste sentido, os conteúdos aprofundados possuem relação com a realidade vivida pela protagonista, na qual por vezes, os sujeitos buscam compreender a própria constituição de sua identidade, assim como a forma que esta se estabelece. Por tratar-se da análise de um conto, o artigo tem seus capítulos e subcapítulos de acordo com o enredo da história. Ao fim, é possível compreender que a identidade não é algo estável e estático, mas sim mutável e composta por partes. Pode-se então afirmar, que é no momento que ocorre uma integração das partes, temos então o todo, ressaltando que cada parte tem seu significado e sua relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas. Gestalt-Terapia. Identidade. Constituição do sujeito.



SUMÁRIO

ABSTRAT: The fantasy world sometimes impresses many because it is full of magic and mystery. Even if unintentionally, it is often permeated with psychic content. The article in question deals with the analysis of the Sleeping Beauty Movie, produced by Disney (1959), in order to understand how the protagonist of the tale “Sleeping Beauty” resignifies her identity from the perspective of Gestalt Therapy. The film shows the development of the integration of the protagonist of the tale, and everything happens through awareness, when her identity is assimilated, integrated, experienced and perceived through the relationship with each of these characters that constitute the Princess Being. . In order to achieve this objective, a qualitative, bibliographic research classified as a case study was sought as a methodological approach. In this sense, the in-depth contents are related to the reality lived by the protagonist, in which the subjects sometimes seek to understand the very constitution of their identity, as well as the way it is established. Because it is the analysis of a tale, the article has its chapters and subchapters according to the plot of the story. In the end, it is possible to understand that identity is not something stable and static, but mutable and composed of parts. It can then be said that it is at the moment that there is an integration of the parts, then we have the whole, emphasizing that each part has its meaning and its relevance.

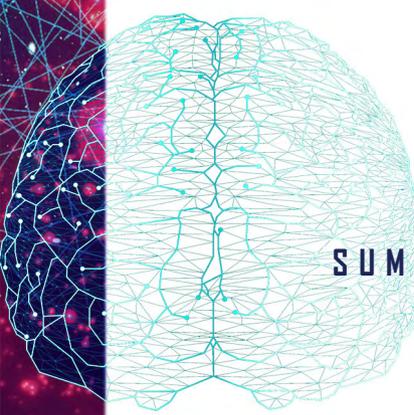
KEYWORDS: Fairy tale. Gestalt-Therapy. Identity. Constitution of the subject.

ERA UMA VEZ...

O presente trabalho trata-se da revisão de um conto de fadas, sob o olhar fundamentado na perspectiva da Gestalt-terapia. Ao referirmos à proposta da pesquisa, pode-se considerar que a sua relevância está direcionada para a psicologia, assim como também para as pessoas que mostram-se motivadas por este tema, pois se relaciona a um conto de fadas com a realidade, fazendo uma interlocução então da história 'A Bela Adormecida' da Disney lançada em 1959, com o processo individual e subjetivo de um indivíduo, tendo como centro constitutivo o debate da constituição de identidade da protagonista do conto, Aurora ou Rosa.

Estes dois nomes estão assim descritos, pois em determinado momento da trama, a protagonista do conto se mostrou ser essas duas personagens 'Aurora e Rosa', sendo que ao ser retirada do reino, levaram-na para viver na floresta juntamente com as fadas, e lá ela recebeu destas uma identidade, porém no reino e para a Malévola, ela possuía outra identidade. Desta forma, estas nomenclaturas passam a identificá-la no transcorrer do conto diante dos outros. O artigo tem como propósito descrever a busca pela identidade, sendo esta descrita no momento que a protagonista se identifica consigo mesma, encontrando por si a sua identidade.

No decorrer do artigo, o tema está apresentado de forma dinâmica, pormenorizando as cenas, como também personagens da história e interligando-os com conceitos da abordagem que sustenta todo o corpo do trabalho. Desta forma, o aporte teórico ocorre de maneira simultânea com a análise, para assim possibilitar uma compreensão mais clara do tema para os leitores, consequentemente proporcionando uma leitura deleitável para os mesmos.



SUMÁRIO

O artigo se caracteriza como uma pesquisa básica, por estar aprofundando o conhecimento científico, no que refere-se a análise do filme, por meio de um estudo de caso e revisão bibliográfica. Sendo assim classifica-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória. No que tange ao instrumento de coleta de dados, utilizou-se a observação simples e documental. Desta forma, a análise e interpretação dos dados foram realizados a partir de uma análise de conteúdo (cenas do filme).

A pesquisa está alicerçada em obras que versam sobre os temas abordados, em função de que nas bases de dados apresentadas na metodologia, não foram encontrados artigos que fossem ao encontro dos critérios de inclusão estabelecidos pela pesquisadora, utilizou-se, deste forma de obras e artigos condizentes com a construção do projeto de pesquisa, do artigo em questão.

Neste contexto, entende-se que levantar um novo olhar para o filme 'A bela adormecida' na perspectiva da Gestalt-Terapia, demanda um movimento de relacionar os conceitos da abordagem, assim como compreender que os contos de fadas são repletos de acontecimentos e situações adversas. Estas podem vir a influenciar a vida dos personagens e indiretamente podem ser relacionadas com a vida dos indivíduos em seu cotidiano, sendo possível, desta forma, realizar uma análise de conteúdo, demonstrando a dinamicidade dos conceitos da abordagem utilizada.

Desta forma, os conceitos estão apresentados a partir de personagens do conto de fadas 'A Bela Adormecida'. As fadas demonstram o ajustamento tanto criativos como o ajustamento disfuncional, Malévola e o rei representam os bloqueios de contato; o príncipe corresponde às tomadas de consciência ou ainda a *awareness*. É a partir desses personagens que se pode olhar para Aurora/Rosa e compreender a sua jornada em busca de sua identidade.

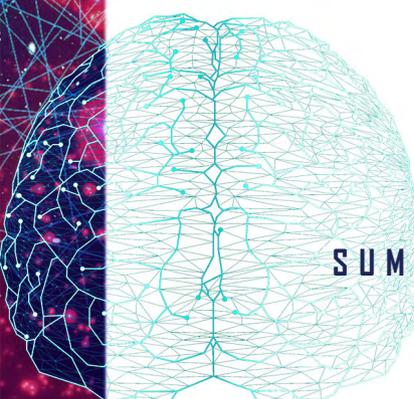


SUMÁRIO

Para tanto, o objetivo volta-se à compreender a história da protagonista do filme 'A Bela Adormecida' por meio da relação que se estabelece com cada personagem e os conceitos da Gestalt-Terapia, trazendo à luz a resignificação da identidade da mesma, afim de responder a uma questão problema: "Como a protagonista do conto 'A Bela Adormecida' resignifica sua identidade sob a perspectiva da Gestalt-terapia?".

Em função da obra se tratar de uma fantasia, buscou-se descrever nos capítulos e subcapítulos o que o conto propõe, indicando o que passa a ser identificável, isto é, a introdução sendo nomeada como 'era uma vez'. No capítulo 'que rumo tomar?!' e subcapítulo 'de que floresta estamos falando?!' descreveu-se o aporte teórico, trazendo à luz os conceitos que vão se desenvolvendo sob o olhar da Gestalt-terapia. Em sequência o subcapítulo seguinte denominado como: 'os resultados dos conselhos dados pelas fadas madrinha', apresenta-se a narrativa do conto juntamente com os conceitos que se interligam com os fragmentos da trama.

No capítulo, 'como fazer a magia acontecer', fica explícito os processos metodológicos utilizados para elaboração do artigo, bem como no subcapítulos 'elementos de um feitiço' está descrita a caracterização da pesquisa. 'A varinha como um instrumento de magia' baseia-se ao instrumento de coleta os dados e 'o pó mágico como ingrediente chave' aponta a análise e interpretação dos mesmos. Sendo então o último capítulo: nomeado como 'o segredo por trás da mágica' um relato das considerações finais.



SUMÁRIO

QUE RUMO TOMAR?!

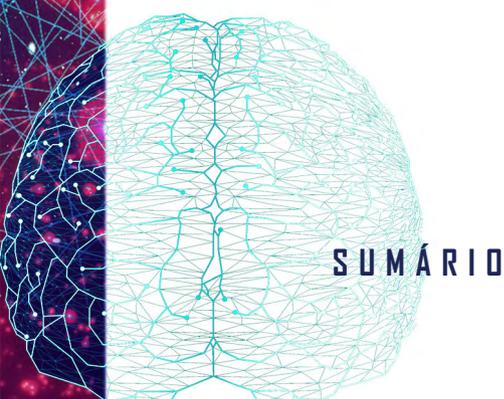
De que floresta estamos falando?!

A Gestalt-terapia é uma das abordagens oriunda da psicologia, que possui uma visão de homem-mundo que visa contribuir para que o sujeito se compreenda. De acordo com Ginger; Ginger (1995), a Gestalt tem a concepção do ser como um todo, e baseia sua percepção para além de um comportamento, concebendo amplamente o contexto e contribuindo assim para que o indivíduo se desenvolva de maneira saudável, indo ao encontro de seu *Self*³.

De acordo com Ribeiro (2016), é por meio do contato que o sujeito chega mais próximo do seu Ser, pois somente assim será capaz de compreender suas escolhas e por fim, alcançar sua totalidade. Compreende-se que o lúdico é uma prática de contato, por vezes utilizadas pela Gestalt-terapia para auxiliar o sujeito em seu processo de encontro consigo. E os contos de fadas, são formas lúdicas de expressar diferentes experiências de contato.

De acordo com Brito (2000), os contos fadas fazem parte de várias culturas à milênios, pois são frutos de histórias narradas em outros tempos. Pensando historicamente, os homens das cavernas contavam sua história com gravuras nas paredes, já nos dias de hoje, autores contam suas histórias na mesma velocidade com que os consumidores leem ou assistem às peças teatrais, sendo um movimento repleto de informações relevantes a serem exploradas.

3 “O *self* é um sistema central, interior, como uma coluna vertebral. É o lugar onde ocorre as emoções, as sensações mais profundas. É o lugar onde sentimos as coisas. É a síntese daquilo em que nos tornamos ao longo da vida. É nossa auto-imagem, é aquilo que sentimos quando dizemos: eu sinto, eu penso. O sentido das coisas e de nós mesmos emana dele. É o retrato que fizemos de nós mesmos” (RIBEIRO, 2007, p. 47).



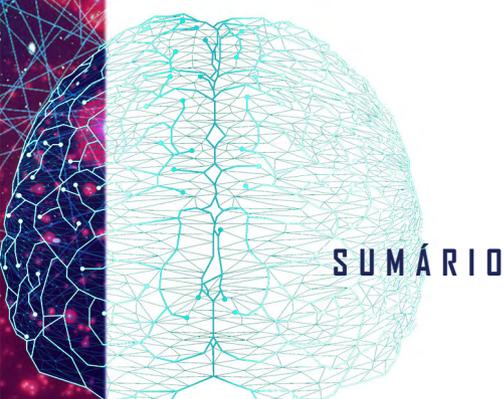
SUMÁRIO

Dentro dos contos infantis, os personagens possuem uma história de vida, tomando decisões e vivendo grandes aventuras. Santos (2011), afirma que os contos de fadas contribuem e auxiliam o indivíduo por meio das tramas apresentadas, na busca de soluções para seus conflitos. Com todos esses acontecimentos, é possível reconhecer a identidade de cada personagem como sendo distinta, a qual pode modificar-se ao longo da dramaturgia, sendo uma recreação criativa da realidade. Assim como nas histórias, as pessoas possuem traços que as tornam únicas, e sua trajetória de vida vai moldando sua identidade.

Bock, Furtado; Teixeira (2008), afirmam que a identidade se dá à partir do momento que os indivíduos se diferenciam uns dos outros, e desta forma seja identificável a diferença existente entre os mesmos. Com isto, percebe-se que a subjetividade é constituída a partir da relação com este mesmo outro. Portanto, identidade não é algo concreto, é subjetivo e mutável (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008), assim, pode-se perceber que os indivíduos estão em constante transformação no decorrer da vida, isto por meio dos papéis que exercem, desenvolvendo suas características, que demonstram sua identidade.

Lago (1996, *apud* MAHEIRIE, 2002), refere-se à identidade ao afirmar que é no contato com o outro que ela se faz, pois é a partir da identidade que se estabelece a consciência da realidade no mundo, assim como a compreensão de si. E assim o sujeito se torna um ser individualizado, por meio da diferenciação em relação ao outro.

Considerando a ideia dos autores de que a identidade é um conjunto de características pessoais de cada indivíduo, que compõem a sua subjetividade, a compreensão dos contos de fadas têm como função, narrar uma história que está permeada de características subjetivas, que se relacionam com a realidade. Valer-se-á da visão da Gestalt-terapia sobre os conceitos de contato, bloqueio de contato,



SUMÁRIO

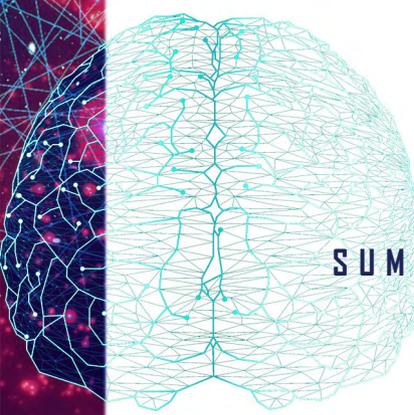
awareness, ajustamento criativo e disfuncional, para possibilitar o desvelamento do conto de fadas aqui apresentado.

Os resultados dos conselhos dados pelas fadas madrinhas

O filme 'A Bela adormecida' discorre sobre a história de uma menina que desde seu nascimento defronta-se 'com' e 'por' sua identidade. Inicialmente na trama a protagonista é apresentada como sendo a princesa Aurora, porém esse nome não a nomeia mais após uma maldição. Aurora é amaldiçoada no dia que celebram o seu nascimento e por esse ocorrido, é levada às pressas para viver escondida em um chalé na floresta.

No início da história, é realizada uma grande festa para comemorar o nascimento da pequena princesa, onde todos do reino são convidados. Entre os convidados há três boas fadas, as quais presenteiam Aurora com o dom da beleza, e o dom de cantar. Porém, Malévola (a fada do mal), chega sem ser convidada e lança um feitiço na princesa. O feitiço profetizava que no décimo sexto aniversário de Aurora ela iria espetar seu dedo em uma roca e morrer. Ao analisar a cena descrita, sobre a ótica da Gestalt-terapia podemos observar a descrição de Frazão e Fukumitsu (2014), no qual afirmam que, na vida humana vivemos em meio a outros, este outro que por vezes nos desafia, limita e impõe. É neste momento de seu nascimento, que Aurora se depara com este 'Outro/Malévola'.

O outro nem sempre se apresenta como uma outra pessoa, este pode ser nós mesmos, e neste sentido, pode-se compreender que por vezes, somos nossa própria prisão. Esta afirmação pode ser compreendida com Ribeiro (2016), que traz à luz o conceito de bloqueio da realidade, ressaltando que isto ocorre quando acabamos não estabelecendo contato com o mundo, bloqueando desta forma o



SUMÁRIO

contato com nós mesmos, posto que neste sentido, impedimos um desenvolvimento de nosso ser.

Vale ressaltar que em se tratar do bloqueio de contato como sendo um elemento da psique, a princesa ao não viver sua história de vida de forma real, se distanciava de si mesma, fruto do feitiço impetrado sobre ela juntamente com a escolha das fadas em não lhe revelar a verdadeira história da maldição, levando-a morar na floresta.

Retornando ao conto, a terceira fada tenta reverter esse feitiço de Malévola, profetizando que Aurora não chegaria a morrer, ela iria entrar em um sono profundo se assim espetasse seu dedo em uma roca, mas afirmou que ao receber um beijo de amor verdadeiro a princesa despertaria. Pode-se perceber então um ajustamento criativo de uma das fadas (Primavera), de modo a pensar em uma possibilidade de reverter o feitiço. De acordo com o autor supracitado, ajustamento criativo é quando o indivíduo encontra uma solução para lidar com um problema, levando em consideração as potencialidades e dificuldades que possam ser encontradas.

Diferente de Primavera, o rei Stefan pai da princesa, corresponde a um dos bloqueios de contato, da menina. Ribeiro (2016), sobreleva que o bloqueio do contato se faz quando o sujeito quer de alguma forma driblar aquilo que aqui-agora não quer lidar. Isto é percebido na atitude do rei, ao ordenar que se queimassem todas as rocas e fusos do reino, pensando então que desta forma o feitiço não fosse se concretizar. A atitude do rei, mesmo sendo um caminho naquele momento, não seria o que romperia a maldição, sendo configurada esta atitude como mais uma forma de bloqueio de contato.

Pensando no que declara Frazão; Fukumitsu (2014), um processo de mudança só acontece quando há movimento ou transformação, podendo ocorrer por meio de um ajustamento criativo. Verifica-se no conto, que a escolha do rei não teria a possibilidade de mudar o rumo



SUMÁRIO

do feitiço, pois ao ordenar que destruíssem todas as rocas, o rei não lidou com a maldição, mas tentou eliminar uma parte do problema, demonstrando um bloqueio de contato. Ribeiro (2016, p. 79), afirma que “A essência do bloqueio é sua consciência administrativa, ou seja, tenho consciência de que a experiência que vivo, aqui-agora, é insuportável, quero me livrar dela e uso meios claros para bloqueá-la”.

Frente a recitação do rei, as três boas fadas então se lançam a pensar sobre como poderiam proteger a menina da maldição que a foi lançada. Pode-se verificar que essas fadas, correspondem aos ajustamentos da princesa, sendo horas criativos e horas disfuncionais. Segundo Frazão; Fukumitsu (2015) o ajustamento criativo pode acabar se tornando disfuncional, na medida em que ao lidar com uma situação problema, o indivíduo não encontra uma solução em si, mas outra forma de interagir que ainda lhe causa sofrimento e dificuldades. Esse movimento pode se repetir até que um ajustamento criativo funcional venha a ocorrer, trazendo o bem estar do sujeito perante a situação vivenciada.

Como em um ajustamento disfuncional, pode-se conceber na ação das fadas, uma tentativa de se adaptar à situação problema, ao dialogar com o rei Stefan sobre a possibilidade de levar Aurora à viver em um chalé na floresta, até completar seus dezesseis anos. Ao aceitar a proposta, o rei demonstra novamente um bloqueio de contato, pois nega a presença da princesa em seu palácio e evita conviver com a ‘filha amaldiçoada’, assim como presenciar o crescimento da mesma e a aproximação de seu aniversário fatídico, como proferido por Malévola. Ribeiro (2016), sobreleva que ao negar a realidade, o sujeito está bloqueando contato consigo mesmo.

No momento em que a princesa parte para a floresta, deixando assim o reino para trás, a mesma passa a ser então nomeada como Rosa, possibilitando a ocorrência de um distanciamento de seu Ser/identidade. Isto torna-se aparente ao relacionar o



SUMÁRIO

nome designado à princesa com a ideia inicial das boas fadas de transformá-la em uma Rosa, compreendendo-se desta maneira que os ajustamentos das fadas se caracterizam como disfuncionais, dificultando o processo de identificação de Aurora. Segundo Ribeiro (2016), o movimento que o sujeito faz de se distanciar da sua identidade, configura uma despersonalização de sua essência. Agora, a menina passa somente a existir.

Ainda levando em conta o autor supracitado, o mesmo estabelece que pode-se compreender existência a partir dos comportamentos de um indivíduo, pois a existência é o seu modo de viver no mundo. Agora nomeada como Rosa a menina passa a viver uma realidade que foi imposta por seus bloqueios, que a apartaram de sua identidade. Ela então é criada por Flora, Fauna e Primavera (as três boas fadas), as quais não utilizaram de sua magia para protegê-la, pois se usassem desta, iriam sinalizar a localização da princesa. Diante disso compreende-se que todas são colocadas a viver fora de sua essência, sendo impelidas a viver somente a existência.

Ao não se utilizar da magia, as fadas não desenvolvem um ajustamento criativo. Percebe-se no enredo do filme, que dentre as três boas fadas, Primavera não queria aceitar esta condição, pois não se via vivendo dezesseis anos cuidando da princesa sem utilizar de sua potencialidade. Nesta cena, destaca-se o aspecto do desconforto de se ver estagnada, pois ao não se mostrarem, (usando de seus poderes) não estabeleceriam em contato com suas habilidades naturais, e conseqüentemente, não teriam consciência do bloqueio que estava acontecendo (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014).

Este 'proteger a princesa', na visão da Gestalt-terapia, pode ser compreendido como uma falta de ajustamento criativo. A forma como as fadas se ajustam não se define como sendo saudável, pois além de levar a princesa a viver na floresta por dezesseis anos sem saber da sua verdadeira história, resolveram não utilizar da magia, caracterizada



SUMÁRIO

pela Gestalt-terapia como sendo suas potencialidades. Desta maneira ao não se ajustarem criativamente, não precisavam estabelecer contato (RIBEIRO, 2016).

D'acri; Lima; Orgler (2012, p. 21), ressaltam que “No ajustamento saudável, a criatividade pode ser entendida como a posse pelo indivíduo da aptidão de se orientar pelas novas exigências das circunstâncias, possibilitando inclusive uma ação transformadora”. Neste caso, não houve essa transformação, mas sim uma estagnação das fadas, que conseqüentemente reflete na história de vida da menina. O referido autor afirma que os ajustamentos podem se cristalizar, assumindo formas alienadas de se relacionar com o presente.

Malévola, a grande manifestação dos bloqueios da menina, busca nesses dezesseis longos anos intensamente encontrá-la, pois não sabendo do paradeiro da princesa o feitiço não seria efetivo. Segundo Ribeiro (2007), é na fronteira de contato que é estabelecido se haverá ou não o contato. Rosa está tão distante de sua realidade e conseqüentemente de sua identidade, que não se torna capaz de visualizar sua fronteira de contato, vivendo somente voltada ao bloqueio. Neste momento no conto, é visível que Rosa se faz distante de sua essência, apenas existindo, não sendo capaz de entrar em contato com sua história de vida, bloqueando a sua identidade.

A fada das trevas (Malévola) ordena que seus súditos busquem pela princesa, e por todo esse tempo que a procuravam, esperavam encontrar por um bebê, imagem a qual demonstra a identidade de Aurora, sendo uma bela pequena princesa. Ao visualizar esta atitude dos súditos, pode-se perceber o que Frazão; Fukumitsu (2014, p. 135) afirmam no qual “A falta de contato com o presente, a não sensação de quem somos, leva à fuga para o passado (pensamentos histórico) ou para o futuro (pensamento antecipatórios)”. Por tanto, ao não saber quem é, o indivíduo inicia uma busca por autoconhecimento, sem saber onde procurar e nem se vai conseguir se encontrar.



SUMÁRIO

Entende-se a partir da ótica da Gestalt-terapia, que este movimento de fuga para o passado, leva o sujeito a não viver o aqui-agora, que de acordo com Ribeiro (2016), significa estar inteiramente presente, fazendo com que existência e a essência do sujeito se tornem coexistentes. A existência da princesa está tão longe de sua essência, que a torna incapaz de identificar tal bloqueio.

Finalmente, o tão esperado dia chega, o décimo sexto aniversário da menina. Flora, Fauna e Primavera, planejam uma festa para comemorar, mesmo nunca tendo feito algo parecido sem utilizar da magia, concordam em assim fazer. Ressalta-se que, ao não utilizar de sua mágica, as fadas continuam se ajustando de maneira disfuncional. Para Frazão; Fukumitsu (2015), o sujeito utiliza de ajustamentos disfuncionais, até ser capaz de se ajustar criativamente.

As fadas, ao desejarem preparar uma surpresa para Rosa, pedem para que ela vá buscar flores na floresta, é neste momento, que Rosa chega perto de sua história ao conhecer o príncipe Phillip, que se casaria com ela quando assim retornasse ao reino, tomando seu lugar como princesa. De acordo com Ribeiro (2016, p. 93) “É do contato consigo mesmo que nascem todas as possibilidades de contato com o mundo”. Neste sentido, Rosa defronta-se com uma parte da sua história, ao encontrar o príncipe, que a possibilita chegar próximo de sua identidade/essência, mesmo não tendo consciência de quem este príncipe seria e da função que este teria em sua existência. Em relação a esta cena, se pode identificar o conceito de contato, que segundo o autor supracitado, é por meio deste que o indivíduo se dá conta da totalidade de sua realidade.

Rosa, busca em um primeiro momento evitar uma proximidade com o príncipe Phillip, por ele ser desconhecido para ela. De acordo com Ribeiro (2016), o bloqueio de contato pode ser considerado um modo de bloquear/evitar a si mesmo. Pensando nesta perspectiva, o bloqueio de contato impede o indivíduo de se autoconhecer. Porém,



SUMÁRIO

Rosa posteriormente confessa que conhecia o Phillip de seus sonhos, o que concebeu uma contiguidade entre eles.

A isso, vale ressaltar o que Perls (1977, p. 109-110) corrobora afirmando que:

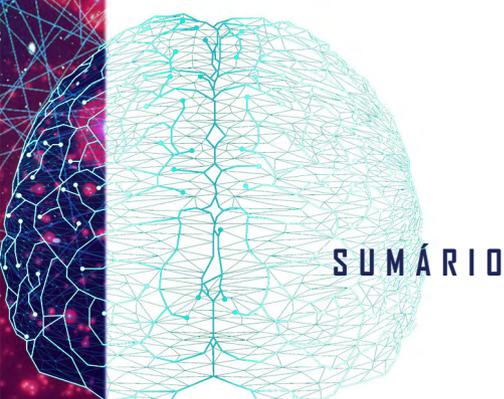
Eu creio que, em sonhos, nós recebemos uma clara mensagem existencial do que está faltando na nossa vida, o que evitamos fazer e viver; e nós temos material de sombra para reassimilar e recuperar as partes alienadas de nós mesmo.

A partir desta afirmação, é possível perceber que uma parte da história da princesa emerge dos conteúdos compostos nos sonhos de Rosa. De acordo com Frazão; Fukumitsu (2015), os sonhos possibilitam um caminho real para a integração do sujeito, oportunizando então que os conteúdos sejam resgatados e neste sentido, ressignificados. Constata-se que o sujeito não possui o controle para eleger os conteúdos emergidos em seu sonho. Este conteúdo é do psíquico, uma produção espontânea, que pode facilitar um movimento para a *awareness* (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015). Compreende-se então, que por um momento, Rosa teve um *insight*⁴ ao encontrar com o príncipe Phillip.

Rosa retorna para o chalé e conta para suas tias, Flora, Fauna e Primavera que ela havia encontrado um príncipe na floresta. As fadas imediatamente não aprovam este encontro e revelam a menina que ela era uma princesa, e já tinha um noivo que à esperava no reino. Ressalta-se que o ajustamento das fadas era disfuncional, pois estava bloqueando uma possível *awareness*⁵ da menina, ao não permitir que o encontro ocorresse, dificultando um insight (RIBEIRO, 2016).

4 De acordo com Cabral e Nick (1996) "Na teoria gestaltista, o insight foi descrito como a súbita ocorrência ou repentino vislumbre (*Ansicht* em alemão) que leva a uma resposta original, isto é, sem base em nenhuma experiência anterior".

5 De acordo com Yontef (1998, p. 215), "*awareness* é uma forma de experienciar; é o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético".



SUMÁRIO

No momento em que as fadas relatam a Rosa que na verdade ela não é apenas uma camponesa, mas sim uma princesa, Malévola é informada do paradeiro da mesma. Nesta cena, observa-se o que afirma Ribeiro (2016), quando corrobora que o sujeito, ao entrar em contato e tomar consciência da sua demanda, se torna capaz de fazer o movimento e de dar-se conta de seus bloqueios. Rosa ao confrontar-se com esta situação, fica novamente vulnerável aos seus bloqueios, os quais podem ser visualizados a partir da manifestação dos poderes de Malévola.

Como anunciado pelas três boas fadas, a menina retorna ao reino para assumir seu trono e casar-se com o príncipe, que ela não sabe ser Phillip. É no momento que as fadas deixam Rosa sozinha no quarto, por conta de sua tristeza, que Malévola então consegue pôr seu feitiço em prática. Pode-se perceber que a princesa ao ser enfeitiçada, cessa instantaneamente de chorar, bloqueando contato com o que estava sentindo. Conforme Ribeiro (2016), o sujeito ao bloquear contato, por vezes está se autorregulando. O que no filme acontece à partir do momento em que o choro de Rosa finda.

Porém as três boas fadas, símbolo dos ajustamentos da princesa, vão em busca da menina, pedindo para que ela não encostasse em nada, e este pedido fez com que cessasse por um instante com o feitiço. Como percebido, as fadas têm o papel de ajustamentos criativos da princesa e os ajustamentos tem a função de fazer o sujeito entrar em contato (RIBEIRO, 2016), ou seja, a princesa naquele momento teve uma tomada de consciência de seu bloqueio. Contudo, Malévola emitiu seu pedido mais alto e claro, ordenando que Rosa tocasse a roca, e assim o feitiço se concretiza.

É neste ocorrido, que percebemos claramente o bloqueio da princesa na atitude de Malévola. Como afirma Ribeiro (2016) o bloqueio de contato tem como função fazer com que o sujeito não entre em contato, desta forma não se responsabilizando por suas escolhas.



SUMÁRIO

Como proferido por Primavera, a princesa entrou em um sono profundo, e as fadas ao perceberem que o reino se entristeceria, colocaram todos para dormir, e assim ficariam até que a princesa despertasse. Flora, então escuta que o príncipe Phillip havia se apaixonado por uma camponesa, e a partir deste momento ela toma consciência de que o príncipe era o mesmo homem pelo qual Rosa havia se apaixonado na floresta. As fadas, logo saem em busca do príncipe, para poder quebrar a maldição, e finalmente realizam um ajustamento funcional, permitindo o contato necessário para ressignificação da identidade da princesa (RIBEIRO, 2016).

Malévola, para impedir que seu feitiço fosse interrompido, captura o príncipe Phillip. Frazão; Fukumitsu (2014) salientam que o sujeito utiliza da fuga, para não ter que enfrentar a fronteira de contato, que é onde o contato se estabelece. Ou seja, é nesta cena que se visualiza o bloqueio de contato de forma integralizada, pois para que o feitiço continuasse ocorrendo o príncipe deveria estar muito longe da princesa.

As fadas então seguem Malévola, para que assim possam encontrar o príncipe e desfazer o feitiço. Nesta cena, diversas representações podem ser verificadas. Malévola como o bloqueio de contato, as fadas como a representação do contato e o príncipe como a futura *awareness* da princesa. Desta forma, pode-se compreender o que afirma Ribeiro (2016), quando expressa que o sujeito utiliza do bloqueio de contato como uma forma de suportar a realidade, porém ao tomar consciência de suas demandas, pode ajustar-se criativamente, mudando sua forma de agir e pensar, e até mesmo, alcançar uma *awareness*. Isto é percebido na busca das fadas pelo príncipe, que representa a tomada de consciência/*awareness* da princesa.

Ao encontrar Phillip, Flora relata que a estrada do amor verdadeiro esconde muitos perigos, e lhe entrega o escudo da virtude e espada da verdade. Neste momento a fada auxilia o príncipe a se armar para triunfar sobre o mal. De acordo com Frazão; Fukumitsu



SUMÁRIO

(2014), o contato que o sujeito faz com o outro/com o mundo pode lhe causar dor, porém é esta dor que faz com que o mesmo cresça e assim alcance a liberdade. Ou seja, o príncipe ao aceitar, mesmo com dificuldades salvar a princesa desse sono profundo, deixa explícito que entra em contato, e dá-se conta dos desafios que encontrará.

É nesta jornada que o príncipe enfrenta diversos contratempos. O primeiro é de se libertar do calabouço onde estava aprisionado. Em seguida, enfrenta os súditos de Malévola, até conseguir fugir à cavalo dos domínios do mal. Ao chegar ao reino, se depara com uma muralha de espinhos, que se encontra ao redor de todo o castelo, o qual consegue passar com os cortes feitos com a sua espada da verdade.

Malévola então, se torna um dragão, o qual ele terá que enfrentar para poder ver a princesa. Nestas cenas, percebe-se os obstáculos impostos pelo bloqueio. Porém, o príncipe consegue com a espada da verdade acertar o coração do dragão, fazendo com que o mal se desfaça e assim o bem triunfe. Ocorre então a quebra desses bloqueios, pois ao enfrentar os perigos estabelecidos na fronteira o indivíduo é capaz de estabelecer contato, possibilitando assim a tomada de consciência. “Denominamos de fronteira de contato o “locus” do contato, onde organismo e ambiente interagem” (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014, p. 49).

Conforme Frazão; Fukumitsu (2014, p.49) o “Crescimento e desenvolvimento implicam trocas entre o indivíduo e seu meio, surgindo por meio dessas trocas a possibilidade de entrar em contato com o novo e com o diferente”. Ou seja, com esta vitória, o reino retorna a ser belo, sem obstáculos, facilitando assim a entrada do príncipe no castelo e conseqüentemente a conquista do tão desejado despertar da princesa com um beijo de amor, fazendo com que todo reino acorde também, já que todos estavam em sono profundo, assim como a princesa. Compreende-se que o beijo de amor do príncipe é o estabelecimento do contato, sendo assim, o resultado deste beijo/



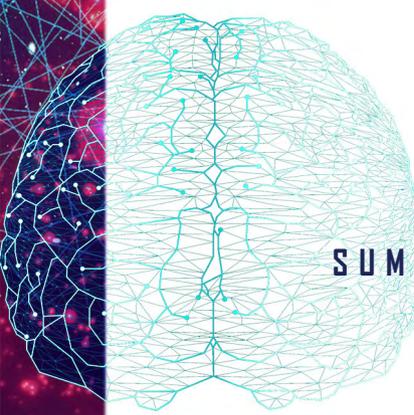
SUMÁRIO

contato fez com que a princesa despertasse e conseqüentemente todo o reino. Percebe-se que desta forma, o contato possibilitou uma grande tomada de consciência, ou seja, uma *awareness* (RIBEIRO, 2016).

É possível perceber que no final do filme, Flora e Primavera (duas das três boas fadas) ficam trocando a cor do vestido da menina, entre rosa e azul. Percebe-se desta forma, que hora é Aurora e hora é Rosa, porém a identidade se vê na representação que ela tem de sua essência, não deixando de ser Rosa, mas se transformando/constituindo-se a partir desta experiência.

Neste íterim, pode-se perceber os conceitos psicológicos no que tange a constituição do sujeito, que de acordo Maheirie (2002), a identidade se faz por meio das relações de passado, presente e futuro do próprio sujeito, isto é, na relação existencial e essencial permeada de sua historicidade vivencial. A autora ressalta sobretudo que, “Por meio destas questões, podemos afirmar que o sujeito, ou a identidade, são construídos por oposições, conflitos e negociações, sendo constantemente inventada por estes sujeitos, em um processo aberto, nunca acabado” (MAHEIRIE, 2002, p. 39).

Compreende-se todavia, que é na relação do sujeito com seu meio que sua essência se constitui. Segundo Ribeiro (2016, p. 117) “Tomar consciência da própria existência é tomá-la, de novo, pelas mãos e vislumbrar o caminho de volta à própria essência, única realidade que pode ressignificar a vida”. Percebe-se isto, ao refletir sobre a história de Aurora, a qual demonstra que diante de tanta fuga e desafios, ao entrar em contato com o que somos e com aquilo que os outros fizeram de nós, compreendemo-nos, encontrando então em nossa incessável busca a identidade.



SUMÁRIO

COMO FAZER A MAGIA ACONTECER

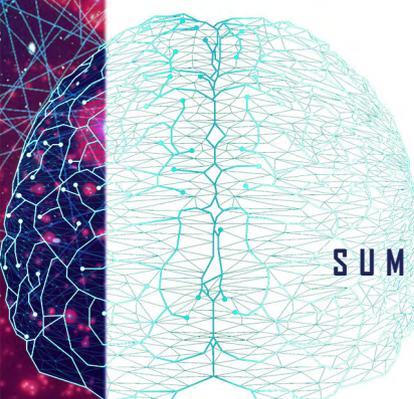
Elementos de um feitiço

Esta pesquisa se classifica como sendo básica, pois não possui nenhum interesse em desenvolver novos processos ou produtos para comercializar no mercado. De acordo com Gobbo (2017), a pesquisa básica tem por intuito utilizar o conhecimento científico, e desta forma, obter clareza sobre o tema a ser pesquisado.

Quanto à caracterização, a mesma configura-se como um estudo de caso e uma revisão bibliográfica, método no qual irá colaborar e embasar as análises de resultados, das cenas e personagens do filme em questão. Conforme Gil (2010), o estudo de caso é um tipo de pesquisa que demanda um tempo maior para ser realizado e o pesquisador não possui muito controle sobre o fenômeno. A revisão bibliográfica tem como proposta reunir informações, buscando esclarecer o fenômeno que está sendo pesquisado.

O filme, traz uma bagagem de conteúdos imersos nas cenas apresentadas, assim como também na constituição dos próprios personagens. Os fenômenos podem ser analisados de maneiras diversas, e neste caso, busca-se o aporte da Gestalt-terapia para a compreensão e elucidação dos mesmos.

A presente pesquisa classifica-se como qualitativa e exploratória, pois não são elencados dados de maneira a quantificar, que de acordo com Gil (2010), tem como propósito explorar um determinado tema, para torná-lo assim mais conhecido, de modo a aproximar a temática com a realidade dos indivíduos.



S U M Á R I O

A varinha como um instrumento de magia

Quanto ao instrumento de coleta de dados, a pesquisa pode ser classificada como documental, que segundo Gobbo (2017), utiliza-se de documentos que contenham informações que não foram analisados. Estes documentos podem ser escritos (Ex: cartas) e não escritos (Ex: filmes). As cenas do filme 'A Bela Adormecida' foram observadas, coletadas e conseqüentemente analisadas.

Tal pesquisa tem como instrumento de coleta de dados a observação simples, que consiste em uma observação sem questionários ou técnicas de intervenção para a coleta de dados. O pesquisador recolhe as informações sem interferir no campo que o fenômeno acontece (GOBBO, 2017), ou seja, o fenômeno em questão está acontecendo no enredo do filme, porém por se tratar de uma obra a mesma se configura como fechada e não interativa.

Por ser bibliográfico, este artigo utilizou-se de pesquisas já publicadas abordando o tema em questão (GOBBO, 2017). Os resultados obtidos estão apresentados de acordo com as pesquisas realizadas nas plataformas científicas Scielo, CAPES Periódicos, BVS Brasil, IGT na Rede e EBESCO HOST, de modo a elucidar o que se propunha, e assim responder ao problema de pesquisa, como seus objetivos.

Atem-se que para a coleta de dados, foram pesquisadas as seguintes palavras chaves: contos de fadas, gestalt-terapia, identidade e constituição do sujeito. As mesmas foram pesquisadas de forma individual, entre aspas e em pares, para filtrar artigos relacionados com o tema em questão.

Diante destes critérios de inclusão, na plataforma Scielo obteve-se cinco mil, quatrocentos e cinquenta e três (5.453) artigos; seguindo para o CAPES Periódicos adquiriu-se vinte quatro mil, duzentos e



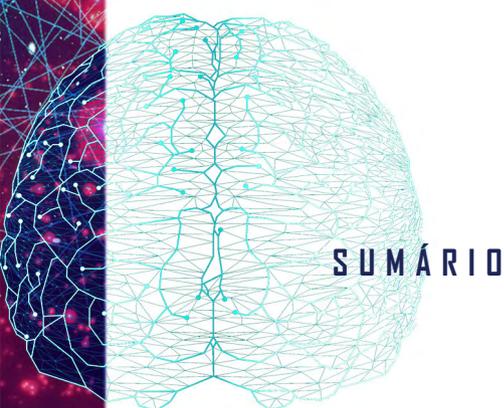
SUMÁRIO

noventa (24.290) artigos; na BVS Brasil chegou-se a cinquenta mil, trezentos e dezenove (50.319) artigos; na IGT na Rede se alcançou um (1) artigo, já na plataforma EBESCO HOST a busca atingiu seis mil e oitocentos (6.800) artigos. Pode-se observar que a base de dados que mais angariou artigos de acordo com o tema, foi a BVS Brasil e que ao agrupar os artigos encontrados, estipulou-se como critério de inclusão os artigos publicados de 2000 até 2019, obtendo um total de oitenta e seis mil, oitocentos e sessenta e três (86.863) artigos.

Posteriormente foram aplicados os critérios de exclusão, sendo estes: artigos de outros saberes; títulos que não possuem ligação com o tema pesquisado; artigos que não constam as palavras chaves indicadas nos critérios de inclusão; artigos em outras línguas (que não sejam em português) e artigos repetidos (os quais constam em mais de uma fonte de pesquisa).

De acordo com estes critérios de exclusão, os resultados em cada uma das plataformas de pesquisa pode ser detalhado, sendo assim restou-se na Scielo duzentas e oitenta e quatro (284) artigos; no CAPES Periódicos mil, setecentos e quatro (1.704) artigos; na BVS Brasil cento e quatro (104) artigos; na IGT na Rede continuou-se com uma (1) artigo e na EBESCO HOST cento e sessenta e nove (169) artigos. Restando de uma forma geral, após este filtro dois mil duzentos e sessenta e dois (2.262) artigos.

Então realizou-se a leitura dos resumos destes restantes, para averiguar se os mesmos seriam utilizados, após a leitura, três (3) artigos foram classificadas, sendo estes resultantes da plataforma de pesquisa CAPES Periódicos. A partir disso, ocorreu a leitura literal dos mesmos. Nenhum foi selecionado para contemplar o presente trabalho em função da não correlação direta com a abordagem temática, por consequência destes resultados, foi necessário a utilização de obras de autores renomados, independente do ano de publicação, como aporte teórico do presente artigo.



SUMÁRIO

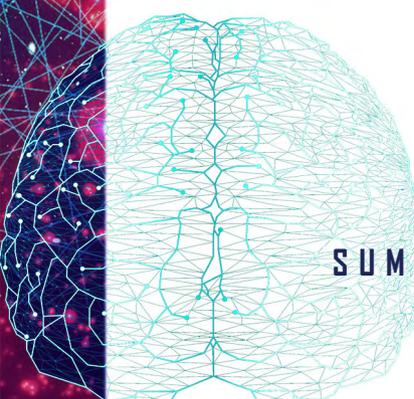
O pó mágico como ingrediente chave

A pesquisa conta com a análise de conteúdo para investigar e interpretar os dados levantados. De acordo com Gobbo (2017), este tipo de análise, tem como ponto central os dados qualitativos, podendo então analisar uma palavra, parágrafo ou um texto inteiro. Foram selecionadas algumas cenas do conto de fadas 'A Bela Adormecida' que contribuíram para a resolução da questão problema de pesquisa. Desta forma, a dramaturgia do conto possibilitou o emergir de conteúdos que embasaram a análise da pesquisa. As cenas foram selecionadas, a partir do tema norteador do artigo, sendo este a identidade e constituição do sujeito, demonstrando a relação dos acontecimentos da trama, com os fenômenos da realidade na subjetividade da história de vida do sujeito em questão, no caso a protagonista do filme.

O SEGREDO POR TRÁS DA MÁGICA

A pesquisa proporcionou por meio das cenas do filme, a identificação de um processo de significação de identidade, neste caso da protagonista do conto Aurora e ou Rosa. Isto foi possível por meio do movimento de relacionar as cenas selecionadas com os conceitos da Gestalt-terapia. Desta forma, torna-se plausível analisar como a identidade da Princesa Aurora se estabeleceu, compreendendo assim quais os conceitos que norteiam e viabilizaram este processo da constituição do Ser (sujeito).

É percebido que a identidade não é algo estável e estático, mas sim mutável e composta por partes. Pode-se então afirmar, que é no momento que ocorre uma integração das partes, que temos o



SUMÁRIO

todo, ressaltando que cada parte tem seu significado e sua relevância. Compreende-se a partir de Ribeiro (2016, p. 156), que “Parte-todo é a relação existencial que revela a totalidade como uma unidade de sentido. De algum modo, desaparecem as partes e o todo se torna objeto para a consciência”. Em relação às potencialidades da protagonista do filme, percebe-se que tudo isto compõe a identidade. Afirmamos desta forma, que a identidade pode ser compreendida como sendo o resultado da integração das partes.

A identidade se dá a partir da tomada de consciência da integração dessas partes que constituem o sujeito, partes estas que demandam serem vistas como um todo. Pois é a soma de cada parte da protagonista, que foi associada, trabalhada, vivenciada, transformada e experienciada que pode-se visualizar a sustentação e constituição da identidade da mesma.

No enredo do filme, observamos estas partes de um todo como sendo representadas pelo movimento dos personagens, que auxiliam a protagonista em seu processo de busca por uma integração de sua identidade. Ressalta-se todavia, que a protagonista do conto ressignifica sua identidade a partir da integração de suas partes. Torna-se imperioso compreender que quando nos referimos à identidade, para a Gestalt-terapia estamos declarando a integralidade ou a integração do Id, Ego e Personalidade componentes integrantes desta estrutura-personalidade.

De acordo com a referida teoria é possível afirmar que o sujeito não se constitui se não for capaz de integrar o seu id, ego e personalidade, pois essas são as partes que o constitui. Ou seja, a integralização do indivíduo, só acontece quando o mesmo é capacitado para complementar sua personalidade, e para isso deve ser capaz de ter consciência de suas partes, agindo e interagindo em seu todo, e não de forma isolada (parte a parte).



SUMÁRIO

O filme mostra em determinadas cenas o desenvolvimento da integração da protagonista do conto. Tudo acontece por meio da tomada de consciência, quando a identidade da mesma é assimilada, integrada, experienciada e percebida por meio da relação com o experienciar de cada um desses personagens, que constituem o Ser da princesa.

Pode-se perceber que a constituição do sujeito se dá à partir do momento em que ele entra em contato com a realidade, se dissociando dessa forma do outro, ou seja, é na relação com o outro que ele é capaz de entrar em contato com o seu Si Mesmo, sendo este um processo condicional para o sujeito que busca a integração de sua identidade.

A relevância desse estudo apresenta-se em função deste tema contribuir de forma significativa para o esclarecimento deste conceito em psicologia, e conseqüentemente para munir os profissionais de conhecimento e significação de modo a ter uma atuação mais ética.

Ao eleger e descrever a respeito do tema, foi possível perceber que ao relatar sobre identidade, estou me referindo a mim mesma, pois como já ressaltado, cada indivíduo tem seu processo, e é por meio deste que a tomada de consciência é possível, caracterizado assim o início de uma nova constituição de sujeito. Ao refletir sobre o meu processo terapêutico, a demanda de estabelecimento de identidade se fez presente em muitos momentos e se tornou constante e visível na transformação de meu Ser, já que foram diversas as situações pelas quais foi necessário a tomada de consciência quanto às escolhas. Quando estas foram realizadas o movimento ao encontro do *self* foi dinâmico e natural.

O tema tem relevância para mim, como acadêmica e como Ser, pois está aqui descrito um processo, o qual se mostra entrelaçado com meu, estando desta maneira relacionado com minha busca pela identidade e conseqüentemente com a constituição como



SUMÁRIO

pessoa, como acadêmica e também futura profissional. Refletindo sobre isso, são dois papéis que exerço (sendo eles de acadêmica e futura profissional) que me definem, estando inteiramente ligados a minha identidade.

Diante da pesquisa como um todo, a mesma mostrou fortalezas e fragilidades, e neste sentido, ressalta-se que as bases de dados utilizadas não possuíam material que fossem capazes de aportar tal tema na visão da Gestalt-terapia. Frente a isto, a pesquisa se alicerça em autores que de uma forma ou outra se mostraram relevantes em função de suas contribuições para a sustentação teórica e análise científica.

Partindo deste contexto, ressalta-se a imperiosa publicação constante de materiais que versam sobre os temas estudados nesta pesquisa, de modo a possibilitar que futuros trabalhos sejam regados de múltiplas possibilidades de materiais.

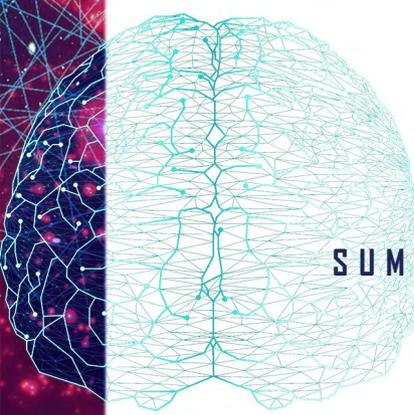
REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 368 p.

BRITO, Carlos Alberto. *Ressignificando o uso do conto de fadas na clínica com crianças: do símbolo ao significante*. São Paulo: PUC. 2000. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12003/1/Carlos%20Alberto%20Brito.pdf>>. Acesso em: 18 Mar. 2019.

CABRAL, Alvaro; NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila (Ed.). *Dicionário de Gestalt-terapia: "gestaltês"*. São Paulo (SP): Summus Editorial, 2012.



SUMÁRIO

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia*. São Paulo (SP): Summus Editorial, 2015.

_____. *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. São Paulo (SP): Summus Editorial, 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. *Gestalt: uma terapia do contato*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995. 270 p.

GOBBO, André. Ciência e metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Balneário Camboriú (SC): *Faculdade Avantis*. 2017. 192 p.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. São Paulo: *Interações*, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>>. Acesso em: 29 Mar. 2019.

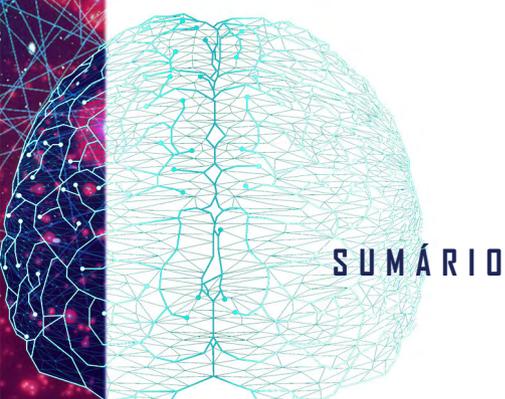
PERLS, Frederick S. *Gestalt-terapia explicada*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1977. 371 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato: Temas básicos na abordagem gestáltica*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007. 120 p.

_____. *Vade-mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

SANTOS, Suzana Maria Ortiz dos. *Os contos de fadas e o processo de individuação das crianças*. 2011. 133 f. Especialização (Arteterapia) - ISEPE, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/oscontosdefadaseoprocessodeindividuaao.pdf>>. Acesso em: 27 Mar. 2019.

YONTEF, Gary M. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. São Paulo (SP): Summus Editorial, 1998.



SUMÁRIO

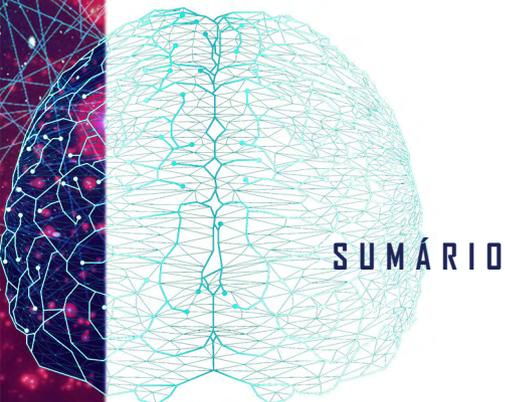
7

Tiago Boing

Simoni Urnau Bonfiglio

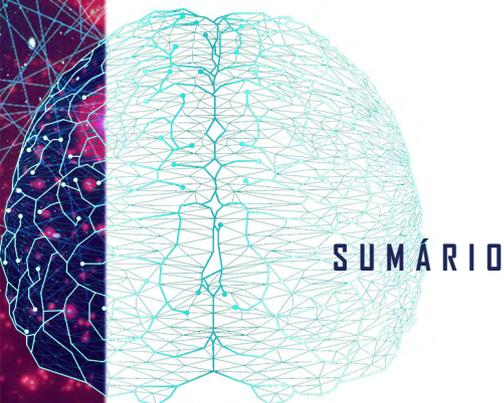
ESPIRITUALIDADE MUITO ALÉM DE UMA CRENÇA: OLHANDO O MUNDO INTERNO NA PERSPECTIVA DA GESTALT

**SPIRITUALITY BEYOND BELIEF: LOOKING AT THE
INNER WORLD FROM THE GESTALT PERSPECTIVE**



RESUMO: As questões à respeito da espiritualidade, sempre inquietaram demasiadamente a humanidade e diversas áreas do conhecimento. Por conta disso, este artigo tem como intuito descrever e elucidar o conceito de espiritualidade e como a mesma, pode contribuir para a constituição do sujeito no mundo. A pesquisa conta com a perspectiva da Psicologia da Gestalt, como a abordagem psicológica norteadora, auxiliando na construção do aporte teórico. O estudo possui um olhar qualitativo e exploratório, buscando utilizar da coleta de dados e revisão bibliográfica, para elucidar o tema central, esclarecendo desta maneira como a espiritualidade sob a ótica da Gestalt pode contribuir na constituição do sujeito. Diante a metodologia, utiliza-se uma abordagem qualitativa e quanto ao objetivo, pode ser considerada exploratória. O procedimento técnico da pesquisa é bibliográfico, fazendo uso do aporte teórico de diversos autores para desvelar um determinado fenômeno, reunindo o máximo de informações relevantes, por meio de obras, artigos, monografias e materiais científicos em geral. Ao descrever à respeito do tema, é possível compreender a dissemelhança entre religião, religiosidade e espiritualidade, esta última sendo abarcada como uma experiência de transcendência, partindo da interiorização de respostas específicas, que dá sentido à vida, não sendo relacionado necessariamente com figuras divinas. Pôde-se todavia compreender que o indivíduo ao assimilar sua espiritualidade agrega um significado para a sua vida, demonstrando pensamentos e ações mais fluidas, interferindo desta forma em sua constituição de sujeito, sendo um ser que age conforme sua essência.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade. Gestalt. Constituição do sujeito.



SUMÁRIO

ABSTRACT: Questions about spirituality have always troubled humanity and many areas of knowledge. Because of this, this article aims to describe and elucidate the concept of spirituality and how it can contribute to the constitution of the subject in the world. The research counts on the Gestalt Psychology perspective, as the guiding psychological approach, helping in the construction of the theoretical framework. The study has a qualitative and exploratory look, seeking to use data collection and literature review, to elucidate the central theme, thus clarifying how spirituality from the perspective of Gestalt can contribute to the constitution of the subject. Given the methodology, a qualitative approach is used and as to the objective, it can be considered exploratory. The technical procedure of the research is bibliographic, making use of the theoretical support of several authors to unveil a certain phenomenon, gathering as much relevant information through works, articles, monographs and scientific materials in general. By describing on the subject, it is possible to understand the difference of religion, religiosity and spirituality, the latter being seen as an experience of transcendence, starting from the interiorization of specific answers, which gives meaning to life, not necessarily being related to divine figures. It can then be understood that the individual assimilating his spirituality adds meaning to their life, demonstrating more fluid thoughts and actions, thus interfering in their constitution of subject, being a being that acts according to its essence.

KEYWORDS: Spirituality. Gestalt. Constitution of the subject.

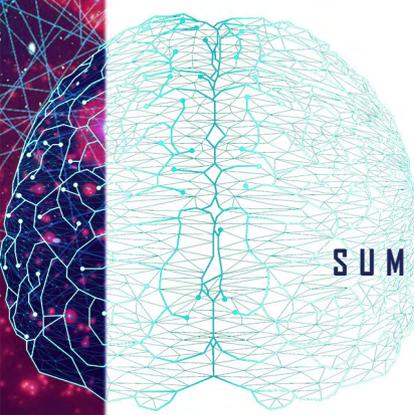
INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta, descrever e elucidar à respeito do conceito de espiritualidade, e como a mesma, pode contribuir para a constituição do sujeito no mundo, levando em conta a ótica da Psicologia da Gestalt, como a abordagem psicológica norteadora de pesquisa. O trabalho se destina a todos aqueles que se mostram instigados sobre o tema, assim como para aqueles que possuem interesse pela teoria da Psicologia da Gestalt no intuito de compreender seus conceitos e inter-relações.

Quanto à classificação esta pesquisa, possui cunho qualitativo e exploratório, buscando por meio da coleta de dados e revisão bibliográfica, elucidar seu tema central, tendo assim a proposta de relacionar a visão dos autores que abordam o tema descrito ao decorrer do artigo respondendo ao objetivo central, que está pautado em esclarecer como a espiritualidade sob a ótica da Psicologia da Gestalt pode auxiliar no desenvolvimento pessoal do sujeito sendo um propositor da ação experiencial do sujeito.

A fim de alcançar o objetivo, os seguintes passos foram estabelecidos, sendo estes: definir o que é espiritualidade e suas intersecções; descrever os conceitos da Psicologia da Gestalt que permeiam a espiritualidade e assim analisar a influência desta para a constituição do indivíduo no mundo.

Compreende-se que o ser humano está em uma constante busca, afim de adaptar sua existência se voltando para sua essência, aliviando-se assim, das mais diversas formas de sofrimento. Este artigo traz a espiritualidade como um meio que auxilia o indivíduo neste processo de busca, porém à muito a ser percorrido para ter uma clara compreensão desse fenômeno. Desta forma, entende-



SUMÁRIO

se a necessidade de aprofundar cada vez mais este fenômeno, que denominamos como espiritualidade.

Por meio da pesquisa bibliográfica foi possível elucidar o conceito de espiritualidade, relacionando-o com a Gestalt. Sendo assim, é importante evidenciar como essa abordagem psicológica, pode ser apropriada nos mais diversos assuntos que permeiam a psique humana, proporcionando um olhar para a espiritualidade, como um mecanismo potencializador da qualidade de vida do sujeito.

Neste sentido, a mesma tem sua relevância, devido ao seu objetivo estar voltado a compreender como a espiritualidade sob a ótica da Psicologia da Gestalt, pode contribuir para a constituição do sujeito no mundo. O presente trabalho busca elucidar sobre o tema ao mundo acadêmico assim como aos leitores a ressignificar seus conceitos sobre a espiritualidade, religiosidade e religião, conceitos articulados ao decorrer do corpo do artigo.

É possível compreender que, como futuro profissional, creio ser fundamental possuir o entendimento claro à respeito desse fenômeno, pois observa-se no decorrer do trabalho, que o conceito de espiritualidade é um tema pouco discutido teoricamente. Será elucidado como a espiritualidade auxilia no processo de desenvolvimento do sujeito, pensando desta forma, torna-se imperioso que o psicoterapeuta trabalhe esta questão em seu processo, para que possa ser capaz de contribuir com os indivíduos que buscam pela mesma demanda.

Ao tocar em uma alma humana, o psicólogo tem que estar preparado para se deparar com as mais variáveis situações. Para que isso ocorra, deve-se dar conta que por vezes, este profissional para ser instrumento potencializador da qualidade de vida, demanda ter vivenciado seu próprio processo terapêutico, e por conseguinte ter de alguma forma, ultrapassado suas indagações para estar preparado para enfrentamento das diligências alheias. Compreende-se ademais



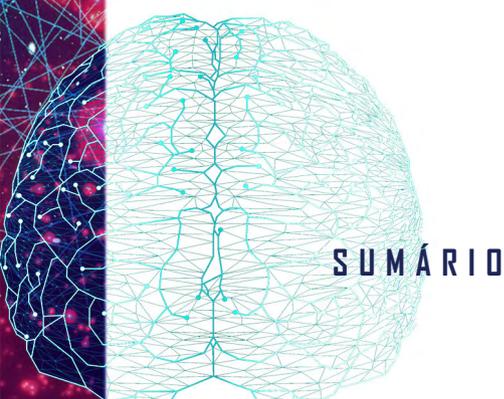
SUMÁRIO

que, ao nos referir à respeito da espiritualidade, também estamos tratando de *Self*⁶.

A RIQUEZA BIBLIOGRÁFICA POR TRÁS DA ESPIRITUALIDADE

Percebe-se que o termo espiritualidade está relacionado a experiência de cada indivíduo, fazendo ligação com conceitos positivos da Psicologia, como amor, esperança, relações, valores e conexões. Essa experiência pode gerar um sentimento de estar em contato com o universo, de pertencer e respeitar a um todo maior, até mesmo o modo de encontrar um propósito e sentido de vida para o sujeito (SILVA et al., 2016; CAMPOS; RIBEIRO, 2017).

Deste modo, a espiritualidade estabelece uma dimensão interna e universal do ser humano, auxiliando na busca por propósitos e significados de questões essenciais na vida do sujeito, não sendo necessário uma ligação com alguma religião ou doutrina, sendo que, a mesma propõe uma conexão consigo mesmo, com o mundo, com o outro e com o transcendente. É o aspecto que o indivíduo manifesta o sentido, significado ou razão de viver (ROCHA et al., 2018). Neste mesmo contexto, segundo Frazão; Fukumitsu (2015, p. 69) “a espiritualidade, então, é a possibilidade de o ser humano integrar a dimensão transcendente e viver o mistério, transcendendo a si mesmo”. Neste sentido a espiritualidade vem como uma possibilidade de evolução individual, adaptando o modo de ser e agir de quem integra essa dimensão.



SUMÁRIO

⁶ *Self* é uma estrutura cujo processo pretende revelar o íntimo funcionamento da personalidade ou da pessoa. É também um processo na e da pessoa, que indica um jeito peculiar e restrito de funcionar da personalidade (RIBEIRO, 2016, p. 170).

Por muito tempo, a ciência e a espiritualidade foram vistas como áreas distintas, que não poderiam de forma alguma, percorrer juntas um mesmo caminho, de modo a proporcionar um melhor entendimento entre ambas, apesar das pesquisas racionalistas e mecanicistas, atualmente já conceberem tal aproximação. Para esclarecer o conceito de espiritualidade, é importante diferenciá-lo do conceito de religião e religiosidade, já que são fenômenos que por diversas vezes, são tidos como sinônimos (DE FREITAS MELO, 2015).

Neste entendimento, compreende-se que entre a espiritualidade e religião há algumas divergências, visto que a religião demonstra ser um conceito mais ligado à organização, com práticas, rituais e crenças que podem coadjuvar para o contato do sujeito com o transcendente. A religião faz parte da experiência humana e possui leis próprias em cada esfera, sendo estas diferentes da física ou química que são universais, atribuindo um entendimento específico, com um conhecimento aprofundado, nas quais suas regras podem ser verificadas (NASCIMENTO; HOLANDA, 2018; CAMPOS; RIBEIRO, 2017). “As religiões de forma geral se organizam com base em um místico cujas experiências são organizadas e transmitidas ao longo das gerações” (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015, p. 70), sendo assim repassam seus ensinamentos tendo como base uma figura, que representa sua crença no divino ou sagrado.

Para melhor compreensão, é importante ressaltar que às religiões mostram-se regadas de conhecimentos passados ao longo de gerações, com símbolos, condutas e dogmas, tendo como base um sujeito místico, que vivência e relata suas experiências. Às figuras de Moisés, Jesus Cristo, Sidarta Gautama e Maomé, são exemplos de notoriedades que repassaram seus ensinamentos e a partir disto, a criação de algumas religiões foi possível, como o judaísmo, cristianismo, budismo e islamismo (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015).



SUMÁRIO

Por assim dizer, às religiões possuem uma ênfase em seus ensinamentos, conforme a referência de vivência que possuem como base: No judaísmo a partir da experiência de Moisés, dando ênfase no sagrado e na ética; O cristianismo, tendo como representante Jesus Cristo, o qual coloca sua atenção no sagrado e no amor; O budismo com Sidarta Gautama como referência, destaca o sagrado e o desapego; e por fim o islamismo com a visão de Maomé, tendo sua ênfase no sagrado e no serviço (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015).

No que se refere a religião, é importante que o sujeito reflita à respeito do significado da mesma para si, tendo em vista suas crenças e necessidades, pois da mesma forma que a religião pode ser positiva na vida das pessoas, também pode representar um empecilho para a evolução pessoal. Esse processo depende de como o sujeito faz uso da religião em sua vida (HENNING-GERONASSO; MORÉ, 2015).

Para elucidar essa afirmação de Henning-Geronasso; Moré (2015), quanto aos aspectos negativos ou positivos da religião, os autores se alicerçam em um exemplo, ao pensar em determinadas religiões. Um relacionamento homossexual é inconcebível, um indivíduo que está inserido neste contexto e esconde sua sexualidade, está propenso a passar por sofrimento e uma estagnação no seu desenvolvimento pessoal, a fim de se enquadrar no grupo. Porém, alguém que está inserido em uma religião, e que possui aspectos pessoais similares aos ensinamentos transmitidos, passa a ser capaz de usufruir deste contexto para progredir pessoalmente.

Partindo desse pressuposto, é possível compreender os aspectos que envolvem o conceito de religião e também espiritualidade. Com base nesta compreensão, existe a possibilidade de diferenciá-los. A religião sendo definida pelas práticas religiosas, transmitidas no decorrer dos anos, por meio de costumes e rituais específicos e o hábito de frequentar templos ou igrejas, já a espiritualidade é entendida como uma experiência individual, que permite ao sujeito atribuir um



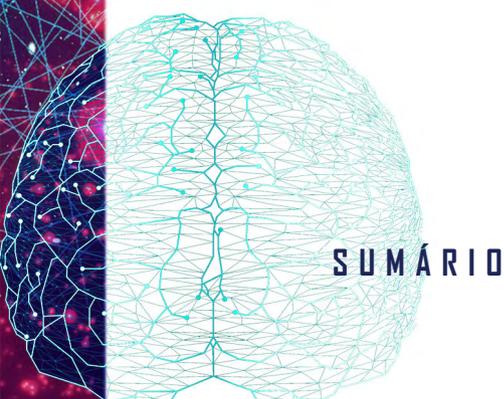
SUMÁRIO

propósito a sua vida e transcender, sem necessariamente fazer ligação com um ser divino (PANITZ et al., 2018).

Como já ressaltado, há três conceitos que por vezes são compreendidos como sinônimos, desta forma, será descrito então a distinção entre a religião e o terceiro conceito, a religiosidade. É possível verificar que, a religiosidade é a experiência única do sujeito com um ser divino, já a religião engloba conhecimentos coletivos, que são repassados de geração em geração. Desta maneira, a religiosidade é a forma singular de fazer ligação com um Ser transcendente, ela representa uma parte que constitui e estrutura o psiquismo, podendo auxiliar na visão de um futuro e no processo de transcendência do sujeito. A religiosidade de acordo com Frazão; Fukumitsu (2015, p. 62) “[...] não implica escolhas, decisões, crenças ou valores; é parte da singularidade da pessoa e se refere a uma relação com aquilo que ela formulou como sagrado ou divino a partir de seus encontros e experiências ao longo da vida”.

Neste mesmo contexto, a religiosidade todavia, se diferencia da espiritualidade, pela forma que o sentido é construído. A mesma é constituída de modo único, com ligação ao um Ser divino, das experiências do *Self* e das experiências do sagrado. Já a espiritualidade é voltada ao homem, sem ligação com um ser superior (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015).

Apesar da religiosidade e espiritualidade serem vistas como sinônimas, a espiritualidade abrange um conceito amplo por referir-se ao aspecto da condição humana, que se relaciona com a maneira pela qual os indivíduos buscam e expressam o significado, propósito à vida e razão de viver. A religião apresenta-se como um código moral de condutas delineado por um conjunto específico de crenças, rituais e símbolos relacionados com a fé, para facilitar a proximidade com o sagrado ou transcendente (ROCHA et al., 2018, p. 5).



SUMÁRIO

Em síntese, os conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade podem ser entendidos separadamente. A religião como sendo um conjunto de saberes, valores e normas específicas, passadas de geração em geração coletivamente. A religiosidade se apresenta como a experiência única de cada sujeito, com o sagrado ou um ser divino. E a espiritualidade pode ser considerada uma experiência de transcendência, partindo da interiorização de respostas específicas, que dão sentido à vida, não sendo relacionadas necessariamente com figuras divinas (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015; ROCHA et al., 2018).

A espiritualidade retratada, de acordo com Ferreira (2015), pode ser entendida além das determinações religiosas. A ideia de desfrutar do presente e da realidade, está em ambas linhas de pensamento, porém é possível afirmar que, a espiritualidade é um aspecto natural do ser humano. Neste sentido, não é inferior a práticas religiosas ou expectativas de outra vida, pois se assim fosse, excluiria da vida dos não crentes, a dimensão espiritual.

De acordo com o mesmo autor, diversas questões no que tange a espiritualidade têm suas respostas no âmbito da filosofia, quando o sujeito questiona-se quanto a sua relação com o mundo, sobre a própria existência ou em relação ao outro, já é possível verificar indícios da dimensão espiritual, pois são respostas que não se limitam a descrições racionais ou mecanicistas (FERREIRA, 2015).

Ao pensar que espiritualidade é um conceito universal, que abrange todos os indivíduos, afirma-se que ela ocorre com ou sem a figura de um Deus (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015). Desta forma, pode-se refletir sobre o papel da espiritualidade em relação ao ateísmo⁷, que ao assimilar sua espiritualidade proporciona um significado para a sua

7 “[...] o ateísmo não configura nenhum padrão para a vida, nem uma ideologia baseada em princípios morais ou éticos, representa somente o posicionamento individual em relação à ideia de deus. Desse modo, o ateísmo não apresenta analogia às religiões teístas” (GOMES; SILVEIRA, 2018, p. 10).



SUMÁRIO

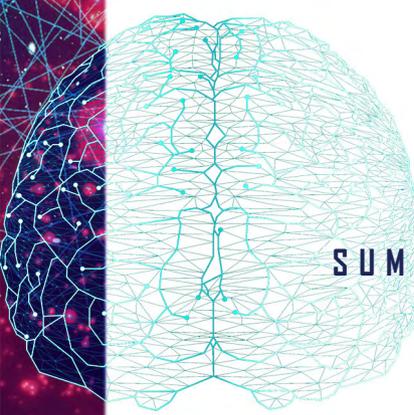
vida, demonstrando pensamentos e ações mais fluidos, sendo um ser que age conforme sua essência.

As mais diversas reflexões de nossa existência, nos fazem refletir e perceber que a espiritualidade está presente em cada ser, independente de seguir uma religião ou não, pois não ser religioso não é pressuposto para abdicar a totalidade da vida espiritual e todas as suas dimensões. Neste sentido Ferreira (2015, p. 19), descreve que:

[...] a vida do espírito é mais do que a mera preocupação com a morte e uma consequente estruturação da vida boa, trata-se de uma dimensão que retrata a própria experiência que o homem tem de si, um grau de consciência de seu eu que não se limita a um egocentrismo, mas que permite, a partir do reconhecimento o esvaziamento de si mesmo.

Desta forma, ao nos referirmos a espiritualidade, também estamos tratando de uma reflexão no que tange a coragem, no sentido de verificar a imprevisibilidade da vida humana, e percorrer de forma criativa a existência na terra. Espiritualidade é a consciencialização do ser humano, quanto a necessidade de se libertar das amarras do passado e das expectativas do futuro, alcançando em seu processo evolutivo espiritual, a noção de dar conta de desfrutar puramente do presente, estar aqui e agora em contato consigo, experimentando as sensações que a vida pode proporcionar (FERREIRA, 2015).

Ao nos depararmos com o aqui-agora, estamos novamente visualizando a Psicologia da Gestalt, diante de um conceito abrangente, que contempla uma dimensão cosmológica, ao descrever a sincronia de espaço e de tempo, unidos de tal modo que um concebe o outro, não sendo possível separá-los, pois um se torna função do outro. Aqui-agora representa a totalidade de algo, fazendo comparação da existência como o tempo e a essência como o espaço. Ter clareza do aqui-agora é ter consciência de quem se realmente é, concebe a sensibilidade de perceber a união da alma com o corpo, ressaltando a noção de presença no mundo (RIBEIRO, 2016).



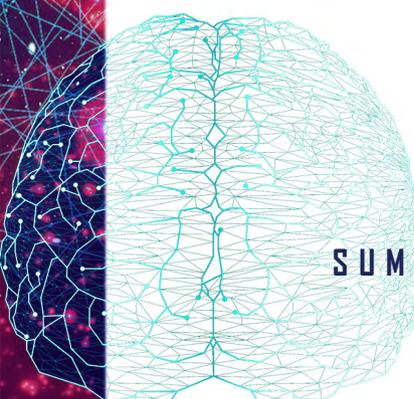
SUMÁRIO

Cabe salientar conforme Ribeiro (2016) que, na prática não se pode desconsiderar a importância dos acontecimentos do passado, porém é somente no presente que o indivíduo tem condições de relembrar e assimilar o que foi vivenciado. É no aqui-agora que os acontecimentos do passado podem receber um novo significado, sendo que não é possível modificar o que aconteceu, nem prever certamente os eventos do futuro, sendo o aqui-agora a noção de tempo e espaço que o indivíduo tem para gerar a mudança. Ribeiro (2016, p. 69) descreve que “Aqui-agora significa presença total e um dado em questão. Estou totalmente presente, na minha existência (meu tempo) se confunde plenamente com a minha essência (meu espaço)”. Aqui-agora é a noção de tempo e espaço dentro da Psicologia da Gestalt, conceito esse que ressalta a importância de vivenciar o presente.

Mediante este contexto, às ações humanas atribuídas à ética, excedem as promessas de recompensas realizadas pelas religiões, pois a consciência e ações assertivas, realizadas no presente são exemplos de como viver os ensinamentos da bondade e generosidade, existentes no contexto religioso ou espiritual. Assim ter a compreensão desses valores e se responsabilizar pelas próprias condutas, é vivenciar a eternidade da vida de acordo com a espiritualidade (FERREIRA, 2015).

Neste sentido, entende-se que a espiritualidade, é um fenômeno que possibilita ao indivíduo colocar sua existência, de acordo com sua visão de essência, atribuindo um sentido ao seu modo de ser e agir. Ela vem como uma transcendência da sobrevivência humana, um ir além de existir, alcançando um sentido ou propósito de sua vida, possibilitando até uma maior aceitação da morte, pois seu modo de ser e agir no mundo, com o entendimento da espiritualidade, ultrapassa sua existência (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015).

Ao descrever à respeito de existência, podemos utilizar a percepção da Gestalt para elucidar esse conceito, que segundo Ribeiro (2016), existência consiste na forma que o indivíduo interage



SUMÁRIO

com o mundo, seus comportamentos, seu modo de agir. É por meio da existência que a essência pode ser percebida, esta que é o modo de ser singular de cada pessoa, o que nos faz únicos. Esses conceitos são descritos separadamente para um melhor entendimento, porém se inter-relacionam e se apresentam de forma concomitante, como uma totalidade. Ao observar um indivíduo como um todo, estamos vendo essência-existência. Segundo o autor supracitado (2016, p.115-116) “[...] viver a experiência interna da relação essência-existência é se perceber a si próprio nas mesmas condições e se expressar como resultado dessa completa rede de contatos que constroem a realidade”.

Outro aspecto relevante neste contexto, está relacionado aos indivíduos que se encontram com dificuldades, principalmente situações que envolvem doenças, os quais utilizam da espiritualidade como estrutura para suportar as questões existenciais, traumas e eventos estressantes. Nestes casos a espiritualidade permite a manifestação de sentimentos de esperança, amor, paz, confiança, mediante a situações de sofrimento, perda e morte, sendo estes fenômenos naturais da experiência humana (ROCHA et al., 2018).

Ao servir-se da espiritualidade, as pessoas têm um sentimento de segurança, acolhimento, resiliência, de modo a superar as dificuldades que estão enfrentando em determinado momento de suas vidas. Com isso, crenças espirituais estão diretamente ligadas, com o alívio de cargas, aumento do bem-estar e melhora na qualidade de vida dos indivíduos (ROCHA et al., 2018).

Sob essa perspectiva, às possibilidades que a espiritualidade proporciona aos indivíduos fragilizados, estão ligadas com um importante conceito da Gestalt, a estrutura de *Self*. Este que pode ser entendido, pela busca de recursos ou potencialidades que auxiliam o indivíduo a se preparar para o enfrentamento de seus temores. O *Self* por sua vez, é uma estrutura interna, que tem como objetivo percorrer entre a consciência e inconsciência, trazendo informações à respeito



SUMÁRIO

da própria essência. Ao fazermos contato com o *Self*, é possível transcender no processo terapêutico, aproximando cada vez mais a existência da essência (RIBEIRO, 2007).

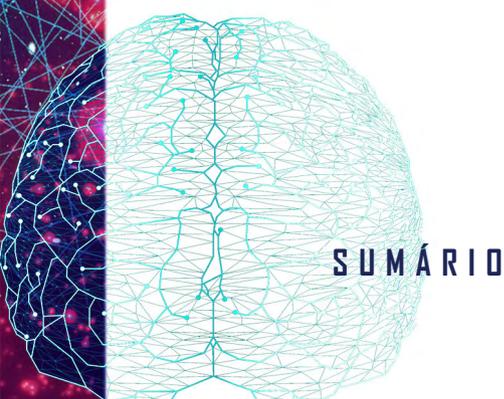
No que se refere ao *Self*, este é a manifestação da alma (essência), não se igualando a ela, pois o mesmo muda e se adapta ao longo do desenvolvimento do sujeito, sempre indo ao encontro de novas formas de se manifestar e fazer contato, alterando o modo de ser e agir do indivíduo que permite seu fluxo. Já a essência se mostra implícita ao indivíduo, e possui às informações primordiais, para que o *Self* às demonstre, levando o sujeito a tomar consciência e alterar sua existência na terra (RIBEIRO, 2007). Segundo Ribeiro (2016, p. 114) “[...] É possível afirmar que captar a essência de algo é captar seu gênero e sua diferença específica, o que constitui a essência básica do ser”. Assim, pode-se compreender que a essência é a base do sujeito, essa que se desenvolve ao longo de sua vida.

A isso Frazão; Fukumitsu (2014, p.65) ressaltam que:

Nesta perspectiva *self* pode ser bem evidente, como o processo ativo e permanente de perceber, selecionar, interpretar, sentir, valorizar, estimar, prever, agir, interagir e dar sentido a si e ao ambiente, mapeando a si mesmo enquanto em ação no campo.

O *Self* pode ser ilustrado como um negativo de uma fotografia, ele existe, porém precisa ser revelado, e o processo que exhibe o *Self*, é o contato. Assim o contato é o movimento de mudança, experiência de emoções, o fluxo da vida, é quem dá a visibilidade para o *Self* e um sentido para a realidade (RIBEIRO, 2007).

Fazer contato vai muito além de um toque, contato é encontrar a si mesmo e ao outro, é uma troca respeitosa, levando em consideração a totalidade de cada indivíduo. Para que esse movimento ocorra, temos que levar em consideração que somos seres bio-psico-sócio-espirituais, pois por meio dessas proporções possuímos consciência de



SUMÁRIO

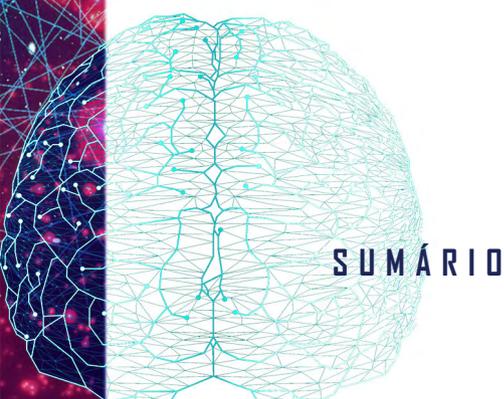
nossa totalidade e temos a capacidade de praticar nossa humanidade (RIBEIRO, 2016). Conforme D'acri; Lima; Orgler (2012, p.60) “[...] o contato é o meio para a pessoa mudar e para mudar a experiência que tem do mundo. A mudança é o resultado inevitável do contato, na medida em que ocorrem a assimilação do que é nutritivo e a rejeição do que é nocivo”. Por meio do contato que o autoconhecimento é possível, ao possuir esse entendimento, o sujeito tem a possibilidade de se conhecer, mudar e alterar a forma que interage com o mundo.

O próprio contato, assim como a espiritualidade, é uma dimensão maior que a existência humana, pois estamos em contato com nós mesmos, com a natureza, com as pessoas, com o cosmo e o universo em geral. Ao pensar na cadeia evolutiva, surgimos de um contato cósmico, que ao longo de décadas proporcionou às circunstâncias necessárias para nossa criação e desenvolvimento, nos tornando humanos (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015; RIBEIRO, 2007).

Ao tratarmos da constituição de sujeito, é importante ter o conhecimento de que a essência constituída não é imutável, em razão de que o ser humano vai se transformando ao longo dos anos, se reconstruindo a cada dia. É pela capacidade humana de atribuir um novo significado, a cada situação vivenciada, que constituímos nossa essência continuamente (DA SILVA; VACCARO, 2016).

Observa-se então, que somos constituídos pela consciência e pelo corpo, referindo a consciência como a representação da subjetividade e o corpo da objetividade, sendo que não é possível resumir o ser humano em apenas uma dessas partes. A constituição do sujeito, demonstra-se a partir da dinâmica dessas duas dimensões, juntamente com o mundo, sendo produto da relação entre a subjetividade e objetividade no contexto coletivo (MAHEIRIE, 2002).

Neste entendimento, ao considerar a propensão do sujeito de se transfigurar a novas demandas, é importante ressaltar que, o



SUMÁRIO

homem não é totalmente imprevisível, pois há uma dimensão interna que o externo é transportado e assimilado, permitindo assim a escolha de como prosseguir com a situação. Essa possibilidade de escolha, mais a imagem que o homem cria de si, reflete em todas às atitudes, pensamentos e emoções, adaptando seu modo de ser (DA SILVA; VACCARO, 2016). Desta forma, Ribeiro (2016) descreve a respeito das escolhas, asseverando que, “Escolher é permitir o encontro de todos os elementos, de todos os existentes disponíveis, que, juntos, transportam a consciência para um encontro com a totalidade, a partir da qual a escolha de faz possível” (p. 49). Dentro das diversas possibilidades que o campo apresenta, cabe ao sujeito realizar suas escolhas, guiando assim, o rumo de sua vida.

Cabe ressaltar todavia que, as escolhas realizadas por cada indivíduo são de sua responsabilidade, porém o ambiente a sua volta, serve como elemento que influencia o sujeito em suas decisões. Justamente por isso que, alguns planejamentos acabam tomando um rumo totalmente diferente, do que era esperado inicialmente. Ao decorrer da vida, o homem passa por outros indivíduos, que podem reforçar ou desconstruir suas concepções. Deste modo, para compreender a constituição de um sujeito, é importante levar em consideração sua relação com a sociedade e com o outro, tendo em vista que ambos o influenciam (DA SILVA; VACCARO, 2016).

Cabe considerar que, o processo de constituição da essência de um sujeito acontece simultaneamente ao de outro, pois somos seres sociais. A concepção de alguém totalmente isolado não passa de mera abstração, assim, é impossível desconsiderar o outro, sendo que o sujeito já nasce inserido em um contexto, que possui símbolos estabelecidos por outras pessoas, como leis, condutas, moedas, além de um tempo e cultura específica. Ao nascer já nos deparamos com diversas informações deixadas pelas gerações passadas (DA SILVA; VACCARO, 2016).



SUMÁRIO

Neste sentido, ao assimilar os conteúdos que lhe são apresentados, o homem está lidando com acontecimentos históricos, relacionados às expectativas para o futuro, tudo no presente, no qual todos esses acontecimentos se ligam, moldando assim o seu cotidiano, novamente ressaltando a importância de ter consciência da dimensão temporal e espacial que vivemos (MAHEIRIE, 2002).

Faz-se imperioso lembrar que, apesar do contexto existente, ele não é unicamente decisivo para a constituição do sujeito, pois como Da Silva; Vaccaro (2016, p.106) descrevem, “[...] não podemos afirmar que há, aqui, um determinismo, haja vista que, se aceitamos a objetivação imposta pelo outro, é por meio de nossa livre escolha de nos assumirmos tal como somos para ele”. Pois como foi discutido anteriormente, o sujeito sempre tem a escolha de fazer algo com aquilo que foi feito dele.

Neste mesmo propósito, podemos pensar em responsabilidade, que é um processo de conscientização diante das diversas possibilidades que a vida tem a oferecer. Todas as escolhas geram consequências, tanto positivas quanto negativas, cabe ao indivíduo refletir sobre isso e ir ao encontro da compreensão da consequência dos seus atos. Quando se tem a consciência sobre a responsabilidade, também se tem estrutura psíquica para prosseguir com as escolhas, sem estagnar diante das dificuldades (RIBEIRO, 2016).

Em função de tais considerações, vale ressaltar que a constituição do sujeito se relaciona a vivência do indivíduo, com os outros a sua volta, construindo a realidade consciente de um mundo físico e social. Além da consciência do eu, praticando a sua individualidade a proporção que consegue se diferenciar dos outros (MAHEIRIE, 2002).

Neste sentido Da Silva; Vaccaro (2016) ressaltam que:

Contudo, neste processo de construção de seu ser, o homem constrói não apenas a si mesmo e sua própria história, mas,

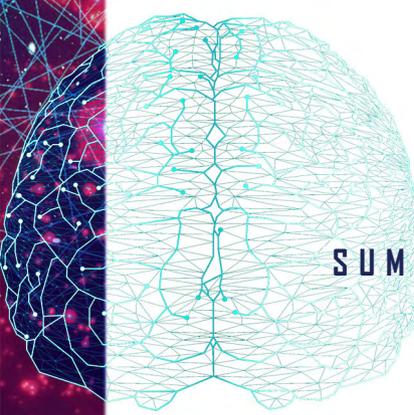


SUMÁRIO

também, a história coletiva. Portanto, numa perspectiva existencial Sartreana, o homem é concebido, simultaneamente, como produtor e produto da história: é produtor, pois, ao agir no mundo, objetiva-se nele, construindo sua história e a história coletiva; e é produto da história, pois interioriza, ou subjetiva, as objetivações deixadas pelas gerações passadas, tornando-se, assim, uma subjetividade objetivada (107).

Desta forma, durante sua estadia na terra, o homem relaciona-se com o outro a todo momento, onde ambos, constituem significados a coisas mundanas e para si mesmo, tendo função primordial na constituição do sujeito. Assim, é no encontro com o coletivo, em um ambiente de múltiplas particularidades, que o homem se estabelece como sujeito no mundo (DA SILVA; VACCARO, 2016). Sendo desta forma, os autores supracitados afirmam que, “[...] a constituição do sujeito ocorre por meio da relação dialética entre objetividade e subjetividade na produção do contexto social, o que permite que o homem seja analisado em sua riqueza e complexidade” (p. 107). Ao se deparar com o outro, que o homem pode verificar tudo que está ocorrendo, filtrando assim, o que faz sentido para si, adaptando e reconhecendo sua própria essência.

Ao verificar as informações descritas como um todo, podemos reiterar que a espiritualidade então é um fenômeno de transcendência do sujeito, uma forma de ir além da existência, ao tomar consciência do propósito e significado da vida na terra, sem a necessidade de uma crença em um ser divino. Segundo Frazão; Fukumitsu (2015), a espiritualidade se apresenta de forma única a cada indivíduo, alterando seu modo de ser e agir, o aproximando cada vez mais de sua essência. Ao refletir quanto aos aspectos da espiritualidade, constata-se que a mesma permite uma tomada de consciência que muda a forma que o indivíduo visualiza a realidade. À vista disso, é possível fazer menção a *awareness* da Gestalt, que será esclarecida adiante.



SUMÁRIO

Compreende-se que, ao referirmos a tomada de consciência, tratamos então da *awareness*. De acordo com Paves; Bonfiglio (2018, *apud* GRANZOTTO; GRANZOTTO, 2007) a *awareness* ocorre no momento em que o indivíduo entra em contato, tomando consciência a partir do sentir. Ao descrever à respeito desse conceito, Ribeiro (2016) afirma que, a *awareness* “trata-se de uma consciência de apreensão de totalidades, como se todo meu ser se resumisse em um único ato de cognição emocional” (p. 74). Desta forma, a *awareness* é uma tomada de consciência total, que proporciona uma assimilação de acontecimentos e sentimentos que fazem sentido ao indivíduo, a partir dela, que uma mudança significativa pode ser percebida.

Desta forma, o sujeito se depara com os diversos questionamentos quanto a sua existência em vida, às reflexões que são realizadas podem ser relacionadas com o conceito de espiritualidade, e ao alcançar uma resposta, o sujeito atinge a *awareness*, tomando consciência do que é, refazendo o caminho que deseja percorrer, incorporando sua existência e essência, alcançando assim, uma nova constituição de sujeito no mundo. Diante a isso, a constituição de sujeito é um processo que acontece no encontro com o externo e interno, na diferenciação do que é meu e o que é do outro, sendo uma nova maneira do indivíduo se compreender e vivenciar a realidade (DA SILVA; VACCARO, 2016; MAHEIRIE, 2002).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A natureza da pesquisa pode ser considerada básica, pois não possui nenhum tipo de envolvimento comercial ou de mercado, estando relacionada com o aprofundamento científico sobre o tema pesquisado (GOBBO, 2017). Quanto a abordagem, se classifica como qualitativa, que segundo Gonçalves (2001) direciona à compreensão



SUMÁRIO

dos fenômenos, levando em conta o significado que os indivíduos dão às situações pesquisadas e a compreensão do pesquisador sobre os dados coletados, não tendo como objetivo enumerar ou medir unidades, mas todavia realizar uma análise mais aprofundada em relação aos fenômenos estudados.

Quanto ao objetivo da pesquisa, ela pode ser considerada exploratória que de acordo com Gil (2010), por meio desse estudo é possível explorar mais a fundo determinado tema que foi pouco trilhado, assim o propósito desta pesquisa passa a ser o de tornar o tema mais reputado, tanto para o pesquisador quanto para a população em geral.

O procedimento técnico é considerado bibliográfico, utilizado perspectivas de diversos autores para elucidar um determinado fenômeno, reunindo o máximo de informações relevantes, em obras literárias, artigos, monografias e materiais científicos em geral (GIL, 2010). A pesquisa bibliográfica utiliza-se de trabalhos já publicadas sobre o tema, para a elaboração da pesquisa (GOBBO, 2017). Sendo assim utilizou-se das plataformas de pesquisa científica, BVS Brasil, CAPES Periódicos e Scielo, para selecionar os materiais que mostraram relevância em sua utilização.

Ao realizar a coleta de dados, foram pesquisadas as palavras chaves, como critérios de inclusão, sendo elas: espiritualidade, Gestalt e constituição de sujeito, isto é, as palavras chaves foram pesquisadas individualmente, aos pares e as três simultaneamente, para contemplar a maior quantidade de artigos possíveis. No total foram encontrados cento e cinquenta e quatro mil cento e setenta e nove (154.179) artigos.

Após a pesquisa inicial com as palavras chaves nas plataforma específicas, foram aplicados os termos de exclusão, sendo eles: artigos publicados anteriormente a 2014; artigos que não possuem as palavras de inclusão (palavras chave); artigos relacionados a outros saberes; artigos de língua estrangeira e aqueles que se repetem em



SUMÁRIO

mais de uma fonte de pesquisa, restando após esse filtro, mil cento e setenta e três (1.173) artigos.

Após esta análise foi procedida a leitura dos resumos e com isso obteve-se setenta e quatro (74). Destes, após leitura literal restaram quinze (15) artigos para serem utilizados.

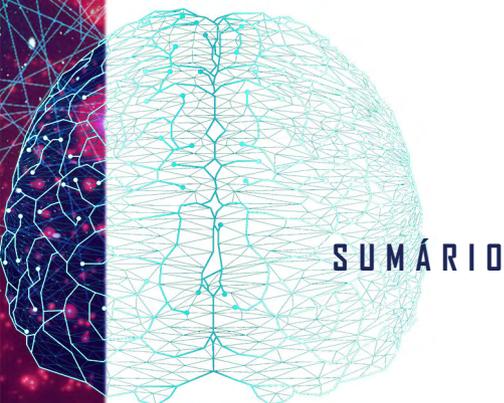
Além dos artigos selecionados por meio das bases de dados pesquisadas, utilizou-se de obras já publicadas de autores de grande relevância sobre o tema, independente da data de publicação, como também de artigos que faziam parte da biblioteca pessoal dos autores que já haviam sido utilizados no projeto do referido artigo.

Com o intuito de finalizar o trabalho, a seguir apresenta-se a análise e interpretação de dados, que consiste em uma análise documental, que coleta informações em documentos e materiais escritos, sendo possível abordar os dados qualitativos de forma mútua, com a finalidade de proporcionar o entendimento aos leitores a respeito do tema abordado. Neste tipo de pesquisa o pesquisador coleta, analisa e trata as fontes de dados, a fim de responder à questão problema da pesquisa (GOBBO, 2017).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando às informações disponibilizadas pelos autores, no que tange aos principais conceitos abordados no artigo, a espiritualidade, às concepções da Gestalt e também a constituição de sujeito, é possível perceber que cada um possui suas peculiaridades, porém se relacionam como um todo ao longo da vida dos indivíduos.

É essencial ressaltar que por muito tempo, esse assunto foi omitido do contexto acadêmico, pois não era concebível aproximar



a ciência de conceitos mais transcendententes como a espiritualidade, principalmente pela linha de pensamento racional e mecanicista emergente. Porém, na atualidade estudos fenomenológicos já estão ganhando espaço em diversos trabalhos e produções, que aumentam a gama de conteúdos que podem ser utilizados de forma favorável a quem recebe e elabora os conceitos.

Neste sentido, a espiritualidade pode ser visualizada como uma forma de perceber ou criar um significado para a vida do sujeito, uma possibilidade de transcendência, uma oportunidade de ir além de uma existência. Esse conceito é fundamental no processo da evolução humana, apesar de ter algumas funcionalidades similares às religiões e a religiosidade, é possível perceber suas características únicas, principalmente pelo fato, de não ter Deus, como ponto indispensável em sua constituição.

Dentro deste enfoque, se faz premente ressaltar as características principais de cada um desses conceitos, a fim de elucidar suas diferenças. Sendo assim, a espiritualidade pode ser classificada como uma vivência de transcendência, partindo da reflexão de questões fundamentais, que dão sentido à vida, sem a necessidade de uma figura divina. Já a religiosidade é apontada como a experiência singular de cada indivíduo, de relacionar-se com sua ideia de sagrado ou divino. E por fim, a religião, sendo entendida como um conjunto de condutas e ensinamentos, passados de forma coletiva ao longo das gerações.

Sendo assim, a espiritualidade pode estar integrada à todos os sujeitos no mundo, cada um de uma maneira específica, pois seu ponto de partida se dá pelo homem e não pelo sagrado. Deste modo, não ter envolvimento com alguma religião e não crer em uma religiosidade, não é motivo para renunciar a própria espiritualidade, como modo de evoluir e ter pensamentos e ações mais fluidas, sendo um ser que age conforme seus princípios e entendimentos.



SUMÁRIO

Ao se refletir em relação a Gestalt e a espiritualidade, é possível perceber que alguns de seus conceitos se assemelham, tendo em vista que, a espiritualidade é uma possibilidade de tomar consciência e dar liberdade ao sujeito, libertando-o das amarras do passado, assemelhando-se neste sentido, com o conceito de aqui-agora da Gestalt, que é a noção da importância de vivenciar o presente, pois é nele que passado e futuro são experimentados e que as mudanças podem ocorrer.

No que diz respeito a Gestalt, os conceitos de *Self* e estrutura de *Self*, também podem ser associados às vivências espirituais, principalmente nas situações de angústia e fragilidade, no qual a espiritualidade vem como um alicerce, proporcionando bem estar, resiliência e melhora na qualidade de vida, semelhante a estrutura de *Self*, que pode ser compreendida como a capacidade do indivíduo de buscar por recursos que podem contribuir, para o enfrentamento de suas inquietações, da forma que é possível.

Mediante tais colocações, o *Self*, vem como uma estrutura psíquica, que permeia a consciência e inconsciência do sujeito, com a finalidade de manifestar conteúdos da essência. Essa estrutura se molda no decorrer dos anos de vida do sujeito, de acordo com suas vivências, sempre com o propósito de possibilitar o contato consigo, alterando suas perspectivas e comportamentos.

Neste sentido, os indivíduos têm a capacidade de adaptar sua vivência, à espiritualidade no qual se torna possível proporcionar ao sujeito um alinhamento entre sua existência e essência, concedendo um significado a tudo que é realizado em vida, e ainda além, pois o indivíduo ao se assimilar como um todo e encontrar um propósito em sua vida, pode construir um legado, com ações e pensamentos que ultrapassam sua vivência, visto que mesmo após a morte, sua estadia na terra pode conceber um propósito e tocar a vida de outros



SUMÁRIO

indivíduos. Sendo assim, com o entendimento da espiritualidade, é possível ir além da existência.

Nesse seguimento é possível perceber a Gestalt permeando a espiritualidade, no que se refere a existência e essência, pois para essa teoria, a existência se limita à forma que o sujeito se apresenta ao mundo, com suas ações e vivências, literalmente como ele existe. Já a essência mostra-se como uma estrutura interna e única a cada ser, ela representa nossa individualidade em frente às pessoas, delineando como somos e nos sentimos. Ao sermos capazes de existir conforme nossa essência, vivemos a totalidade e nos constituímos como sujeitos, com a mais pura sensação de integridade. Segundo Ribeiro (2016, p. 113) “[...] podemos identificar a essência com o em-si-da-coisa, aquilo que a coisa é para mim naquele momento – isto é, não só é uma rosa em si, como é uma rosa para mim”. Percebe-se dessa forma, que a essência pode ser compreendida a partir do sentido, que é atribuído pelo sujeito a um determinado fenômeno.

Ao discutir quanto a constituição do sujeito, se faz necessário possuir o conhecimento de que o conteúdo construído não é imutável, sendo possível que o ser humano vá se transformando em seu desenvolvimento. Por conta dessa capacidade de mudança, que somos habilitados a nos constituir continuamente, a fim de potencializar nossa consciência e transcender como indivíduo.

Neste propósito compreende-se que a constituição do sujeito, é como o indivíduo se reconhece e se apresenta, levando em consideração todas as suas experiências de vida, na relação consigo e com o outro. Ao perceber que somos seres bio-psico-sócio-espirituais e conceber o sujeito em sua totalidade, é possível compreender de que forma se constitui no mundo.

Possuímos uma dimensão objetiva e subjetiva, muitas vezes representadas pela consciência e pelo corpo, isto é, a objetividade



SUMÁRIO

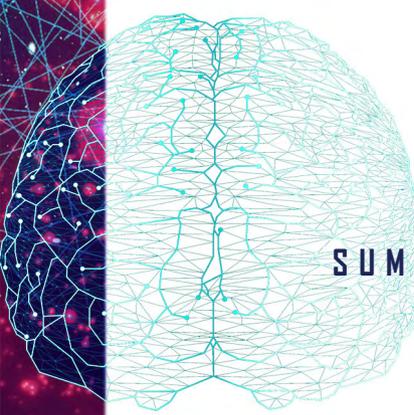
corpo e subjetividade consciência. A constituição do sujeito se dá, por meio de todas as dimensões que envolvem o homem. Por ser desta forma, se torna imperioso refletir e tomar consciência de nossa totalidade no contexto coletivo, para termos a capacidade de nos reconhecer e praticar nossa Humanidade (capacidades de Ser Humano).

Como foi mencionado, a importância do outro na constituição do sujeito é evidente, pois somos seres sociais, então é na relação com outro indivíduo, que ambos podem verificar os acontecimentos existenciais e atribuir significados para si. Ao nascer, o homem já está inserido em um contexto que possui diversos elementos já produzidos e que são utilizados coletivamente, portanto, é no contato do interno com o externo, juntamente com as escolhas, que o homem se constitui como sujeito no mundo.

Neste processo a espiritualidade interfere na constituição do sujeito, de modo que os indivíduos ao realizarem reflexões quanto ao seu sentido e significado em vida, obtém às respostas que são correspondentes à tomada de consciência, também nomeada de *awareness*, na Gestalt. Quando o sujeito a partir do seu ser, toma consciência de sua totalidade, tem a possibilidade de associar seu existir com o seu Ser, se constituindo e se diferenciando por suas peculiaridades concedendo sentido a si e ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, o artigo mostra-se com relevância, na medida que elucida aos leitores o conceito da espiritualidade e como a mesma pode ser propositora na melhora da qualidade de vida, tendo em vista que está atribuída a conceitos positivos como resiliência, amor e a busca por potencialidades do sujeito. A espiritualidade vem



SUMÁRIO

como uma forma de transcendência, a partir da reflexão e tomada de consciência, à respeito de questões que estão ligadas a forma de ser e agir no mundo, sem um vínculo a uma figura divina.

Ao relacionar o tema aos conceitos da Gestalt ressalta-se que esta abordagem corrobora com a compreensão destes, aportando o mesmo em uma teoria psicológica, e portanto científica. A Gestalt é evidenciada como um proponente no entendimento do contexto e por meio de sua dinâmica na leitura, permite uma breve apresentação de seus aportes teóricos, fornecendo dados a quem possui interesse de compreender mais como essa abordagem interage com os mesmos.

Para futuras pesquisas no que tange a espiritualidade, é interessante que a diferenciação dos conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade também sejam descritos, pois em diversos contextos os mesmos são empregados como sinônimos, fato este que pode dificultar o entendimento do leitor no que se refere ao tema.

Mediante esse contexto, os profissionais da psicologia que pretendem usufruir ao máximo de sua atuação, demandam entendimento, tanto das questões religiosas, quanto espirituais, pois ao interagir com seus clientes, independente do contexto, constantemente essas questões são apresentadas com grande significado à vida dos indivíduos. Assim, ao conhecer tais temas e trabalhar em si mesmo, o psicólogo tem o entendimento e condição, de acompanhar o seu cliente, na jornada em busca da assimilação de suas crenças ou demandas espirituais.

Neste sentido, entende-se que o psicólogo deve trabalhar suas demandas, antes de intervir na vida do outro, sendo assim, para envolver-se com a espiritualidade de um indivíduo, o próprio profissional deve ter assimilado sua própria espiritualidade. O artigo em questão pode ser entendido como uma representação do processo pessoal do autor, que ao escolher essa temática, já



SUMÁRIO

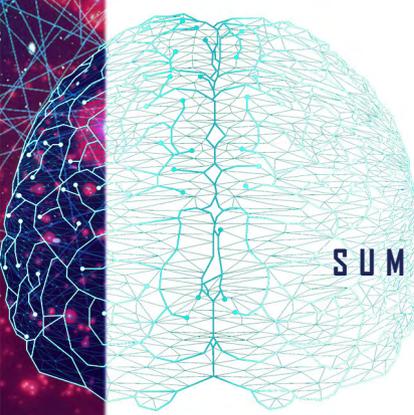
apresentava uma necessidade de possuir maior entendimento à respeito, e compreender a sua própria espiritualidade.

Ao visualizar a crença religiosa de pessoas próximas, juntamente com o surgimento dessa questão no *setting* terapêutico, a curiosidade a respeito desse fenômeno surgiu, apesar de um conhecimento inicial que já possuía, somente após a conclusão do artigo, junto às sessões de psicoterapia, que o autor pode tomar consciência da abrangência e da importância de tal tema, além de sua diferença das crenças religiosas descritas inicialmente.

Ao abordar esse tema, foi possível assimilar seu significado, superando alguns conceitos pré-estabelecidos por outras pessoas. Desta forma, foi presumível vivenciar o que está descrito na teoria, ao tomar consciência da espiritualidade, uma nova constituição de sujeito é plausível. Levando em consideração tais encadeamentos, por meio do processo de psicoterapia, o autor foi capaz de evoluir no processo terapêutico, atribuindo novos sentidos que partiram de uma assimilação interna, propositando o encontro e ou aproximação de sua essência.

A tomada de consciência desse fenômeno é o primeiro passo na jornada de mudança, pois além de ter consciência, é necessário que o movimento seja realizado, então o autor ainda encontra-se em meio ao processo terapêutico, mas pesquisar e construir com base teórica do tema, foi de grande valia para que tivesse condições de trilhar um novo caminho.

Diante deste, é possível afirmar que a pergunta norteadora da pesquisa foi respondida, demonstrando como a espiritualidade sob a ótica da Gestalt pode auxiliar na constituição do sujeito no mundo. Desta forma, todos os conceitos abordados ao longo do artigo se relacionam, pois, a espiritualidade interfere na constituição de sujeito, auxiliando na tomada de consciência, que pela visão da Gestalt, essa



SUMÁRIO

consciência é possível a partir da elaboração dos elementos que são importantes para o sujeito. Tendo isso em vista, a espiritualidade auxilia o indivíduo a atribuir um significado para a sua vida, partindo de concepções existentes em sua realidade, afinal o sujeito vai tomando consciência de si como um todo e passa a se constituir no mundo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Aline Ferreira; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Psicoterapia e espiritualidade: da gestalt-terapia à pesquisa contemporânea. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 23, n. 2, p. 211-218, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso: 08 Out. 2019.

DA SILVA, Lúcia Cecília; VACCARO, Marina Meneguetti. A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean-Paul Sartre. *Revista de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 99-109, 2016.

DE FREITAS MELO, Cynthia et al. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2015.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila (Ed.). *Dicionário de Gestalt-terapia: "gestaltês"*. Summus Editorial, 2012.

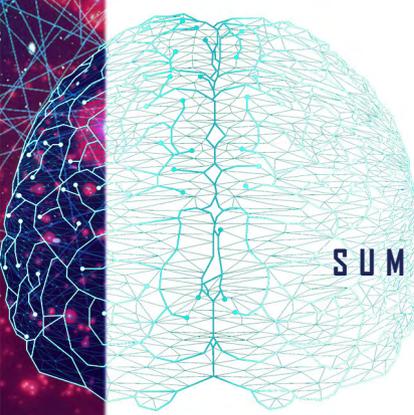
FERREIRA, D. W. Do amor como princípio e da filosofia como salvação: pressupostos de uma espiritualidade laica. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 12, n. 2, p. 327-347, 18 dez. 2015.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia. São Paulo (SP): Summus Editorial, 2015.

_____. *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. Summus Editorial, 2014.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006. Gil, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, v. 5, 2010.

GOBBO, André. *Ciência e metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Faculdade Avantis. 2017.



SUMÁRIO

GOMES, Gabriel S.; SILVEIRA, Diego o. ateísmo e redes sociais: história e novas fronteiras para o debate historiográfico. *Universidade do Estado do Amazonas*, 2018.

GONÇALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. *Editora Alínea*, 2001.

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 3, p. 711-725, 2015.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>>. Acesso em: 30 Out. 2019.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; HOLANDA, Adriano Furtado. Espiritualidade/Religiosidade para Fritz Perls: escarafunchando seus escritos (1942-1973). *Rev. NUFEN*, Belém, v. 10, n. 2, p. 20-39, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 08 Out. 2019.

PANITZ, Gabriel de Oliveira et al. Instrumentos de abordagem da espiritualidade na prática clínica. *Acta méd. (Porto Alegre)*, v. 39, n. 1, p. 37-45, 2018.

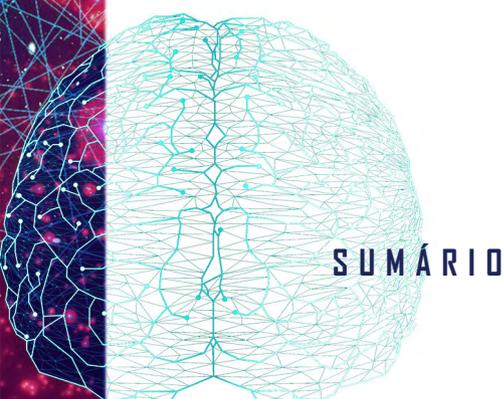
PAVES, Valdecir; BONFIGLIO, Simoni Urnau. Integridade, Espiritualidade e Saúde como um Ato de Religar: uma práxis, da qual a psicologia deve debruçar-se. In: ANGELI, G.; SILVA, G. R.; BONFIGLIO, S.U. *Psicologia: Novos Contextos e Perspectivas na Contemporaneidade*. Brusque: UNIFEBE, 2018.

ROCHA, Renata Carla Nencetti Pereira et al. Necessidades espirituais vivenciadas pelo cuidador familiar de paciente em atenção paliativa oncológica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2018.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Vade-mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato: Temas básicos na abordagem gestáltica*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007. 120 p.

SILVA, Lorena Bandeira da et al. *Correlações entre sentido de vida e espiritualidade sob a ótica do discurso do sujeito coletivo ateu*. Dissertação (Dissertação em Ciências das Religiões) – UFPB. Paraíba. 2016.



SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Simoni Urnau Bonfiglio

Psicóloga doutoranda de programa de Pós Graduação de Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC), Mestre em Educação (UNIVALI), Especialista em Psicopedagogia (UNIVALI), Especialista em Educação (Faculdade Ação), Docente do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), Psicóloga Clínica em Gestalt Terapia (Balneário Camboriú/ Brusque-SC).
E-mail: simonibon7@gmail.com

Amanda Larissa Neves De Moura

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.
E-mail: amanda.moura1401@gmail.com

Ana Paula dos Santos

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.
E-mail: ana_03@unifebe.edu.br

Cinthia Voss Nascimento

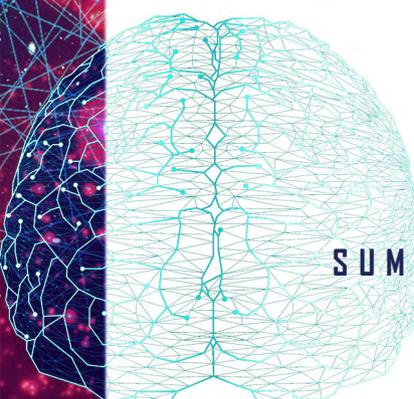
Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.
E-mail: cinthiavoss@unifebe.edu.br

Leidiane Weber

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário De Brusque – UNIFEBE.
E-mail: leidianeweber@gmail.com

Maria Alice Zimmermann

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário De Brusque – UNIFEBE.
E-mail: mariaalice.ice@unifebe.edu.br



SUMÁRIO

Maria Isadora de Souza Quintino

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário De Brusque – UNIFEBE. Participante do grupo de estudo independente das psicólogas especialistas em Gestalt terapia pela faculdade Unyleya, psicóloga Letícia Bechtold de Brusque/SC e psicóloga Mariane Rosa da Silva de São João Batista/SC.
E-mail: isa_squintino@unifebe.edu.br

Tiago Boing

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário De Brusque – UNIFEBE. Participante do grupo de estudo independente das psicólogas especialistas em Gestalt terapia pela faculdade Unyleya, psicóloga Letícia Bechtold de Brusque/SC e psicóloga Mariane Rosa da Silva de São João Batista/SC.
E-mail: tiagoboingg@gmail.com

**SUMÁRIO**

ÍNDICE REMISSIVO

A

abertura 66, 96, 97, 107, 119, 122
 abordagem 21, 33, 34, 76, 82, 84, 85, 86,
 87, 96, 98, 102, 104, 110, 111, 114, 115,
 116, 135, 136, 137, 141, 142, 159, 164,
 166, 168, 169, 183, 190, 193
 ação humana 107, 109
 adoção 9, 10, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43,
 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54,
 55, 56, 57, 58
 análise 11, 14, 17, 18, 19, 30, 33, 39, 65,
 70, 79, 80, 88, 103, 110, 111, 113, 139,
 141, 142, 143, 160, 163, 184, 185
 autonomia 10, 82
 awareness 9, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 29,
 30, 32, 33, 34, 94, 95, 105, 132, 140, 142,
 146, 152, 154, 156, 164, 182, 183, 189

C

capacidade 21, 24, 45, 52, 82, 86, 89,
 122, 123, 124, 128, 129, 131, 179, 187,
 188, 189
 ciência psicológica 60, 75
 cliente 10, 18, 19, 20, 21, 82, 84, 86, 87,
 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 102, 103,
 104, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118,
 119, 120, 123, 124, 128, 129, 130, 131,
 132, 133, 134, 135, 136, 190
 conhecimento 47, 65, 67, 70, 77, 79, 85,
 87, 110, 142, 157, 162, 166, 171, 179,
 188, 191
 consciência 11, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 27,
 28, 29, 30, 32, 33, 45, 87, 89, 90, 91, 92,
 93, 97, 117, 125, 128, 129, 130, 131, 132,
 133, 134, 139, 142, 145, 148, 149, 151,
 153, 154, 155, 156, 161, 162, 175, 176,

177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 187,
 188, 189, 190, 191, 192
 conscientização 16, 181
 constituição 11, 12, 129, 139, 141, 156,
 157, 158, 160, 161, 162, 166, 168, 169,
 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186,
 188, 189, 191, 192
 contato 8, 11, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 23,
 24, 25, 26, 28, 32, 33, 34, 39, 64, 84, 85,
 88, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 102, 104, 107,
 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118,
 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127,
 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135,
 136, 137, 142, 144, 145, 146, 147, 148,
 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156,
 162, 164, 170, 171, 175, 178, 179, 183,
 187, 189, 193
 conto 11, 139, 141, 142, 143, 146, 147,
 150, 160, 161, 162, 163
 crescimento 26, 45, 71, 75, 79, 85, 89, 94,
 95, 96, 97, 107, 109, 115, 117, 121, 122,
 123, 124, 127, 132, 133, 136, 148
 criação 9, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 32,
 33, 43, 86, 91, 171, 179
 criança 9, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45,
 46, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 73, 75, 79
 criatividade 16, 19, 33, 94, 96, 150
 cura 25, 88, 91, 92, 96, 107, 109, 118,
 124, 125, 128, 130, 133, 134

D

delegacias 10, 60, 62, 72, 73, 74, 77
 desafios 10, 36, 38, 39, 47, 52, 53, 54, 72,
 155, 156
 desenvolvimento 10, 33, 38, 44, 45, 47, 51,
 58, 64, 94, 97, 103, 128, 139, 147, 155,
 162, 168, 169, 172, 178, 179, 188



SUMÁRIO

direito 10, 40, 42, 44, 45, 49, 55, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80
 disponibilidade 41, 82, 89

E

encontro 16, 17, 21, 39, 53, 69, 79, 82, 84, 86, 89, 92, 93, 94, 96, 104, 107, 109, 110, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 126, 127, 129, 131, 132, 133, 135, 136, 142, 144, 152, 162, 178, 180, 181, 182, 183, 191
 espiritualidade 11, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193
 essência 9, 14, 16, 18, 21, 24, 25, 29, 32, 33, 69, 72, 90, 91, 148, 149, 150, 151, 156, 166, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 187, 188, 191
 exclusão 18, 31, 36, 43, 48, 49, 60, 76, 78, 98, 99, 101, 111, 112, 113, 159, 184

F

fantasia 11, 18, 139, 143

G

Gestalt-terapia 8, 14, 16, 18, 30, 82, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 120, 123, 131, 133, 135, 136, 141, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 157, 160, 161, 163, 164, 192

H

humanidade 93, 166, 179

I

identidade 9, 11, 47, 66, 68, 75, 90, 119, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 154, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 193

inclusão 18, 30, 36, 40, 43, 48, 49, 60, 68, 76, 82, 84, 95, 98, 99, 101, 103, 111, 113, 119, 134, 142, 158, 159, 184
 indivíduo 14, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 45, 65, 68, 78, 84, 86, 89, 115, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 141, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 161, 162, 166, 168, 170, 172, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 192
 integração 11, 28, 29, 94, 115, 124, 132, 134, 139, 152, 160, 161, 162

J

justiça 60, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 79, 80

L

legislação 36, 62, 66
 leis 60, 65, 70, 171, 180

M

magias 139
 mercado de trabalho 60
 metodologia 18, 34, 104, 136, 142, 164, 166, 192
 mistérios 139

P

paciente 10, 82, 86, 95, 96, 97, 119, 129, 131, 193
 pensamentos 28, 95, 116, 150, 166, 175, 180, 186, 187
 personagem 9, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 143, 145
 policial 10, 60, 62, 63, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80
 policial civil 10, 60, 62, 63, 70, 71, 72, 73, 76, 78, 79

SUMÁRIO

potencialidades 8, 10, 24, 28, 82, 86, 88, 89, 97, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 126, 131, 132, 134, 147, 150, 161, 177, 189

processo psicoterapêutico 14, 16, 17, 18, 27, 30, 32, 33, 82, 84, 89, 97, 128, 129

profissionais 36, 39, 40, 51, 53, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 79, 99, 162, 190

protagonista 9, 139, 141, 143, 146, 160, 161, 162

psicologia 8, 10, 11, 18, 33, 39, 40, 41, 43, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 85, 99, 135, 136, 141, 144, 162, 163, 190, 193

psicologia jurídica 10, 39, 40, 48, 49, 56, 57, 60, 62, 64, 67, 68, 69, 70, 76, 77, 78

psicólogo 10, 40, 50, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 85, 110, 169, 190

psicólogo policial civil 60

psicoterapeuta 10, 21, 82, 85, 87, 88, 89, 92, 93, 102, 103, 104, 107, 116, 117, 123, 128, 129, 133, 169

psicoterapia 9, 10, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 29, 30, 32, 33, 34, 57, 82, 84, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104, 123, 128, 129, 130, 191

R

realidade 11, 19, 24, 25, 27, 28, 43, 44, 70, 71, 90, 93, 96, 120, 131, 139, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 154, 156, 157, 160, 162, 174, 177, 178, 181, 182, 183, 192

reflexão 8, 9, 36, 47, 69, 73, 103, 175, 186, 190, 192

relação terapêutica 10, 11, 82, 84, 85, 94, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136

relevância 11, 12, 19, 31, 46, 53, 54, 60, 62, 77, 79, 103, 135, 139, 141, 161, 162, 169, 184, 185, 189

religião 12, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 186, 190

religiosidade 12, 166, 169, 171, 173, 174, 186, 190, 192, 193

S

significações 14, 16

significados 16, 19, 21, 135, 170, 182, 189

sujeito 8, 12, 20, 24, 63, 69, 72, 90, 92, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 139, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193

T

terapeuta 82, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 102, 104, 107, 109, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

transcendência 166, 173, 174, 176, 182, 186, 190

transformação 96, 107, 109, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 132, 133, 145, 147, 150, 162

V

vida 16, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 32, 38, 46, 47, 53, 64, 65, 68, 75, 89, 91, 93, 97, 124, 128, 142, 144, 145, 146, 147, 150, 152, 156, 160, 166, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193

SUMÁRIO

www.pimentacultural.com

PSICOLOGIA DA GESTALT

interação entre campos
interconectados